

ORGANIZADORES

ADAILSON COSTA

LIU MOREIRA



GRACA VELOSO

Universidade de Brasília
Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas - CEN/IDA

CARTAS DE MINH'ALMA

**Organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson Costa
dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira**



UnB

Brasília-DF

2025

© 2025 Jorge Das Graças Veloso, Adailson Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira.

Licença creative commons:



1ª edição

Universidade de Brasília

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/IdA/UnB

Campus Universitário Darcy Ribeiro, Complexo das Artes, Bloco A Sala A1

CEP: 70.910-900, Asa Norte, Brasília-DF, Brasil Contato: (61) 3107-6134

Site: www.ppgcen.unb.br

E-mail: secretariapgcen@unb.br

FICHA TÉCNICA

Organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira.

Revisão: Christina Velho

Projeto Gráfico e Diagramação: Djanine Denise de Miguel Silva

Editora: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/IdA/UnB

Bordados e capa: Maria Oliveira Villar de Queiroz

Fotografias: Pardal

Finalização de capa: Djanine Denise de Miguel Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

C322 Cartas de minh'alma [recurso eletrônico] /
 organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson
 Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira
 Siqueira. – Brasília : Universidade de Brasília,
 Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas,
 2025.
 177 p. : il.

Modo de acesso: World Wide Web.
ISBN 978-65-88507-12-4.

1. Artes cênicas. 2. Cartas. I. Veloso, Jorge
das Graças (org.). II. Santos, Adailson Costa dos
(org.). III. Siqueira, Liubliana Silva Moreira
(org.).

CDU 792

memória afeto escuta diferença foco persistência
chegada despedida pertencer acalma
tralidade amor espaço tempo escreve
artistaagem teatro
ngição p
nto chega
estralidade amor
artistaagem pedagogia
rgia teatro dança circo criança
te memória afeto escuta diferença
ngição planetária cura pers
despedida pertencer
tempo

CARTAS DE MINH' ALMA

AMIGA LEITORA E AMIGO LEITOR

Gostaria de te convidar para um passeio. Um caminho que te levará para lugares bem pessoais de cada um dos autores deste livro. Nossa intenção aqui nunca foi fundar conceitos, problematizar teorias e inventar tratados. É tudo muito mais simples e acolhedor, como uma conversa entre amigos no fim da tarde com uma xícara de café. Aqui queremos dizer quem somos. Aqui você verá cicatrizes, feridas abertas, sucessos, dúvidas, angústias, incertezas. Aqui você entenderá nossos dois principais propósitos. O primeiro é aceitar como é delicado e gentil o exercício de se perceber no passado e compreender como sua pesquisa foi se desenvolvendo. Isso nos ajuda a respeitar nossos processos e sermos gentis com nossos avanços que muitas vezes não enxergamos. O segundo propósito é postular a respeito da importância de nos colocarmos enquanto potências afetivas em nossos trabalhos. Somos seres pensantes, mas somos também seres moventes, sofrentes, delirantes e delicados. Um salve à magia de reconhecer que estamos inteiros presentes em nossas pesquisas, no mais íntimo do que somos.

Então pegue algo para beber e sente-se com cada um de nós para conversar.

Um abraço.

Graça Veloso
Adailson Costa
Liubliana Moreira

SUMÁRIO

GRACA
VELOSO

8

ADAILSON
COSTA

20

LIUBLIANA
MOREIRA

34

52

ADA
LUANA

ADRIANA
LODI

64

76

BARBARA
BENATTI

DANILO
MOTA
LINO NILO

102

BELISTER
ROCHA

88

GABRIEL
GOELHO

130

DEBÓRA
VIEIRA

118

KLEBER
BUENO

142

LUCIANA
GRESTA

154

MARIA
VILLAR

168

*“Envergonhado,
escondido, chorei...”*

Graça

*“Você tem minha
admiração sabia?”*

Adailson

*“Na incerteza crie!
‘Pausa’”*

Liu

REALMAR E CELEBRAR
TENCER SENTIMENTOS

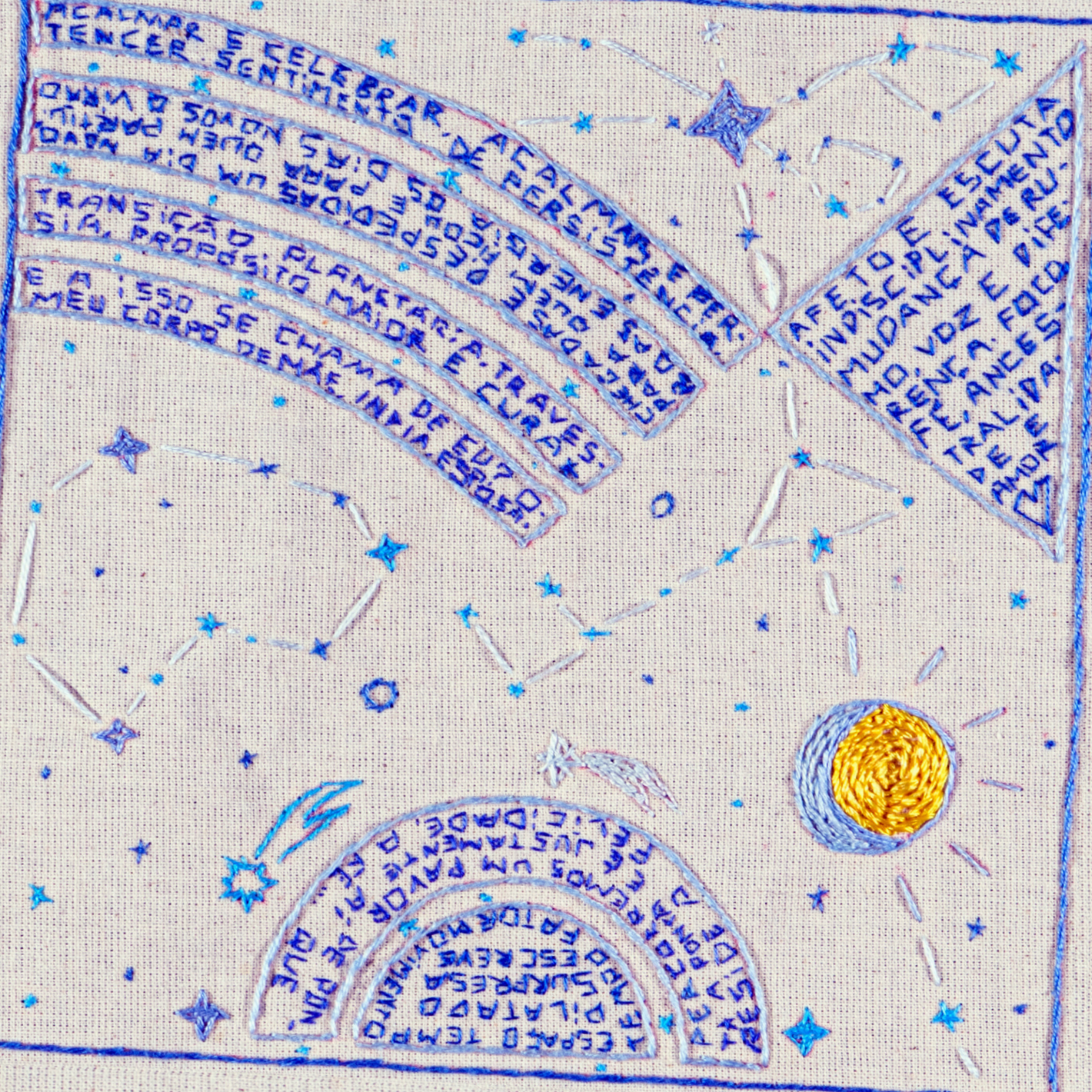
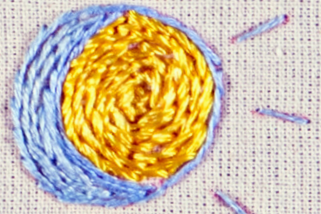
UMA D SODON SWID DE A CALMANE PER.
TIBVO SOADN SWID DE A CALMANE PER.
DADA WID WU SWID DE A CALMANE PER.

TRANSICAO PLANETARIA TRAVES
SIA, PROPOSITO MAIOR E CURA

E A ISSO SE CHAMA DE EU? O
MEU CORPO DE MAE, INIA, ESCOLA.

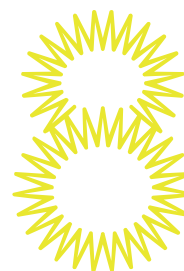
AFETO E ESCUTA
INDISCIPLINA PERU
MUDANCA E ESCOLA
TRABALHO ANCELA
TAR

ESTRUTURAS PARA
CONSTRUIR UM PAIS
DE PAZ E JUSTIÇA



JORGE DAS GRAÇAS VELOSO

Graça Veloso (Jorge das Graças Veloso) é Ator, Diretor Teatral, Dramaturgo. Fez Estágio Pós-Doutoral em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás – UFG, é Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2005) e Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2001). É professor Associado na Universidade de Brasília - UnB., atuando na graduação e nos Programas de Pós-Graduação em Artes Cênicas e Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES. É autor de *Bendito Divino Consagrado: velhos mestres e novos foliões*, pela Trampolim Editora; *A Visita do Divino: voto folia festa espetáculo*; *Benedito: imaginário e tradição no interior de goiás e o teatro gestual da cia dos homens*; em parceria com Jove Benedito Veloso, *Memória recontada*, todos publicados pela Thesaurus Editora, em parceria com Luciana Hartmann, organizou *Pedagogias do Teatro: práticas e reflexões*, pela Editora da UnB.



DE MEUS SONHOS FIZ TRAJETO

Brasília, 01 de julho de 2021.

Querido Jorginho,

Quem lhe escreve estas mal traçadas linhas é você mesmo, de seu futuro, exatamente no dia em que completará 70 anos de idade. Você pensa que irá viver tanto? Pelo que me recordo, não. Quando estiver aqui escrevendo, você terá visto, percebido e feito coisas, vivido relações e ido a lugares que, nestes seus sonhadores 10 anos de idade, jamais imagina. Você que, vivendo neste inesquecível “ranchinho” de pau-a-pique, coberto com folhas de buriti, corre livre pelos campos da Fazenda Aleluia, toma banho nu nas corredeiras e remansos do Ribeirão Palmital, e pesca lambari no Córrego Taquaril.

Você faz lacinho de armadilha para pegar mutum e jacu, chupa gabioba, colhe cajuzinho e cata pequi nos cerrados ainda intocados de Goiás. E, nas lembranças que minha memória escolhe para romantizar uma infância que, apesar das dificuldades, carências e dores, você sabe viver o seu presente como se fosse um tempo de muitos momentos de alegria e encantamento.

Encanta-se com o canto dos urutaus, dos canários se banhando na biquinha do quintal, o piar da jaó no entardecer, as juritis ciscando na mata e o luar, percebido como beleza nos céus e como indicador dos tempos de pescar, cortar o cabelo, podar as fruteiras, bater a palhada¹, plantar e colher. E presença, nas noites de medo de assombração, bolas de fogo descendo pelos cerrados da serra e escuta, esperançoso, a mãe contar o sonho. Ganhou

1 “Bater a palhada” é como são chamados, no interior de Goiás, os trabalhos de limpeza da “roça” manual, no intervalo entre uma safra e outra, preparando a terra para o plantio que se dará na chegada do período das águas. Não confundir com a derrubada das matas, o que é feito no primeiro ano da lavoura.

uma botija de ouro!... enterrada em algum lugar pelo antigo morador do lugar. Durante toda sua vida essa história será presente, assim como o pavor com que escuta o pai contar do encontro que teve com o “Coisa Ruim” ao voltar da cidade, tarde da noite.

Jorginho (assim sua família irá tratá-lo para sempre), na sua simplicidade de menino que vive nos Brasis de dentro, como dizem meu queridíssimo amigo Jota Bamberg e minha amada amiga Alice Fátima Martins, não sabe ainda das consciências que terá sobre a vida, as estruturas de apartação social, racial e de gênero, que chegarão aos poucos, com o passar dos anos. E que um dia lhe farão ter uma noção ética dos lugares que você estará vivendo quando rabiscar estas letras.

Vai demorar, mas chegará um tempo que irá compreender este lugar de privilégios que você sempre ocupará por ser branco, homem, heterossexual e classe média. Saberá que viver num país em que as relações se dão por caminhos do racismo, das LGBTQIA+fobias, do patriarcalismo, dos etnocentrismos diversos, existem muitos grupos sociais que são sempre subalternizados por serem quem são, e o que são. E pode ter certeza, pequeno menino, que será de muitas dores a descoberta de que, muitas vezes, você se beneficiará de muitos destes privilégios que o lugar ocupado por você irá proporcionar. Mas a consciência chegará, e você, depois de muita terapia e muita leitura sobre estes temas, terá que aprender também a se perdoar. Não se desespere, este dia surgirá para você nos muitos embates que a vida irá lhe fazer experimentar.

Eu me lembro dos tempos em que você irá decidir que precisará “vencer na vida” para mudar a história de nossa família. E, obstinadamente, este pensamento será definidor do seu futuro. Durante muito tempo, até sair da linha da pobreza profunda, que continua castigando milhões de pessoas neste Brasil do terceiro milênio, “vencer na vida” tinha para você um caráter muito materialista, pragmático. Palavras que você nem conhece ainda, mas que terão significados profundos em sua existência. Compreensível, pelas carências enormes que você irá experimentar.

Mas um dia, quando as suas necessidades básicas (e as de sua família) estiverem supridas, você terá alguns encontros determinantes. Primeiro o Teatro surgirá em sua vida quando, aos 23 anos, ao assistir pela primeira vez a um espetáculo. Você verá *O que mantém um Homem vivo*², com Esther Góes e Renato Borghi, casal de artistas que irá lhe marcar para sempre pois, ao sair do teatro, bestificado pelo que viu, você definirá: “eu quero viver disto”. Esse será o fio condutor para outro encontro: pouco tempo depois, quando estiver se graduando em Comunicação Social, você conhecerá Chico Expedito e Vera Lia. Mais um casal que será referência, não só artística, mas também de afetos.

Críticos, irônicos, às vezes ácidos, até cruéis com a sua simplicidade roceira, fundarão o Grupo Katharsis, com você e mais alguns amigos para sempre, marcadamente Marisa Carvalho (depois Castro) e, posteriormente, Sérgio Vianna. Você irá mergulhar nos fazeres deste seu primeiro grupo de Teatro. Por muitos anos será um ator stanislavskiano, depois brechtiano (você nem sonha o que é isso!), até que, algumas décadas depois se encontrará com Armino Jorge de Carvalho Bião. Este será seu orientador de mestrado e doutorado. Mais que isto: de 1999 até 2013, quando deixará uma lacuna ao desaparecer prematuramente, será uma espécie de amigo/mestre nos meandros da Etnocenologia (palavrão para você, não?).

Um dia, depois de acreditar por muito tempo que “viver de teatro” seria criar meios de sobrevivência somente com as produções artísticas, você descobrirá que é muito mais que isso. “Viver da arte” será para você uma permanente produção ética, estética e política, tanto nos 21 anos que você viverá como professor de Artes Cênicas na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes (legado de uma grande atriz brasileira), quanto quando você se encontrar em novos rumos na Universidade de Brasília. Quando ali você estiver atuando, por causa da Etnocenologia, você será convidado para um Colóquio Internacional em

² Em 1973, recém-saídos do Teatro Oficina, Renato Borghi e Esther Góes protagonizaram a peça-manifesto *O que Mantém um Homem Vivo?* baseada em obras do Bertolt Brecht como *A Alma Boa de Setsuan* (1941), *Galileu, Galilei* (1943), *Terror e Miséria no Terceiro Reich* (1938), *Ópera dos Três Vinténs* (1928) e *Ascensão e Queda da Cidade de Mahagonny* (1930). Leia mais em: <https://vejasp.abril.com.br/atracao/o-que-mantem-um-homem-vivo/>.

Paris, em 2013. Ao retornar você produzirá um pequeno texto reflexivo sobre o que isso significará para você. Esse texto segue aqui reproduzido:

Eu fui ao Louvre...

E hoje, diante da Joconda chorei... Envergonhado, escondido, chorei... Não que, das obras de arte, seja a Monalisa a que mais me toca, que tem Vitalino, Mestre Eurico, Marliete, Carlinhos Babau, Tião Carreiro e Belmonte, que criou Cheiro de Relva, e tem os impressionistas que me emocionam. E misturadas aos pingos da gélida chuva, andando nas ruas, parado na ponte, por sobre o Sena de tantos falares, lágrimas quentes continuei a chorar. E me perguntei: quem me trouxe aqui? Meu trajeto, eu sei... Foi ele quem me trouxe aqui. Exatamente aqui, que parece receber gente e olhares do mundo inteiro. Mas essa trajetória quem fez? Claro que eu fiz...

Mas quando me lembro do rancho de pau-a-pique, coberto de folhas de buriti, eu sei que quem me trouxe aqui, segurando em mãos trêmulas, foi Dona Zalfa... Sim, que foi ela, na luta e na esperança, nas dores e nas crenças, na fé e na oração, na alegria do trabalho, que aqui veio comigo... Que um dia, tenho certeza, foi ela que este caminho, com linhas e retroses, com lágrimas e dores, as mesmas dores que eu tive, as mesmas dores que dei, mas as mesmas alegrias, as vitórias de cada dia, foi ela, com seu passo incerto, sem saber pra onde ia, que veio na frente, trôpega, mas, com certeza, feliz... Agradecendo a cada dia, a Deus e Nossa Senhora, por este dia chegar, de num lugar como este, ver de perto, mesmo sem aqui por esses corredores passar, ver seu filho amado chegar.

Sim, sem dúvida, diante do altar, que todos parecem orar, pra uma Madona secular, que nem consigo direito enxergar, mas pelo sentido que tem, pra tanta gente sonhar, foi ela, Dona Zalfa quem me trouxe até cá. E chorei. Revendo cada um de vocês meus irmãos tão distantes e meus filhos com suas dores, envergonhado, chorei. Que nem sei este retrato contemplar, como todos obrigam fazer, mas pelo que é, por onde está, pelo que dizem ser, envergonhado, chorei, somente por aqui chegar. E nem creio ser por mim, mas por ela,

que junto comigo, até hoje chora por ele, meu pai que sempre pedia proteção ao Divino Pai Eterno, e pela falta que ele faz.

Quem me trouxe aqui, me pergunto pr'arrematar. Foi a Fati, ele responde de algum lugar... Foi ela, meu filho, que sei o que fez, somente por tanto amor, que ela sempre teve para dar. Foi ela que vi, em noites insones, num pedal a badalar, camisas, calças, saias, vestidos e blusas, com mãos de quem sabia que conduzia, e sonhava que um dia isto iria concretizar... O sonho de ver, mesmo sabendo de Marliete, dos mestres de cantoria, de catiras e benditos, de tanta coisa a me rodear, foi ela quem teve o sonho de ver um filho tão longe chegar. Eu nunca tive tanta certeza de que, com o amor que levei tanto tempo pra entender, quem estava ali, diante de uma Madona enclausurada, nem era eu. Eram elas, as mães... E Dona Zalfa, com seu terço a rezar.

E você verá, Jorginho, que este texto continuará sendo meio que referência tanto nos diálogos proporcionados pela Etnocenologia, que preconizam as trajetórias pessoais como fundantes para as pesquisas, quanto em suas relações pessoais. Verá que essa Etnociência (mais um palavrão!) será revolucionária em sua vida. Como irá compreender um dia, quando escrever, citando Jean-Marie Pradier, que “a Etnocenologia é uma disciplina maravilhosa”. Ela, a Etnocenologia, foi criada para retirar as pesquisas cênicas de uma espécie de “teatrocentrismo”, em que todas as artes do espetáculo e todos os ritos espetaculares, folguedos e brinquedos cênicos, eram estudados a partir das referências teatrais.

A partir de sua formulação, quem a abraçou como referencial de investigação passou a tratar as regras gerais de cada manifestação como sendo próprias de cada uma delas. Como você falará também em outros escritos, novamente dialogando com Armindo Bião. São noções, proporcionadas pela Etnocenologia, de que suas aproximações se dão antes de tudo pelo diálogo e pela escuta. E é essa escuta, sensível, que nos leva a adotar, como pressuposto básico e fundante, o reconhecimento de que cada indivíduo e cada grupo social ocupa o lugar que ocupa por direito, inalienável, inquestionável e intransferível.

Daí advém o exercício de seus lugares de fala. Ao expor aspectos que diferenciam a Etnocenologia de outros conjuntos de saberes e metodologias, Armindo Bião explicita o que os aproxima:

[...] *Mesmo discordando dos aspectos generalizantes vistos, por exemplo, nos Estudos da Performance, ou na polissemia da própria palavra, ele elenca um conjunto de posturas que, hoje, compreendo como sendo a base para o reconhecimento da alteridade, preconizado por todos eles. Prefiro também denominar o artista do espetáculo, ou o participante ativo da forma, ou arte espetacular, com as palavras usadas pelos próprios praticantes dos objetos de nossos estudos, quando se autodenominam atores, dançarinos, músicos, brincantes, brincadores, sambadores e outros. Prefiro sinceramente isso a usar outras palavras já sugeridas: performer, actante, ator-dançarino ou ator-bailarino-intérprete, por exemplo. E à palavra performance, tão polissêmica (Cohen 240-243), prefiro, sempre, usar espetáculo, função, brincadeira, jogo ou festa, conforme quem vive e faz chama aquilo que faz e vive (BIÃO, 2011, não paginada).*

Ao que você ainda, em outro momento, escreverá acrescentando: “Para as narrativas da alteridade, os saberes e fazeres culturais, na sua pluralidade, são reconhecidos por suas falas internas, formuladas pelos próprios fazedores. Neste universo, onde reconheço que se localizam as proposições da Etnocenologia, para as artes cênicas, da Etnomusicologia, para a música, e da Cultura Visual, para as Artes Visuais, cada prática se constitui por uma lógica interna e por elementos constitutivos singulares a cada uma delas. Aqui, como não se formula um pensamento generalizante, cada manifestação é estudada a partir de seu interior e do que compreendem que estão fazendo os seus fazedores. E as referências teóricas são todas as que possibilitam os diálogos a partir deste deslocamento do lugar de fala.

Finalmente, me estabelecendo nesse último grupo, de reconhecimento do direito que o outro tem de exercer sua própria narrativa, levanto a questão da utilização de léxicos

próprios a cada fazer e a cada grupo de fazedores. Inegavelmente, toda e qualquer manifestação expressiva humana, seja ela tradicional (das antigas ou das novas tradições) ou não, tem um léxico próprio, que é capaz de dar conta de tudo que lhe diz respeito. Não estou, com isto, negando o direito que seus fazedores têm de incorporar definições de outras áreas. O que estou afirmando é: o que melhor define o saber e o fazer de cada grupo cultural é o léxico adotado por eles mesmos”.

E será assim que, tendo este novo campo de saberes como seu aporte teórico-metodológico, você retomará sua trajetória de encantamento com os fazeres de sagração para mergulhar numa interminável pesquisa sobre as Folias do Divino Espírito Santo. Sobre isto, um dia, em sua tese de doutoramento, você irá escrever que “O local é o entorno goiano do Distrito Federal, nos municípios de Novo Gama, Santo Antônio do Descoberto e Luziânia, tendo como ponto de partida e de chegada o primeiro, em terras do que foi um dia o julgado de Santa Luzia, por muito tempo conhecida como “das marmeladas”. O fato é que, por volta do 20º dia do mês de maio, há aproximadamente 30 anos, centenas dos moradores das mais diferentes moradias da região, das mais pobres às mais ricas, têm a sua rotina alterada por um acontecimento longamente esperado.

Rompendo com o ordinário de seu cotidiano, várias fazendas e sítios recebem, durante mais de 10 dias, duas bandeiras vermelhas, cada uma com uma pomba branca pintada no centro. Elas são conduzidas por homens e mulheres que rezam, cantam e pedem esmolas em nome de uma santidade sempre presente nas invocações de um grupo muito especial de fiéis, os devotos do Divino Espírito Santo. Assim, com o nome de Folia do Divino, esta é uma procissão precatória, votiva e rogatória, que vai de casa em casa nas cidades do interior, em bairros de algumas metrópoles, e, como no caso aqui visto, no meio rural de várias regiões do Brasil”.

Nas Folias do Divino Espírito Santo, além da própria descrição do fenômeno, que se dará durante seu doutorado, você se debruçará sobre os processos de substituição dos velhos mestres por novos foliões. Isto se dará num Estágio Pós-doutoral na Universidade Federal

de Goiás, sob a supervisão da amada Alice Fátima Martins; pesquisará sobre os cantórios nos velórios dos foliões; sobre o papel das mulheres folionas e sua atuação em funções de obrigação; sobre a presença das crianças; sobre o poder da imagem nas relações de pertencimento ao grupo, e sobre o encantamento dos afetos que os participantes sempre demonstrarão ao exercitarem seus saberes e fazeres para estar juntos.

E será ainda a Etnocologia que lhe trará a este lugar de organização deste livro, com o querido Adailson Costa e a querida Liu Moreira. Que assim se dará: no ano pandêmico de 2020, quando toda a Escolarização no Brasil se fazia de forma remota, caberá a você a oferta de uma disciplina a doutorandos e doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/UnB. Agradecendo à colega Fabiana Lazzari, que irá falar dos trabalhos epistolares, você fará a seguinte sugestão: “escrevam uma carta endereçada a vocês mesmos/as no remoto passado de suas infâncias”.

E, assim feito, caberá a você, no seu distante futuro, o difícil papel de falar. Sucintamente, do que cada pessoa terá escrito e oferecerá à leitura. Você verá que será um grande privilégio compartilhar este Cartas de Minh’alma. Espere, viva sua vida e, quando chegar a hora, deleite-se com a beleza dos escritos produzidos por pessoas de tantos afetos.

Ada, ou A Coisinha, escreverá uma carta sobre o fato de que nem sempre as coisas mais fáceis são as mais belas. Sobre as várias travessias de portais e sobre as migalhas de pão que deixamos marcando o caminho. Sobre ser mãe e ter medo de não ser mais você mesma. Sobre ir quebrando tudo na trama do drama e da academia.

Adailson escreverá para seus medos, os medos que chegaram, os que vem e os que foram. Falará sobre sua voz, uma voz que não para de dizer nunca, mas que sempre para de falar quando precisa. É sobre as amarras que rompeu para chegar à vivência da tese de doutorado, mas também é sobre silenciamentos, dores, experiências, perdões. E muita trilha sonora.

À deriva, **Adriana** nos conduzirá pela expedição das suas experiências artístico pedagógicas. As expedições de como as artes cênicas entraram na sua vida. Ela nos mostrará que, pelos caminhos das práticas compartilhadas horizontalmente, o mundo mudará. E, entortando a grafia, criando atos autobiograficcionais, ela nos levará aos dilemas das redes e do ofício de uma docência performativa e sua potência transformadora de vidas e encantamentos.

Bárbara, numa carta potente e emocionada, numa quase homenagem a Cida Lopes, refletirá sobre sua internalização da defesa dos feminismos. Entre Dark e os atravessamentos que a ida ao campo nos trazem, emergem a Mamulengo Terapia, a Aromaterapia e as Ervas Medicinais para entender e lidar com as demandas, medos, incertezas.

O tempo conduz **Belister**, desde menina, a percorrer a pé seus caminhos. Nessas andanças, encontra uma flor vermelha entre os escombros, o que a faz a mulher-esqueleto que vai trabalhar na carreira do magistério com os estados corporais em processos criativos. É um traçado pontilhado com algumas lágrimas que trazem à tona suas percepções expressivas das corporeidades em permanente movimento.

Uma carta em trânsito a caminho do seu destinatário, Vianinha, nos trará **Danilo** que relatará um sonho que se inicia com sua chegada à capital do Brasil, o que o faz sonhar e trazer à tona sua angústia ao escrever, ser e sonhar sua tese. Uma tese que ao mesmo tempo é abismo, é lacuna sem explicação. Danilo é sua própria tese ao avesso, numa citação incomodada, seca, reta, torta, com narinas desidratadas e famintas.

Debora, de forma bem-humorada, fará referência ao filme *De volta para o futuro* para informar que trazia em seu relato boas e más notícias, além de contar um pouco sobre o andamento da sua pesquisa do doutorado. Uma verdadeira viagem no tempo. Debora escolherá a frase “Porque eu só preciso de pés livres, mãos dadas e olhos abertos”, de Guimarães Rosa, para nortear sua carta, e assim vislumbrar o movimento de vida que permeia sua pesquisa de doutorado até o momento de sua missiva.

Gabriel relatará, em belas palavras, a lembrança saudosa dos momentos em que atravessava seu portão, sem medo, com desejo, ambição, pretensão e coragem. Sou rotina diária ao fim da tarde para pesquisar, estudar e espetacularizar números de malabarismo com tochas nos semáforos de trânsito da capital goiana antes do início da pandemia de Covid-19. Gabriel nos trará ainda um rico debate sobre a dramaturgia circense como uma linguagem que explora habilidades físicas extra cotidianas para provocar o jogo entre artista e público.

Estudos, exercícios, leituras, escritas e práticas de pesquisa, será o caminho escolhido por **Kleber**. Ele afirmará como são salutares e impulsionadores estes atravessamentos e suas polinizações, ainda que alguns destes estudos se distanciem dos objetivos inicialmente traçados. Optará por revisar e recapitular de forma cartográfica as produções concretizadas a partir de oscilações entre carta, poesias, relatos, resenhas, protocolos, inventários, ensaios visuais, notações, produções audiovisuais e sínteses teóricas.

Liu trará à tona o movimento dançante de um corpo feminino em crise. Através de seu corpo-casa ela se abre, tenta perder o controle, se deixando experimentar. E o corpo, rizomaticamente, se percebe em um ninho. Esse corpo que todo dia faz tudo passou a também tecer ninhos, criar ninhos, encontrar ninhos e experimentar ninhos. Tudo isso junto às meninas e mulheres suceiras de Natividade, cheias de seus saberes e fazeres que ocupam de sentido os desertos, os silêncios e os vazios que o mundo passará em 2020.

Falando à “querida e pequena Lu”, de forma poética e muito sensível, **Luciana** nos emocionará com sua trajetória de vida. Apesar de todas as dificuldades ela “sonha com a beleza e o encantamento que somente olhos tão esperançosos, como os seus, são capazes de sonhar”. É duro descobrir que a vida não é aquele conto de fadas que tantos de nós imaginamos, mas ficará claro ao longo de sua carta o tamanho da garra e da força daquela pequena Lu.

Assim começará **Maria**: “eu também sou Maria Villar. Escrevo uma carta para mim, mas ao contrário do Mestre Mario, não consigo escrever esta que segue me tratando por

você”. De forma crítica, Maria nos trará um desabafo relacionado às questões político-sociais e econômicas vivenciados pelos Brasil em meio à crise pandêmica da Covid-19. Ela nos trará a dificuldade de dar continuidade e se questionará se a pesquisa sobre a Tolda, a Roda e o Estandarte, não deveria ser colocada de lado e a vida ser vivida à indignação.

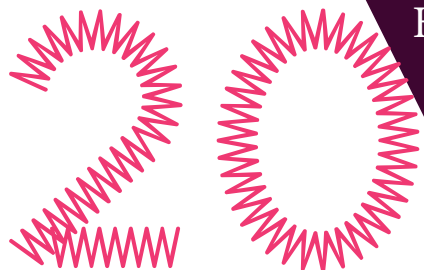
Querido infante de mim mesmo, quando você estiver lendo estas cartas, de pessoas tão queridas e de tantos afetos, você talvez venha a compreender um pouco melhor a trajetória, difícil, mas feliz, que você irá traçar ao longo da vida.

Com muita saudade,

Graça Veloso.



Adailson Costa é Bixa, Preta, Gorda, Professor, Pesquisador, Diretor e Ator. Paraibano, possui Licenciatura e Bacharelado em Teatro pela UFPB. É mestre em Performances Culturais pela UFG e, atualmente, doutorando em Artes Cênicas na UNB. Desde 2017 atua como professor da Licenciatura em Teatro e na Pós-Graduação Lato Sensu em Arte Educação no Campus Gurupi do IFTO e, desde 2019, é coordenador da referida pós-graduação. É membro do grupo de pesquisa AFETO - Grupo de Pesquisa em Etnocologia sob orientação do professor Graça Veloso e, desde novembro de 2021, atua como segundo pesquisador coordenando a linha de pesquisa Afrocenologias. Desde 2002 desenvolve trabalhos nas áreas de teatro, dança, música e teatro musical em diversos grupos na Paraíba e em Goiás, nas mais diversas funções dentro dos espetáculos. Atualmente pesquisa as áreas de Etnocologias, Culturas tradicionais, Pertencimentos, Afrocenologias e Histórias do teatro na cidade de Gurupi/TO.



ADAILSON COSTA DOS SANTOS

VOCÊ TEM MINHA ADMIRAÇÃO SABIA?

(Ao leitor desta carta: *este texto tem trilha sonora. A tecnologia ainda não me permite incluir os que não podem ouvir, por enquanto me desculpem. Então se puder ouvir, sempre que possível, escutem as músicas indicadas pra entender o que quero “sentir quando digo”*)

[Comece ouvindo *Elephant Gun* do Beirut.]

Em geral a gente diz que as primeiras linhas e palavras de um texto são essenciais para você continuar lendo. Estas aqui são as primeiras linhas, colocadas para você se apaixonar. Mesmo que isso não vá acontecer eu te dou um spoiler de que você vai gostar do final, então continua lendo.

Esta carta é pra você mesmo, caro Adailson de 2019. Querido (às vezes) amigo que segue comigo nesta relação muito estranha que criamos nos últimos 28 anos. É pra você que eu escrevo esta carta de amor. Na verdade, esta carta serve mais para você ter esperança, quase como aquela sequência de filme dos *Jogos Vorazes: a Esperança Parte 1 e Final*¹ que, como no seu caso, transformam-se as visões sobre algumas certezas, e que também poderiam ter sido mais rápidas e resumidas pra você entender melhor.

Vamos dizer que vou me inspirar em *Kill Bill*² e entregar uma cena sem explicação no começo, mas que é fundamental para a história, mas você só vai entender depois, se prepara, vamos lá: conta pra ele seus traumas. Corte rápido na narrativa da imagem e aparece na tela e letras garrafais: “em algum lugar do passado”.

1 Jogos Vorazes, é uma série de filmes americana baseada nos livros homônimos da autora americana Suzanne Collins. São quatro filmes, sendo os dois últimos Jogos Vorazes: A Esperança – Parte 1 (2014) e Jogos Vorazes: A Esperança – O Final (2015).

2 Kill Bill é uma sequência de filmes norte-americano do roteirista e também diretor Quentin Tarantino lançados em 2003 e 2004.

Agora voltamos pra 2019, quando você se organizava sem esperança nenhuma para construir um projeto de doutorado, eu vou te ajudar a entender o que estava passando no filme da sua cabeça. Você está acreditando que o projeto de pesquisa surgiu do nada na sua vida. Que do dia para noite você se interessou por um tema de cultura do estado onde você está morando, o Tocantins. Eu vou te levar em uma regressão pra você prestar atenção no que te fez chegar a este lugar, e depois disso vou te contar o que você fez deste projeto.

[Pensa na música *Only Time* da Enya que você odeia, mas que cabe perfeitamente neste clima.]

Fecha os olhos, respira fundo e só escuta minha voz. Nós vamos voltar 10 anos exatos, chegando até 2009. Você, quase completando 18 anos, estava no primeiro ano da sua graduação em Teatro na Universidade Federal da Paraíba, e começou a se apaixonar por alguns assuntos que te ajudarão a entender algumas coisas. Você rapidamente se apaixonou por um professor, não pela pessoa, mas pela forma como ele te contava que as coisas se encaixavam, como você ia criando um filme na sua cabeça com a narrativa dele. Este era seu primeiro professor de História do Teatro, o querido Everaldo Vasconcelos. E foi aqui com o Everaldo que, talvez, você tenha iniciado seu romance com a história por detrás das mudanças.

Algumas outras coisas são importantes neste primeiro momento, e mais uma personagem vai surgir para transformar seu contato com as narrativas de um jeito que só aqui, em 2020, eu consegui entender. A professora Valéria Vicente, recém chegada em João Pessoa, vai trazer com o corpo frevo dela um desejo de conhecer e respeitar narrativas históricas, e você vai se lambuzar e ferver consumindo muita coisa sobre este jeito de entender o momento em que se vive. Você inclusive vai passar dois anos orbitando o projeto Memória do Movimento, que conta a história da dança na cidade de João Pessoa, e já aqui você vai perceber que a melhor forma de entender o desenvolvimento ou surgimento de algo é se debruçando sobre as narrações, e sobre a vida destes artistas.

Estes personagens irão te conduzir pela paixão em relação a historiografia e as narrativas. Você vai ser jogado de um lado para o outro, mas vai realmente gostar das aulas de danças populares e de história. E aproveita, seu corpo nunca mais estará em tão boa capacidade física.

Estas relações vão te fazer virar um amante da história, e inclusive, com bastante humildade, vão te tornar um bom professor de história do teatro no futuro. Essa apreensão que você adquire aqui, de que somos construções de muitos caminhos que percorremos, será essencial para duas coisas: pra você entender e gostar de ouvir a história da vida das pessoas, e pra você dar conselhos meia boca sobre o tempo das coisas e necessidade de aguardar as transformações, pra seus amigos, fingindo que é super entendido dos babados.

[Dê uma pausa, tome uma água e se possível aprecie a canção *Frevo Mulher* de Zé Ramalho até o final, você vai precisar desta felicidade daqui pra frente.]

Anos depois você vai sair em retirada para outro estado deste Brasil, quase como um enredo escrito por João Cabral de Melo Neto, afinal de contas a primeira coisa que te disseram foi “chegou atrasado, deve ter vindo de jegue (risos. Somente deles)”. Xenofobia. Palavra nova que você descobriu, mas que rapidamente ia se juntar a uma chicotada de racismo e uma lâmpadada de homofobia. Este capítulo da sua jornada vai ser mais manchado do que a reputação de Calabar.

[Dê o play em *Beradêro* do Chico César. Não precisa entender, precisa sentir.]

Aqui nesta jornada de mestre você vai se encontrar com uma das mais pesadas realidades de “apoio” e esta relação precisa ser contata, primeiro para que que não se repita, e

segundo, para você entender alguns babados deste seu momento atual. Como diz a bíblia, “quem tem ouvidos para ouvir, ouça”


O ano aqui é 2014 e você vai ter que aprender a lidar com os autoritarismos, a incompreensão e as pressões psicológicas vindas de alguém que julgava ser essa uma forma de fazer alguém produzir. Você acaba chegando em uma pesquisa sobre emoções, mas pouco consegue controlar as suas próprias quando escuta “cala a boca”, “não fala comigo” e “este trabalho está uma merda”. Aqui, de um outro personagem, inominável, você escutará que os jovens não sabem ser discípulos, que eles não deviam pensar e/ou tomar decisões sobre suas vidas. Aqui você absorve de mais um dos personagens que não se deve ter relações afetivas pra não atrapalhar a pesquisa, “ou se pesquisa ou se ama?”. Aqui você descobre que é uma porcaria de pesquisador, e que sua pesquisa é ruim, sendo que você não tinha passado das primeiras linhas ou do primeiro slide da simples apresentação que você fez. Aqui você descobre que uma mulher não deve ser levada em consideração pela sua roupa (desculpa colega por não ter conseguido falar nada, por ter silenciado naquele momento, foi medo, sempre era por medo, eu acabei por contribuir com isso por ter deixado eles te tratarem assim). Aqui você entende o que é assédio sexual e como ele acontece às vezes na universidade. Aqui você escuta histórias e histórias e histórias e histórias e aqui, aqui você chora e se dá conta que não quer isso pra sua vida. Aqui você desiste, mas insiste e consegue. Sai com títulos, diploma e dor. Sai com medo do hierárquico, sai com medo de errar, sai querendo gritar.

PAUSA
UM GRITO
UMA OU DUAS LÁGRIMAS

“Lembrar disso ainda dói”

[No escuro, quietinho, sente o que quero dizer ouvindo
Víbora da Tulipa Ruiz. Essa guitarra somos nós!!!]

PEÇO A VOCÊ QUE FAÇA
2 MINUTOS DE SILÊNCIO
E PENSE QUANTAS VEZES
VOCÊ JÁ QUIS APENAS
PARAR E
(RES)PIRAR.



Esta página é um ponto solto nesta carta. Vamos fingir que isso aqui é um livro e que existe alguém além do Adailson lendo. Esta página é sua, sim, leitor imaginário, pode escrever, desenhar, como quiser registrar aquilo, em você, que gostaria de perdoar.

(Pegue um lápis, escreva e deixe aqui até você se perdoar, se precisar apague e renove os perdões. [Exercite escolher você a trilha deste momento a minha é *Feeling Good* da Nina Simone])

Se perdoar é difícil, não é?

Neste ponto eu retomo o relato que vai te ajudar a se entender. Antes um agradecimento especial à personagem Adriana Fernandes, ela vai te ajudar no meio deste turbilhão todo a saber que você é forte, e que o mais importante é você sentir prazer em pesquisar.

Olha, foi difícil, mas alguma coisa boa você tirou desta loucura. Aqui você começou a entender conceitos de cultura vindos da Antropologia, da Sociologia, da Filosofia e do próprio campo das Performances Culturais. Você saiu daqui um pesquisador performático, você via performance em todos os lugares.

[Lembra de você sofrendo com *Não Lugar* da Ellen Oléria neste exato momento no tempo? Escuta ela bem aqui e segue.]

Anos depois você iniciou outra retirada, outro caminhar pelas veredas pra chegar na terra do bico de Tucano, ou Tocantins. Sim, confesse, você nunca tinha dado o devido respeito ao Tocantins antes de desembarcar nestas terras. E sua chegada aqui tem um outro marco pra construção do seu Eu pesquisador de 2019. Você se perguntou, “Tá, mas o que tem de cultura no Tocantins”, e precipitadamente alguém desinformado lhe disse que nada. E você não se contenta com nada. Você notou que, na verdade, você só tinha um péssimo interlocutor, por que meses depois, você ia ser bombardeado por tanta cultura de tantos os tipos que ia quase explodir de tanto consumir, se não fosse por um detalhe, seu trabalho não te dava tempo de pesquisar nada daquilo.

E aqui foi acordando um pesquisador que tinha um desejo latente de criar projetos de pesquisa pra poder ver e falar sobre lugares que você não conhecia ainda. Devo lhe dizer que isso era o bichinho do amante de histórias que estava acesso em você. Mas você foi se chocando com o quanto NINGUÉM se interessava em pesquisar isso com você. E você adormeceu a ideia. Você desistiu de entender a cultura do Tocantins e dedicou-se puramente ao seu trabalho.

[Mais música você acredita? *Dois Cafês* da Tulipa Ruiz com o Lulu Santos.]

Um personagem vai surgir na sua vida como o “diabo na rua no meio do redemoinho”³, ele é quase um Matheus e tem nome de personagem de livro, Taiom Tawera. Em um sábado qualquer, por um motivo qualquer vocês chegam até o assunto da vivência de artista dele. Aqui você vai descobrir sobre o pai do Taiom e, de repente, você vai ser tragado por uma das viagens mais loucas e instigantes que você já tinha ouvido sobre o Tocantins. Você vai descobrir que seu colega faz parte da história viva da festa dos Bonecos Gigantes do distrito de Taquaruçu, criada pelo pai dele, o Sr. Wertemberg Nunes. E vai tentar extrair dele o máximo de informações possíveis. Aqui seu personagem que ama histórias e culturas vai ressurgir. Seu pesquisador performático vai começar a dialogar e aplicar conceitos a tudo, mesmo sendo um tudo que você nunca viu, mas ouviu, e você adora ouvir histórias.

Um bom tempo vai se passar e você vai voltar a pensar em pesquisa, mas quem é que vai conseguir e querer pesquisar sobre este assunto. Ninguém aparece. Meses depois você desiste e se volta, novamente, para seu trabalho. Algum tempo depois você descobre uma seleção de doutorado na universidade que você mais queria estudar, UNB, e após dias tentando decifrar o que poderia pesquisar você vai finalmente pensar: “Nossa, imagina se eu propor uma pesquisa sobre performatividade e teatralidade nos bonecos Gigantes de Taquaruçu”. Pronto, tema pensado, bora partir para escrever o projeto. Projeto pronto, inscrição feita, prova realizada, entrevista concedida, aprovado.

A.P.A.V.O.R.A.D.O.

O primeiro golpe de medo é a lista com o nome do seu orientador, Graça Veloso. Mais um homem, gatilho. Este seria o próximo homem que você ia ter que enfrentar. O próximo homem com o qual você não ia conseguir conversar. E tudo foi só ladeira abaixo quando você enviou um e-mail que nunca teve resposta (hoje você sabe que o endereço de e-mail estava errado). E foi tudo piorando quando no primeiro dia de aula

com seu orientador você descobriu que o campo de estudos dele não era o mesmo que o seu. E você, um pesquisador performático estava de frente com um campo chamado Etnocenologia que você nunca havia ouvido falar. E os primeiros minutos conversando com seu orientador te fizeram ter certeza que seu projeto “performático” não ia rolar. Viu que seu medo estava certo. Você só conseguia pensar que seria mais uma série de imposições, reclamações e dores durante o doutorado. Por que tinha que doer tanto né? E isso perdurou por bastante tempo. Você permaneceu boicotando sua pesquisa, parecia estar nela, mas não estava. Passou seis meses fingindo que sabia pra onde ia caminhar, mas a gente sabe que conhecer um novo campo teórico não é fácil.

[Você se sentiu ouvindo *Comigo Ninguém Pode* de MC Tha.]

E aqui eu teria uma dica pra você: assuma quando você não estiver entendendo. Seja um estudante mais próximo do que você gostaria que seus estudantes fossem. Se existem pessoas com paciência pra responder, repetir ou esclarecer o que a gente não sabe, pergunte. Mas se você não falar, como ele vai conseguir entender suas dúvidas? E você tem tantas dúvidas sobre o que é esta tal de Etnocenologia.

Você, como um participante da reunião dos pesquisadores performáticos anônimos, teve que assumir seu completo lugar de recorte, onde você só conseguia, na fissura, enxergar performance em todos os lugares. E isso não é um problema, só íamos ter que aprender um meio termo. E surpresa, ele veio. Você é bom quando não conhece alguma coisa e cai de cabeça. E no final deste primeiro semestre você entendeu que existia uma compreensão da Etnocenologia em você, você começou a vislumbrar alguma coisa que fosse possível na sua pesquisa.

Infelizmente eu tenho que te dizer, tudo vai parar. Uma coisa invisível vai chegar, e como você ouviu do seu orientador no primeiro e único contato presencial que vocês tiveram, “nós não sabemos o que o futuro nos reserva, e pode não ser bom”. E não foi. Vou tentar resumir este período todo com o que já entendi dele: MORTE, MEDO, DOEÇA, FALTA DE AR, EXCESSO, CLOROQUINA, NEGAÇÃO, GRIPEZINHA, COLPASO,

ISOLAMENTO, ÁLCOOL, RECESSO, EAD, AFASTAMENTO, MEDO, MÁSCARA, PAPEL HIGIÊNICO, TUDO CHEIO, TUDO VAZIO, MAIS MORTES, MUITO MAIS MORTES, CANCELAMENTO, PARA TUDO, COVID, CHINA, VACINA, NÃO, ANTI, BUTANTÃ.

GENOCÍDIO

GE·NO·CÍ·DI·O

substantivo Masculino

- 1 - Destruição total ou parcial de um grupo étnico, de uma raça ou religião através de métodos cruéis.
- 2 - Eliminação de povos com utilização de prevenção de nascimento, desaparecimento de crianças e condições subumanas de vida. (GENOCÍDIO, 2021)⁴

GENOCIDA

GE·NO·CI·DA

substantivo masculino e feminino

- 1 - Pessoa que ordena ou é responsável pelo extermínio de muitas pessoas em pouco tempo.
 - 2- Pessoa que cometeu genocídio, quem deliberadamente ordenou o extermínio de um grande número de pessoas, [...]
 - 3 Adjetivo – Aquele que produz genocídio, aniquilando grupos humanos através da utilização de diferentes formas de extermínio: pobreza genocida.
- Etimologia (origem da palavra genocida). A palavra genocida deriva da junção do prefixo geno-, com o sentido de “tronco, família”, e do sufixo -cida, “que mata, extermina”.
- Genocida é sinônimo de: assassino, homicida, facínora. (GENOCIDA, 2021)⁵

Sim, não está sendo fácil. A gente ainda não sabe muito bem como as coisas vão acontecer. Está tudo uma loucura aqui. Você chorou como uma criança no meio disso tudo com um pequeno relato apresentado em uma música do rapper Baco Exu do Blues chamada *Amo Cardi B e Odeio Bozo* (O que é uma verdade).

4 GENOCÍDIO. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2020. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlDLPO>. Acesso em: 22 de julho 2020.

5 GENOCIDA. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2020. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlDLPO>. Acesso em: 22 de julho 2020.

Irmão, eu memo moro na Cracolândia, tá ligado, desde pivete
E nunca vi mudar, tio, sempre a mema fita
É uns tendo a mesa farta no café da manhã
Outros guardando o café pra comer no almoço
Nem sabe se vai ter a janta, tio
É muita barriga roncando de fome e muitos roncando de barriga cheia
Isso que é foda, irmão
Mas tá ligado, veinho, nós tá seguindo na luta aí
Eu memo, tô, tenho o meu teto aqui, né não, cachorro?
Querendo ou não é um certo privilégio
É a rapaziada que nem, às vezes, tem um lugar pra cair, pra bolar um descanso
É foda, irmão
Mas tamó junto, negão
Tá ligado, aquele abraço

Foi muito difícil lidar com o medo, com a tristeza, com o medo de morrer, com o medo de seus mais próximos morrerem. E no meio disso tudo vão te forçar a trabalhar, vão te forçar a forçar outras pessoas a estarem bem no meio do caos. Uma das poucas coisas que você vai ter muito prazer é voltar a se reunir virtualmente com sua turma. E aqui você vai ter o segundo grande choque, que é voltar a cursar uma disciplina coordenada pelo seu orientador. Bum!

A sua grande dificuldade com seu orientador é que você não consegue falar com ele. Com o tempo, com o caminhar da disciplina você vai notar que a questão não estava necessariamente nele, mas nos traumas que você trazia consigo. Mas você precisa falar disso com ele. Lembra do spoiler que eu apresentei no começo da carta? Eu disse “conta pra ele seus traumas”.

[Escuta Áudio de desculpas da Manu Gavassi, sim é isso mesmo, confia].

- *“Boa noite, Graça. Eu queria me apresentar. Eu sou o Adailson e eu tenho muito medo de ... foram tantos medos contados, tantos recortes abertos. Mas algo te marcou muito.*

-Quero um bom relacionamento com você e que você se sinta bem com o que está fazendo, a pesquisa vem em segundo lugar.

Respira. Aliviado. Você conseguiu.

E foi apresentando quem você era que descobriu quem o outro era. E foi contando seus medos e traumas que você descobriu que um trabalho conjunto de pesquisa tem mais a ver com amor pela pesquisa, com parceria, com a colaboração do que com obedecer, alimentar egos, tremer com gritos e aguentar assédios. Abrir-se e assumir quem você é e suas fraquezas é tão mais forte que até te ajudou a entender seu primeiro caminho na pesquisa.

Você se sentiu acolhido, ouvido e pertencente. Pertencer, essa foi a palavra que você descobriu e mudou todo seu roteiro de pesquisa. Hoje, em 2020, você pesquisa sobre pertencer, sobre os bonecos gigantes como um lugar de pertencer do Sr. Wertemberg Nunes. Sim, eu não tinha falado dele ainda pra guardar um fato importante pra este momento. Você conseguiu conversar com ele, via tela de cristal líquido de 15,6 polegadas, mas você conseguiu. E você se apaixonou pelo que ouviu, você percebeu que se fazer pertencer era também o que ele buscava quando criou o que hoje, quase 20 anos depois, você se debruça pra estudar. Quem poderia imaginar que vocês dois, com caminhos tão distantes e separados espacialmente, estavam apenas buscando pertencer. Sentir-se parte de algo. Livre e com vontade de artistar.

Seu saldo de 2020 é engrandecedor menino. Você conseguiu transpassar uma barreira quase intransponível do medo, o medo de errar, o medo de falar com seu orientador, o medo de conversar com seu principal colaborador na pesquisa, o medo de ficar doente e morrer. Você hoje consegue escrever esta carta pra você mesmo entendendo como chegou a este desejo de pesquisa, você consegue dialogar sobre

sua pesquisa, você consegue entender seu eu pesquisador, você está conseguindo.
Espero daqui a dois anos poder rescrever pra você.

Você tem minha admiração sabia?

Adailson Costa - Dezembro de 2020

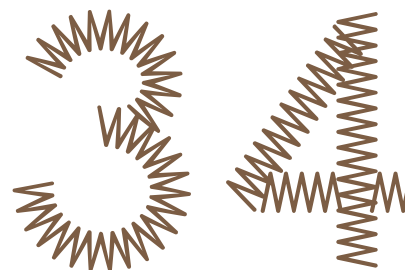
[Finalize sorrindo ao som de *Você não existe* da Potyguara Bardo]

[Abaixo QR Code para playlist com a trilha sonora do artigo na plataforma digital
Spotify]



LIUBLIANA SILVA MOREIRA SIQUEIRA

Bailarina, Coreógrafa, Pesquisadora em Artes e Produtora Cultural. Bacharel e Licenciada em Dança pela Universidade Federal de Viçosa (2005-2009). Mestrado em Artes e Doutorado em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília-DF. Pós-graduada em Linguagens, Cultura, Educação e Tecnologias (2019) pela Universidade Federal do Tocantins, e em Gestão de Projetos Sociais e Captação de Recursos pela Faculdade de Guaraí – TO (2011). Bailarina do Grupo Êxtase de Dança de Viçosa-MG (2005-2009) e integrante da Cia. Contágios de Dança e Teatro de Palmas-TO (2002 – 2014). Professora efetiva da rede municipal de ensino de Palmas/TO, atuando como professora de dança na Escola Municipal Anne Frank (2010-atual) e como colaboradora em cursos de capacitação de professores de escolas públicas e particulares em parceria com universidades, associações de arte e pontos de cultura. É membro do AFETO – Grupo de pesquisa em Etnocologia na UNB/TO, do CONAC/TO – Grupo de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento na UFT/TO e do Grupo de Pesquisa Observatório das Artes na UFT/TO. Tem como áreas de pesquisa/ atuação: Artes Cênicas, Arte-educação, Dança e a Experiência Estética, Dança Educativa, Etnocologia, A mulher nas manifestações de cultura tradicional e a Dança na Cultura Popular.



CONSTRUINDO NINHOS

Brasília, 14 de dezembro de 2020

Todo dia ele faz tudo sempre igual. Acorda às 6 horas da manhã, sai para correr, volta ainda molhado de suor, me dá um beijo cheio de amor. Todo dia ela faz tudo sempre igual, desperta ainda sem direção, se espreguiça na cama e sai para seu instante de yoga e meditação. Em segundos elas acordam com aquele sorriso, cabelos encaracolados ao vento. Beijos e abraços, é hora do café da manhã, em família compartilhamos esse momento. Já passa das 9 horas. O cheiro de café ainda toma conta da casa percorrendo este cenário de acalento. Sempre por perto está nosso cachorro tufão, com alegria ele pede carinho, em seu profundo olhar, entrega e satisfação. E assim se foi a manhã, logo mais já iniciam os preparativos do almoço, estamos indo para o segundo tempo, energia, fôlego, total alvoroço. Brincar, assistir o desenho favorito, banho, almoço... e já chegou a hora de mais uma soneca. Duas da tarde sentamos lado a lado. Quem sabe um momento para leituras, planilhas, trabalho, na mão uma caneca. O tempo passa e novamente chega a hora do café. Novos sorrisos aparecem pela fresta da porta. Brincar, passeio, desenhos e já chega a hora do jantar, o cansaço chega e o tempo não tem volta. Toda noite a rotina é sempre igual. Elas, ele e eu. Parafraseando a música de Chico Buarque, sim este é o seu, ou melhor nosso “Cotidiano”¹. Todo dia elas, ele e eu.

Querida Liu, escrevo hoje, dia 14 de dezembro de 2020, uma segunda-feira. Após a nossa última aula da disciplina “Seminários de pesquisa avançada”, ministrada pelo professor Jorge das Graças Veloso, o nosso orientador do doutorado. Voltarei a falar sobre esta aula.

1 Música Cotidiano, composta por Chico Buarque. Álbum: Construção, ano de lançamento: 1971.

Em Palmas, o clima encontra-se mais ameno com a chegada da estação chuvosa. A cidade está mais verde, vários jardins florescem, mesmo assim as praças e parques continuam quase vazios, as festas de fim de ano parecem sem total sentido, o mundo segue em uma luta contra o tempo para salvar a humanidade. Hoje chegamos a triste marca de mais de 180 mil mortes no Brasil! O mundo tem cerca de 1,7 milhão de mortos. Você pode se perguntar:

_ Como assim? Um milhão e setecentos mil mortos no mundo? Cento e oitenta mil mortos no Brasil? Como isso aconteceu e por que?

Pensando em todo este momento surreal que o mundo atravessa durante o ano de 2020, escrevo-te hoje. Como um suspiro, um desabafo, um momento de paz, na ânsia de reviver os afetos tão presentes no início deste ano. Ao longo da narrativa vão surgir alguns personagens e várias palavras que irão marcar significativamente cada momento desta história que é a nossa história, eles estarão em destaque. Assim como em uma viagem de avião em que são necessários alguns lembretes, dicas e regras para que a viagem transcorra bem, deixo no decorrer deste caminho pequenos suspiros que você poderá recorrer quando sentir necessário, passar por eles de forma despercebida, regressar, ou fazer uma longa pausa até que resolva voltar para nossa conversa.

Agora, antes de iniciarmos esta viagem no tempo, vou aqui darei uma dica. Para suavizar todos os inúmeros desafios e dores que podem surgir neste caminho, a yoga e a meditação serão um refúgio, ao mesmo tempo que um momento de **encontro** consigo mesma. Nesse sentido, sempre que tudo for um tanto pesado para suportar, deseje um minuto para refletir ou receber uma palavra de afeto ao longo desta carta, usarei a palavra “**Pausa**”. Nesse instante você poderá recorrer às notas de rodapé, e lá terá um pensamento presente nas aulas de yoga, lá você pode encontrar um refúgio, um momento para respirar e energia para retomar. Então vamos lá, se deixe levar, solte os cintos, limpe sua mente e se abra para tudo que possa surgir.

Hoje sinto uma ausência interminável de **afetos**, faltam beijos e abraços. O **encontro**, encontra-se proibido. Já se passaram 10 meses e, no entanto, desejo poder voltar o tempo até aquele verão que passamos na praia, em nossa viagem ao Espírito Santo. Lembro tudo, mês de janeiro de 2020, meu aniversário, compartilhamos um maravilhoso café matutino, caminhamos juntos pela praia em um lindo dia em **família**, troca de sorrisos, de mãos dadas, o olhar dele de alguma forma assegurava que não deveria se preocupar com nada. Não tínhamos ideia de que o mundo estava a ponto de mostrar-nos a lição mais dura de todas, pelo menos, a mais dura que vivenciamos até então.

Mais um ano se iniciava, cheio de sonhos, planos e projetos. De alma leve e corpo revigorado retornamos à Palmas. Com o início do mês de fevereiro, antes de mais nada, foi preciso aprender a intensa dor de ver pessoas perdendo seus entes tão amados sem aviso prévio, sem tempo para um abraço, sem oportunidade de dizer “te amo” pela última vez. A dor e a comoção se espalharam por grande parte do mundo, não mais rápido do que a doença avassaladora. De forma inesperada aqueles que estavam tão próximos, por amor e zelo, foram obrigados a se separar. A cada momento de cada dia, novas notícias, ainda de forma muito confusa e cruel, traziam consigo o caos, o **medo**, a insegurança.

Pode parecer um filme de terror, uma séria nova da Netflix, e acredito que um dia até será, mas infelizmente é a nossa **vida** que estou aqui descrevendo. Uma nova doença assola o mundo, um Coronavírus desconhecido, invisível, de fácil propagação e mortal. Governos incrédulos e negacionistas como os do Brasil ainda tentam fingir que se trata só de uma “gripezinha”, e afinal “morreriam os fracos, idosos e já acometidos por doenças”. Um absurdo atrás do outro foi alimentando este turbilhão de problemas, tornando ainda mais nítida as diferenças sociais em todo mundo, deixando claro as mazelas das camadas sociais mais pobres. Ao longo do ano, o vírus foi chegando em todos os países, todas as cidades, vilas, comunidades, sem fazer nenhum tipo de distinção. O ar foi conduzindo esta doença mortal. Na verdade, ele fez sim uma distinção, a natureza passou e vem passando ileso

por esta tempestade. O mundo teve que parar, e nessa pausa, rios, lagos, florestas e todos os animais puderam respirar o ar puro que há muito não existia. E esse ar nos faltou. “Pausa”²

Alguns autores como Grada Kilomba, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene, mulheres pretas, escritoras e ativistas; e Ailton Krenak, líder indígena, ativista socioambiental, poeta, filósofo e escritor brasileiro, foram leituras fundamentais neste momento delicado de crise. Temas como os femininos plurais e suas críticas ao racismo estrutural, negritude, cultura, afetos, consumismo desenfreado, devastação ambiental e a visão excludente da chamada “civilização”, ajudam a entender que estamos passando por uma grande transformação e que é necessário, urgente, uma maneira diferente da humanidade se relacionar com a terra e com outro.

Enquanto isso experimentamos o caos completo desta crise sanitária mundial. Rapidamente, com todo o nosso sistema de saúde colapsado, foi possível ver que as mazelas estavam escancaradas, as feridas abertas e o **medo** instaurado. E nós, as mulheres? Não foi fácil, e ainda não é. Muitas ficaram em casa e sua jornada de trabalho se tornou ainda mais extensa. Junto as tarefas de cuidar da casa, do marido e filhos, é acrescido o trabalho em *home office*, necessário com a pandemia. Além de lidar com a insegurança de uma doença que se alastrava pelo mundo, muitas mulheres passaram a enfrentar a violência doméstica. O marido, agora em casa, sob a pressão do trabalho ou até mesmo desempregado em virtude da crise econômica gerada pela pandemia, desconta na esposa e nos filhos toda a sua raiva, **medo** e frustrações.

O sistema educacional assim como o comércio é paralisado, somente atividades essenciais continuam a funcionar. **Silêncio, vazio**, as cidades parecem desertos. Um cenário impensável só visto durante a Segunda Guerra Mundial, portões fechados e alunos distantes das salas de aulas. A pandemia da Covid-19 impactou os estudos de milhões

2 “Pausar, respirar, cuidar e se amar. Retome o controle da sua respiração isso ajudará a promover o equilíbrio do sistema nervoso, promovendo a calma” (Leite, Priscila, 2020).

de estudantes em todo mundo. O despreparo das escolas, professores e alunos para lidar com o ensino remoto e à distância geraram consequências avassaladoras. A desigualdade social, e de acesso a tecnologias, cria um grande abismo entre os que podem continuar estudando e outros, que sequer possuem acesso aos dispositivos eletrônicos e a internet dentro de casa. “Pausa”³.

Sim, o mundo estava e ainda está de cabeça para baixo. Diante de tudo isso novamente você pode se perguntar.

_ Onde estávamos neste momento? E a nossa **família**? Nossos sonhos e projetos? E a pesquisa do doutorado?

Bom Liu, assim como o mundo teve que parar, nós também paramos. “Pausa, descanse, não desista do que faz sentido para você”, diz a yogini Priscila Leite. Na pausa, no **silêncio**, na meditação fomos nos encontrando. Primeiro com você mesma, um corpo feminino em crise, assustado e muito comovido com a situação mundial. Com 35 anos, você espera muito de você, sempre esperou, acha que vai mudar o mundo com a arte, com a dança, com a educação! Eu estou aqui, após estes 10 meses em estado de pandemia, para te dar alguns conselhos e, quem sabe, poder te acalmar alertando sobre algumas coisas. Você começou o ano de 2020 em 220 volts, com tudo planejado, horários, tarefas, metas e objetivos. Segura de si e de onde queria chegar. É aqui que você está, ao ler esta carta.

Neste momento, no fim de 2019, você estava com o início da sua pesquisa do doutorado encaminhada, ainda em busca da licença no trabalho para facilitar sua ida para Brasília, o que contribuiria muito para seus estudos. Estava tudo “planejadinho”, marido no trabalho, filhas na escola, você estudando para o doutorando, iniciando a parte de pesquisa de campo para conhecer melhor a “Festa dos Caretas de Lizarda”. Mas algo em sua pesquisa ainda não se encaixava. Era um bom tema, inédito, estava dentro da área de cultura popular, seu foco neste doutorado. Mas o que não fazia sentido? “Pause”⁴.

3 “Cultive bons sentimentos e agradeça por estar viva!” (Leite, Priscila, 2020).

4 “Cultive clareza e pureza de pensamentos. Que suas palavras sejam sempre verdadeiras. Que suas ações venham de um espaço de amor, de discernimento, compaixão e não de medo” (LEITE, Priscila, 2020).

No fim do semestre do doutorado, realizamos a apresentação dos nossos projetos, mais precisamente no dia 11 de novembro de 2019, como parte da disciplina de “Seminário de pesquisa”, ministrada pela professora **Lucina Hartmann**. Nesse dia, a professora Luciana fez algumas considerações sobre sua apresentação que deixou algo pairando no ar.

— Qual o seu foco da pesquisa? São as máscaras ou são os corpos por trás delas? Ela mencionou diante do seu trabalho, após sua breve apresentação.

Ao lado dela, também assistindo sua apresentação estava o professor Graça, seu orientador. Ambos concordaram que este era um ponto crucial da pesquisa. Você também, apesar de não ter tanta convicção de qual caminho seguir.

Retornando um pouco no tempo, durante a viagem para Lizarda, cidade onde era realizada a Festa dos Caretas no Tocantins, seu tema de pesquisa, você passou o trajeto até a cidade, que por sinal foi bem longo, lendo o livro “Por detrás da máscara - Ensaio de antropologia da performance sobre os Caretos de Podence”, cujo autor é o antropólogo Paulo Raposo, professor do Departamento de Antropologia do ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa. Esse livro era da professora Luciana, você pegou emprestado durante a disciplina dela. Foi uma leitura crucial naquele momento da viagem e trouxe de forma muito significativa o “corpo” e tudo o que poderia representar, ou esconder por trás das máscaras. A partir daquele momento e das impressões vivenciadas na entrevista junto a coordenadora do grupo dos Caretas de Lizarda, foi planejada sua apresentação para a Feira de Projetos da UNB. Mas por mais que tentasse ligar a pesquisa ao corpo dos Caretas e o seu corpo a pesquisa, a ausência de ligação entre pesquisador-pesquisa-pesquisados configurava um grande hiato. Um abismo se formava entre nós, perceptível não só pelos 330 km que separam Palmas de Lizarda.

Dica! Antes que eu esqueça, lembre bem do nome do professor, autor do livro “Por detrás da máscara”, Paulo Raposo. Em breve faça contato, ele será um grande parceiro para troca

de experiências na área de antropologia e quem sabe, quando tudo melhorar você possa ir até Portugal, conhecer o CRIA - Centro em Rede de Investigação em Antropologia que ele coordena, e estabelecer novas **conexões** na sua carreira acadêmica.

Voltando ao Brasil. É nesse lugar que você se encontra agora, ao ler essa carta. Ainda no princípio de 2020, repleta de planos, com tudo “planejadinho”, mas com aquele imenso abismo entre você e sua pesquisa. Aqui vai uma notícia que pode parecer catastrófica: nada do que você planejou vai se concretizar este ano! Então a primeira coisa, respire fundo, calma, pode não parecer, mas de alguma forma em meio a este caos mundial que relatei, desta rotina familiar que parece surreal para dar certo, você, ou melhor, nós, vamos sobreviver! Por mais que planejemos a nossa **vida** não será da forma que imaginamos. Você vai passar por muita coisa....um ano cheio de grandes acontecimentos e emoções. E isso vai enriquecer a sua pesquisa. Ela vai acontecer. “Pausa”⁵.

Vai aprender o significado da expressão “Pausa, descanse, não desista do que faz sentido para você”. É em busca desse sentido que você deve parar de se lamentar por não conseguir ir a Lizarda, pois qualquer viagem está proibida durante a pandemia, e começa percorrer uma estrada interna. Através das aulas de yoga e meditação você se concentra em si, no seu corpo e vê a necessidade de dançar, de voltar a dançar. Por muito tempo você se dedicou aos livros, às leituras acadêmicas. Tá na hora de voltar a dançar. Por mais que não faça sentido nenhum, neste momento. Faça! Busque parcerias, descubra novas formas de promover **encontros**. Produza arte, dance em todo lugar. Use seu apartamento, suas angústias e **medos** como força motriz para produzir arte, mais do que isso, faça ela chegar a toda parte, a todas as pessoas. Irão surgir grandes oportunidades. Na **incerteza** crie! “Pausa”⁶.

5 “Permita esse momento de autocuidado, encontre com você mesmo. Não leve tudo a ferro e fogo, deixe as expectativas de lado e esteja com o coração aberto” (LEITE, Priscila, 2020).

6 “Escute seu corpo. Vá em frente! Abra caminhos, portas e janelas. Seja clara sobre aquilo que você quer cocriar, entregue os medos e dúvidas, remova qualquer obstáculo dentro e fora de si” (LEITE, Priscilla, 2020).

Sua pesquisa pode parecer estagnada, esquecida ou até mesmo abandonada. Mas quero aqui trazer uma referência que talvez faça sentido. O “**rizoma**” a partir do pensamento de Deleuze e Guattari, em *Mil Platôs* (1995)⁷. Para os autores o **rizoma** está relacionado a ideia de processo, **aliança**, movimento transversal, **conexões** diversas, descentramento e a um princípio de **multiplicidade**. Na **multiplicidade** de experiências vividas ao longo deste ano sua pesquisa, ainda que fora do centro, vai estabelecendo outras **conexões**, **alianças**. Vai ser necessário uma grande mudança. Mais que isso, coragem para assumir e aceitar que seu corpo, enquanto pesquisadora, não estava encontrando sentido na sua proposta de pesquisa. Chegou a hora de parar, dar alguns passos para traz, e só depois recomeçar.

Conectar, ressignificar, (re)viver para (re)existir são, não só palavras, mas formas de agir que acompanham este cenário mundial de transformações profundas não só nas formas de pensamento, mas nas nossas ações e na maneira de estabelecer **conexões** com o mundo, com o outro e nós mesmas, um modo rizomático. De que maneira a minha pesquisa chega ao meu corpo? Que corpo é esse? O que ele diz e o que ele traz? Nas movências instauradas no mundo, como diria o pesquisador Tiganá Santana, é preciso se transmutar e transcriar. Se abra, perca o controle, deixe seu corpo experimentar.

Nessa ideia de experimentações a tecnologia será uma grande aliada. Cursos, oficinas, palestras, lives, apresentações, grandes espetáculos, shows, exposições, mostras artísticas, prêmios, editais...tudo foi possível e se tornou mais acessível durante esta pandemia por meio das tecnologias. Através de parcerias você cria o **Coletivo Incerteza Viva**, formado por artistas do Tocantins, Brasília, Goiás e Minas Gerais. Artistas da música, dança, teatro, audiovisual. Juntos produzirão vídeos dança. A cultura sofreu muito durante este momento, foi a primeira a parar suas atividades e será provavelmente a última a voltar. Diante disso, surgem editais, prêmios nacionais e regionais que ajudam a amenizar a crise dos artistas em todo Brasil.

42 7 DELEUZE, G. & GUATTARI, F. “Introdução: Rizoma”. In: *Mil Platôs*. São Paulo, Editora 34, 1995.

Importante! Por mais que pareça sem sentido, e totalmente fora dos rumos da sua pesquisa de doutorado, faça, participe de todos os projetos que puder. Essas **conexões** em um movimento transversal vão contribuir para todo o processo. Assim como a palavra **ninho** irá transformar sua **vida** e sua pesquisa. “Pausa”⁸

Tudo começou ainda de forma embrionária, mas afinal não é assim com um pássaro ao construir seu **ninho** e chocar seus filhotes. **Abrigo, prisão, refúgio, afeto, medo, lugar, descoberta, eu, corpo-casa. Ninho** é um solo que surge em meio a este estado pandêmico de **isolamento** e o turbilhão de sentimentos vividos por você, ou melhor, por nós, enquanto mulher, artista, doutoranda, professora, esposa, mãe e filha. Esse solo é fruto de uma parceria linda de trabalho iniciado com a diretora, coreógrafa e bailarina Rosa Antuña, de Belo Horizonte. Uma parceria que se deu de forma virtual. Toda a criação, experimentações, ensaios e até a apresentação, realizados pelas plataformas Zoom e pelo Youtube. Google meet, Teams, Zoom, Instagram, Facebook e Youtube, são plataformas virtuais que permitirão a **conexão, aliança** e o **encontro**. As empresas, escolas, as instituições privadas e públicas, os artistas, as **famílias**, todos irão se **conectar** por meio dessas redes.

O solo **Ninho**⁹ foi o grande eixo que passou a **conectar** o seu corpo à necessidade que ele tinha de voltar a dançar, de se movimentar. Uma outra necessidade iminente deste período pandêmico foi a mudança da sua **família** de um apartamento para uma casa. Uma casa com jardim, varanda, ao lado de uma praça. Ali, será possível ouvir os pássaros no início da manhã e no fim da tarde, caminhar com os pés na terra, ver o céu, assim como um pássaro faz de seu **ninho** no topo das árvores. Seu **ninho** mudou de lugar, ampliando

não só seu espaço físico, mas suas ideias, seu pensamento, seus sonhos e planos. “Pausa”¹⁰
8 “Reconheça sua energia, sua força e sua dedicação. Faça o que é possível! Esforce-se, mas não force, sempre reconhecendo os ciclos da vida para receber o novo. Honre a sua jornada” (LEITE, Priscila, 2020).

9 Link para assistir solo Ninho parte 1 – Vermelho: <https://youtu.be/HQhn0YucJps>.
Ninho parte 2 – Azul: https://youtu.be/mX7_EewbWU4

10 “Deixa para lá aquilo que não te serve mais e crie espaço para receber as bênçãos que estão por vir” (Leite, Priscila, 2020).

Ampliando seu **rizoma**, chegou o momento de conversar com seu orientador, o Graça. Relatar todos estes acontecimentos, todas as descobertas. Em meio à crise você se achou, encontrou novos caminhos, encontrou o livreto “Suça no Tocantins”, escondido no fundo das caixas da mudança. Este projeto de pesquisa sobre a Suça foi aprovado pelo Ministério da Cultura através de uma parceria com a Secretaria Estadual de Cultura/Fundação Cultural do Estado do Tocantins, e realizado entre o ano de 2009 e 2012. Desse projeto resultou um livreto e um vídeo documentário feitos em seis cidades do Tocantins. Você lê o livreto, imediatamente busca o vídeo documentário na internet, assiste. Nesse momento você se arrepiou, e essa cena será para sempre lembrada. Naquele instante seu corpo encontra sua pesquisa. Não é atrás das máscaras e sim no corpo que dança, que toca, que celebra a Suça do Tocantins que seria o lugar da sua pesquisa, sua pesquisa é na dança. A conversa com seu orientador foi fundamental, você recebe apoio, é acolhida e encorajada a seguir seu coração. Assim nasce, ainda de forma introdutória “**Ninho de Suceiras: narrativas do corpo feminino na Suça do Tocantins**”.

E isto vai fazer com que todo seu caminho experimentado ao longo da pandemia, as **alianças** estabelecidas, os cursos, oficinas, palestras, lives, seus sentimentos mais íntimos se conectem criando a base da sua pesquisa. A imagem do **rizoma** pulsa sem uma linearidade, possibilitando que a pesquisa se conduza pelas **conexões** transversais que vai estabelecendo. Assim o **ninho** vai se construindo e desconstruindo, com ganhos tortuosos que vão se conectando e criando formas indefinidas, como o **ninho** de uma ave chamada “lavadeira-mascarada ou pássaro santo” muito presente próximo na beira dos rios¹¹. Um **ninho** que protege é abrigo, mas que se deixa atravessar pelo vento, pelos raios de sol, pelas gotas da chuva, galhos que são um emaranhado sem início ou fim. Um **ninho** que se adapta as adversidades, que gera e transforma vidas.

11 Lavadeira-mascarada estudo realizado pelo NUPEC -Núcleo de Pesquisa e Ensino de Ciências FFP UERJ, disponível em <https://youtu.be/a-35GbZXf0U>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

As meninas e mulheres suceiras de Natividade vão construindo seu **ninho** de saberes e fazeres, de tradições que vão sendo atravessadas pela história e memória, passado e presente. Dona Felisberta, coordenadora do Grupo de Suça Mãe Ana, mestra suceira e Professora Verônica, coordenadora do Grupo de Suça Tia Benvinda, formado por adolescentes de Natividade, vão entrar na sua **vida**. De forma sutil vão conquistar seu coração e reafirmar a necessidade de se dar voz ao corpo feminino preto que carrega esta tradição, que ensina e transmite seus saberes para as novas gerações, e que faz da suça parte fundamental da sua vida, cultura que existe há mais de 100 anos no estado do Tocantins.

Dica importante! No lugar de ir ao **encontro** dos livros, teses, textos, sentada atrás da tela do computador, se deixe caminhar, enquanto bailarina-pesquisadora ao encontro da Suça. Vá até Natividade, ainda de uma maneira informal, sem marcar entrevistas, filmagem, fotografias e anotações. Aproximar-se destas mulheres e meninas suceiras, conheça sua realidade, sua história, seus sonhos. Compartilhe momentos, partilhe sua **vida**. Isso poderá gerar novas ramificações na construção do seu **Ninho**. Em uma das lives que você vai assistir ao longo desta pandemia, você irá ter contato com a pesquisa do professor **Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves**. Ele trabalha com um conceito indígena da língua Yanonami o “Kõkamõu” – quer dizer juntos(as). Isso será fundamental. Pense como você pode fortalecer não só os seus objetivos de pesquisa, mas de ambas as partes. **JUNTAS!** Você, as mulheres e as meninas suceiras vão trilhar essa pesquisa **juntas**. “Pausa”¹²

Ao longo de todo este processo, imerso neste estado pandêmico, você e o professor **Jorge das Graças Veloso** vão estabelecendo alguns conceitos investigativos que contribuem de forma fundamental para este modelo rizomático de **ninho**. Serão eles: O feminismo negro/gênero e as questões raciais presentes nos estudos de Grada Kilomba, Djamila Ribeiro e Carta Akotirene; Corpos negros, Corpos sem fronteira, Corpo Limiar e Identidade negra

12 “Centre-se, conecte-se com o aqui e agora e o mais importante conecte-se com você mesma e com quem você ama e te faz bem” (LEITE, Priscila, 2020).

tendo como referência Maria Antonieta Antonacci, Leda Maria Martins, Renata de Lima Patrícia, Stuart Hall, Fu Kiau e Tiganá Santana; Cultura de Encruzilhadas e Afrografias de Leda Maria Martins; Corpo arquivo-vivo de Maria Antonacci; Rastros/resíduos, Crioulização, Poética da relação, Autorrepresentação de Édouard Glissant; Cultura e tradição viva por Hampâté Bâ; Vozes do corpo de Michel de Certeau; Entre-lugares de Homi K. Bhabha; Visualidade do corpo nos estudos de Oyèrónkè Oyêwumi; Rizoma de Deleuze e Guattari. Continue aprofundando seus estudos!

Se você lesse esta carta, há exatos 10 meses atrás, acreditaria em tudo isto? Desejo que você continue sendo uma entusiasta pela **vida**, apaixonada pelo que faz e que corra atrás dos seus sonhos. Sua **família** será um grande apoio para superar tantos desafios. Ame seus pais, seus irmãos, seu marido e suas filhas intensamente, curta cada momento ao lado deles. Serão seus companheiros de aventuras, e você vai descobrir que os ama ainda mais do que pensava. No entanto, lembre-se que nem sempre as coisas acontecem como nós imaginamos, e isso não é necessariamente ruim. Cuide-se e cuide de quem você ama. Esse amor irá te fortalecer para superar um ano tão difícil, de tantas perdas para a humanidade e ao mesmo tempo de transformações profundas na sua **vida** pessoal e profissional.

Ah! Tudo na sua **vida** vai girar em torno da palavra “**ninho**”, não esqueça dela e faça dessa experiência um **reencontro** com você e com sua pesquisa. Teça **ninhos**, crie **ninhos**, encontre **ninhos**, experimente **ninhos**, construa e desconstrua. Termine com o trecho da obra de Clarice Lispector retirado da crônica “Conversa puxa conversa à-toa” presente no livro A descoberta do mundo – 1999. Esse texto fez parte do início da criação do solo **Ninho** e foi fundamental neste momento de descoberta e transformações.

*“(.) e nela se aloja um “eu”.
Um corpo separado dos outros,
e a isso se chama de “eu”?
É estranho ter um corpo onde se alojar,
um corpo onde sangue molhado corre sem parar,
onde a boca sabe cantar,
e os olhos tantas vezes devem ter chorado.
Ela é um “eu”.*

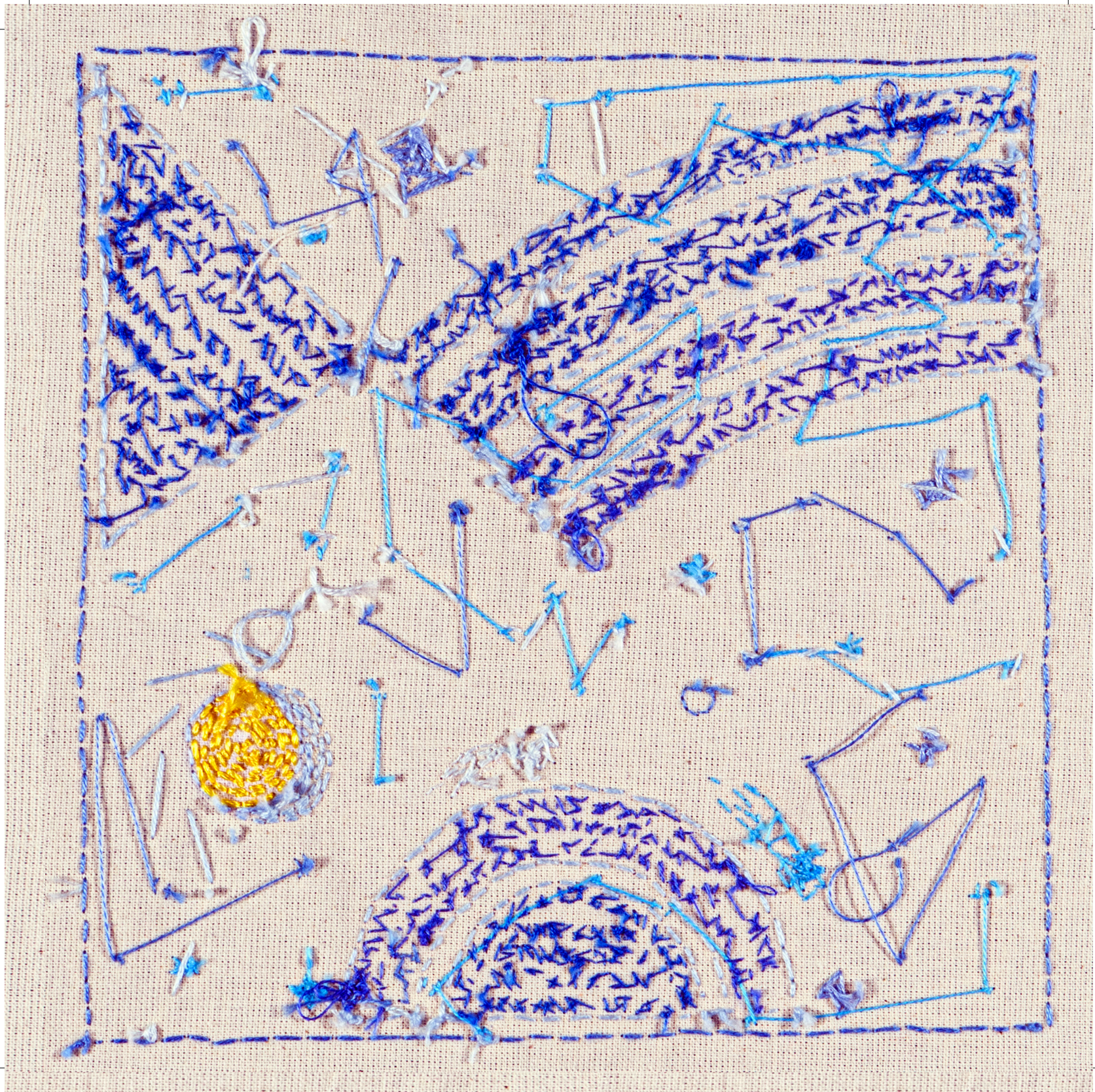
Clarice Lispector.

Me despeço aqui, lembre-se “Pausa, descanse, não desista do que faz sentido para você”!

Um grande abraço,

Com afeto de Liu para Liu¹³.





*“nem sempre as coisas
mais fáceis são as mais
belas”*

Ada

*“Saudades de tudo.
Até das memórias
esquecidas”*

Adriana

*“a pesquisa é
terapêutica, conversar
é terapêutico e ouvir é
terapêutico”*

Bárbara

*“De substantivo, virei
uma ordem icônica
de subjetividades e
significados”*

Belister

*“Um tempo triste
demais para ter um
tempo igual.”*

Danilo

*“só é possível ter
coragem quem tem
medo”*

Gabriel

“prezado impreciso”

Kleber

*“Sinto que amanheceu
em mim com cores de
alvorada”*

Debora

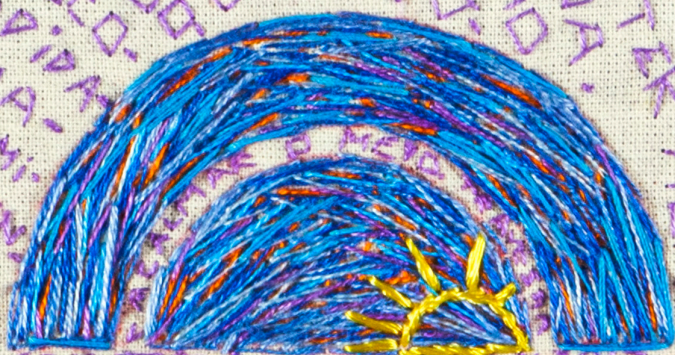
*“Talvez fosse melhor
perpassar por tudo no
escuro”*

Luciana

*“além da continuidade
da pesquisa - a pausa
para agulha, linha e
desenho no pano”*

Maria

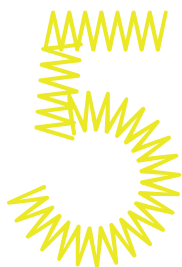
CONSEGUI CELEBRAR UM CAMINHO ALGUM
MAR PARA ME ACALMAR
PRESSÃO. E PARA A
CARTA PARA A
LIMPA
UMA CARTA DE BOM
UM BORDADO QUE TEIA QUE SER
TERO PARA MOSTRAR
AZUL COM CERTEZA, TALVEZ LA
COM AZUL. DA NECESSIDADE DE
LUÇAO, DE ACATAR AS INDICAC
CAS E AS POSSIBILIDADES DE
ENCONTROS, AS NOVAS DE
POSSIBILIDADES, E SO
BRE MINHAS DESECO
BERTAS DE AUTODRAMA
TAS DE DRAMAS
TURGIAS DE MA
NHAS APRESEN
TACOES NAS
RUAS DE BO
ÂNIA, DE BO
CARTA, UMA
M
E



ADA LUANA RODRIGUES DE ALMEIDA



Ada Luana é atriz, diretora teatral, dramaturgista e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília. Mestre em Estudos Teatrais pela Universidade Sorbonne Nouvelle Paris III e Bacharel em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília, Ada estreou profissionalmente no teatro em 2004, como diretora e atriz do espetáculo *A Mais Forte* - o nosso corte, uma livre adaptação do texto de August Strindberg, patrocinada pelo Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC), obra que concorreu ao Prêmio SESC do Teatro Candango 2005 em Brasília. Atualmente Ada Luana dedica-se à circulação nacional e internacional de *A Moscou!* Um palimpsesto e prepara o projeto de um novo espetáculo, baseado no texto *A Gaiota* de Anton Tchekhov, visando realizar assim uma trilogia em homenagem ao autor.



EI, COISINHA

Brasília, 07 de fevereiro de 2021

Ei, coisinha,

Ei, coisinha, não sei bem quantos dias se passaram mais desde a travessia do portal. Nem mesmo se já é possível escrever aquela frase de cartão ser mãe é... que você tentou no seu primeiro dia das mães.

Também não sei te dizer se as coisas vão ficar mais fáceis ou mais difíceis daqui pra frente (eu espero, ao menos, que elas fiquem mais vibrantes e cheias de amor, porque nem sempre as coisas mais fáceis são as mais belas).

Enfim, tudo que posso te dizer é que você vai achar o caminho. Quer dizer, eu gostaria de poder te dizer isso, de fato, e gostaria que você pudesse ouvir.

Mas sei que na realidade você vai precisar derramar toda essa água aí dentro. Descer, descer, descer e quando estiver lá embaixo não ter mais forças nem pra isso.

Derramar água.

Sei que vai precisar atravessar uns umbrais aí.

Uns umbrais que vão fazer você se detestar, se colocar no banco dos réus até se sentir uma impostora.

Em alguns dias você vai mesmo acreditar que é.

Você vai caminhar pela floresta escura e úmida. Vai sentir aquela névoa úmida que parece que faz curva e entra por baixo das roupas não importa o quanto você se agasalhe.

Você vai tremer.

Você vai olhar para os lados e vai se sentir só, vai lembrar daquele sonho.

Você arrumando as malas, com a sua mãe, para pegar um avião para uma terra desconhecida.

Você disse para ela:

Obrigada, mãe, você é a melhor companheira de viagens do mundo!

Mas essa viagem, eu preciso fazer sozinha.

Lá, no sonho, você sabia o que estava fazendo, era isso mesmo, embarcar sozinha para a terra das mães.

Mas era empolgante no sonho.

Na descida do avião, não é.

Dá medo e aflição, e tem hora que você precisa passar por cima de qualquer coisa. Qualquer sentimentalismo, qualquer bom senso, qualquer pensamento racional.

E tem hora que nem há pensamento, é só pulso.

Pulso, pulso, suor, pulso, sangue, pulso, pulso, lágrimas e pulso, pulso, leite, leite, leite, pulso, pulso.

Tudo que você quer é manter o pulso, né, coisinha? O movimento, a vida. Vida.

Manter a vida, guardar a vida, prevenir a vida, preservar a vida.

Você vai se cansar, coisinha, você vai se exaurir de preservar a vida.

Você vai se sentir feia, boba, velha, burra, vai tentar escrever, vai tentar dar espaço para as sinapses.

Vai ser estranho.

Você vai achar que perdeu tudo, perdeu a capacidade de ser lógica.

Vai parecer que alguém arrancou sua inteligência para que você focasse nela, sua bebê,

pra que você cumprisse o papel, o dever, o esperado.
Você vai tentar se agarrar às velhas paixões e elas não vão te encantar mais.
E você vai temer.
Você vai temer.
Ensaaios, apresentações, viagens, ensaios, projetos, turnês.
Você vai perseguir tudo isso, vai se agarrar a tudo isso e ainda assim não vai achar o
caminho de volta.
Certo dia, a floresta vai estar tão densa que vai parecer blackout.
Você vai descer mais.
Vai descer mais.
Você nem pensava que era possível descer tanto, né, coisinha?
Mas vai descer, vai descer, vai se sentir como o Pessoa.
o poço fitando o céu
E nem mesmo o Pessoa vai conseguir te consolar.
Você vai andar pelas galerias da Pinacoteca, em São Paulo, e vai se sentir vazia.
Vai andar pelo MASP e vai se sentir estranha de si mesma.
Vai andar pelo MoMA também e ainda assim, não vai saber mais o que sente diante de
uma obra de arte.
Você vai dar de cara com o autorretrato da Paula Mondersohn-Becker e só aquele olhar
vai te tocar.
Olhar de grávida, a mão que nem se vê, mas que está protegendo a barriga.
Vai ler na legenda que ela morreu logo depois de dar à luz, e essa será a única obra do
MoMA inteiro que vai falar com você.
Você vai apresentar sua obra em Nova York e mesmo assim vai se sentir vazia e triste.

Você vai olhar para trás e não vai ver nada.

Cadê o rastro? Cadê as migalhas de pão que você deixou marcando a porra do caminho????

Os pássaros coisinha... os pássaros.

Mas se você sabia da moral da história, por que marcou o caminho com migalhas de pão?

Se sabia que João e Maria se perdem exatamente por conta disso, por quê, coisinha?

Eu sei que enquanto você está aí, vendo a imagem da Mater Dolorosa no meio da noite, tomando seus antibióticos para vencer essa mastite e morrendo de culpa (porque vai passar pelo leite), enquanto você sua e molha a cama de leite, enquanto você olha para sua bebê e só quer que ela fique protegida e a salvo desse mundo louco no qual você ousou dar-lhe casa, te parece certo e errado escrever este projeto de pesquisa para um doutorado.

Te parece certo como as migalhas guiando o caminho de volta para você, ao adentrar na floresta.

Te parece errado porque você poderia deixar para depois e dar-se tempo.

Tempo de estar só você e sua bebê na floresta. Entregue.

Mas você tem medo. Tem medo de não ser mais você.

E pensar em comparecer às aulas daqui a alguns meses, em ter uma turma, em ter afazeres, enfim, você pensa que isso tudo te ajudaria a achar o caminho de volta caso se perdesse...

Deixa eu te contar, coisinha,

Como vai ser bom se perder.

Como vai ser bom não achar o caminho de volta.

Não, não pragueje contra os pássaros, coisinha, você vai agradecer que eles tenham comido as migalhas.

É esse o caminho e sinto que ele não é de volta, ele é um novo caminho.

Mas eu sei que você não me escuta, aí deste lugar.

E às vezes parece cruel que eu tenha que te escrever essa carta, sabendo que você não
vai poder lê-la.

Mas também sei que eu não deveria te poupar das descidas, porque será delas que
nascerá a sua raiva.

E será desta raiva que nascerá o caminho.

Então, você vai agarrar a foice e vai abrir a mata virgem na floresta.

Você vai se cansar de correr atrás de migalhas e decidirá abrir um caminho novo.

Era um caminho que você queria, quando cansasse da gruta.

E você vai abri-lo.

Ao primeiro golpe da foice, você vai dar de cara com a Aline, uma terapeuta ayurvédica,
que vai te dizer que você não vai conseguir abrir caminho nenhum carregando esta
mochila cheia de pedras nas costas.

Abandonar carga. Vai, coisinha, abandona essa carga!

Mas você vai demorar até abandonar, você vai se agarrar ainda mais a ela, vai sofrer por
ela, vai ter raiva dela, vai culpá-la. Vai descer mais. E vai ter mais raiva.

Você vai ter raiva.

Deixa ela vir, coisinha, vai!

Atira esse celular na parede, se não der, atira o pote de hidratante, atira, sei lá, o que
tiver na mão.

Vai, quebra alguma coisa!

Você vai quebrar.

Você vai se quebrar.

Você vai romper.

Vai gritar.

Grita coisinha, aquele grito que você não deu.

O grito que não saiu do corpo anestesiado na hora da cesariana.

O grito contra todos aqueles que vão tentar dizer que você não vai conseguir escalar a montanha.

Que não vai conseguir escrever, que é insanidade se inscrever para esse doutorado agora, que você faz coisas demais ao mesmo tempo, que você materna o mundo!

Tá errado, coisinha. Tentar maternar o mundo.

E não é a sua Vênus em Câncer que vai provar o contrário.

Na verdade, ela vai te fazer descer mais, a porra da Vênus em Câncer.

E a sua mania de maternar o mundo vai dar nisso:

Quando eles forem para o Rooftop, para o Fatcat, quando te deixarem pra trás, você do outro lado da estação acenando um tchauzinho com um sorriso triste: eles Manhattan-Bound, você Brooklyn-Bound. Eles rumo ao bar balcão, ao Jack Daniels Honey, você de volta pra casa. Você bem que vai tentar levar a galera para o Greenwich Village, St. Market's place, lembra quando você foi ver o Richard Foreman na Igreja? Pois é, mas você já não é mais aquela garota tomando frozen margaritas no bar da esquina. E o máximo que você vai conseguir quando chegar lá e ver que já não é a mesma rua, que já não existe Jaffa Café, nem a sequência de sexy shops undergrounds, e que a sua bebê tá chorando e com frio, e que seu marido está preocupado porque já está tarde para estar na rua com ela, então, o máximo da noite vai ser comprar uma garrafa de Beaujolais muito cara na dely da esquina, e voltar pra casa resignada e triste. Daí você vai começar a se dar conta de que não é nada bonito, nada saudável, maternar o mundo.

Então, abandona, coisinha, larga essa merda dessa mochila de pedras na estação!

Deixa tudo pra trás!

Segue, você, a montanha, Helena, Diego e talvez a Teresa, segue vai...

Vai escala essa montanha!

Sobe essa merda, se esfolta toda, vai.

Se cansa, sua, medita, chora, corre, toma café, toma novalgina 1g, toma mais café. Toma um vinho de vez em quando também, faz acupuntura, mais novalgina 1g. Escorrega, né? E no meio da noite é frio demais, a paisagem é densa, você fica entregue ao poço de memórias inconscientes, vai ter umas visões na madrugada, e não, você não vai dormir por muitos longos meses. Daí, vai chegar uma pandemia, de um vírus filho da puta, difícil de lidar, de exterminar, muita gente vai morrer, coisinha... vai ser triste, assombroso, desesperador. Os governantes vão ser um fiasco, isso pra ser bacana, eles são uns merdas mesmo. Vão lidar com a coisa como se lida com gado. Quem viver, verá.

O gado vestido do curral de Deus, lembra coisinha? E do anjo armado, você lembra?

O anjo cuzquenho? Aquele que te olhava da moldura da sala, você aos nove meses de gravidez e ele te pedindo pra ir conquistar o mundo?

Claro que lembra, na verdade, ele está aí, pendurado na parede da sala.

Pois é, os anjos tinham que ter armas mesmo pra nos proteger de toda essa imbecilidade que está dominando nosso mundo.

Enfim, você vai continuar pensando sobre impermanência, interdependência, sobre equilíbrio, wabi sabi, kintsugi e tudo o mais.

Vai ficar lendo aquele livrinho de práticas zen budistas que vai acalmar mas também vai acelerar seu coração.

Você vai querer plantar, vai plantar, vai tentar fazer as coisas crescerem, mas é tanto cansaço que não vai ter tempo de molhar e as plantas vão morrer.

Você vai ficar trancada em casa, coisinha. E os dias vão parecer iguais por um tempo.

O medo vai ficar rondando, medo de ver gente, medo de topar com gente, medo da morte, medo do contágio.

Vamos seguir vivendo com o vírus, com as mortes, com as dores, com as sequelas do que vai se chamar distanciamento social.

Vamos andar por aí mascarados, é sério, coisinha! Não ria, não... e na bolsa a gente vai carregar vidrinhos de álcool gel, álcool líquido, lisofórmio e o escambau.

Estranho né, coisinha?

Tudo isso vai acontecer e eu não quero ser o Marty McFly falando com o doutor... Na verdade que alívio, que você não pode mesmo me ler daí.

O anjo está aqui ainda, embaixo da cama, esperando ver onde é que vamos pendurá-lo aqui na casa nova.

Sim coisinha, vamos mudar. Vamos mudar mais de uma vez.

Mas isso, ça va... você gosta.

Eu queria poder te dizer para olhar bem fundo nos olhos do anjo e tirar confiança, lembra do Thomas te passando energia boa pelas mãos? Te curando?

Eles estão aí, seus anjos, pare de ignorá-los.

Vai coisinha, me escuta, sabe o que você vai precisar fazer?

Fuçar os baús, as coleções. Vai precisar ler seus diários, os pessoais e os de bordo. Vai precisar olhar pro trabalho que você já fez, vai precisar voltar nas rixas antigas.

Daí você vai achar tudo ruim.

Irrelevante é a palavra que você vai usar.

Vai achar que tudo que você escreve, tudo que você fez no teatro não passa de white people problems.

Daí vai perder a confiança, vai se desesperar, vai achar que sua pesquisa é uma brincadeira de menina mimada e aí você vai lembrar do Greuze.

Que merda, né, coisinha... outra referência europeia... cadê a decolonialidade?

Mas enfim, vai lembrar da la cruche cassé.

A menina com o olhar perdido e complacente logo após ter sido violada.
Vai lembrar da violência daqueles dias em Paris, vai lembrar do seu vaso quebrado.
Vai lembrar do Cohen e da Matilde falando da rachadura em tudo e que é por lá que a
luz entra.

Você vai entender, coisinha, que é sobre isso, rachar, romper, deixar a luz entrar.
Vai entender, finalmente, porque está falando o tempo todo de maternidade, porque não
está conseguindo falar só de teatro.

Vai entender que é isso que o teatro sempre foi para você, a cola de ouro restaurando os
seus cacos.

Vai entender que é, na verdade, a escrita, sua escrita, a escrita e o teatro que te curaram
e te curam.

Vai ter que falar sobre cura, coisinha, foi mal. Você nunca pensou que seria sobre isso
essa pesquisa, né?

Mas vai, vai falar sobre rachas, nossas rachas, sobre dar à luz por entre craquelamentos
necessários e vai entender porque a raiva te fazia jogar coisas na parede.

A gente vai quebrar tudo, coisinha.

Vamos ter que quebrar.

O caminho está aí, aberto. E ele é uma subida.

Agora, levanta, coisinha.

Ei, coisinha, levanta a cabeça, enxuga essas lágrimas, vai, por favor.

Quer saber, você desceu, desceu, desceu, ficou que nem a sua mãe naquele outro sonho,
toda amputada, mas ainda assim empurrando a jangada que levava você para a terra. A
balsa da medusa.

Mas quer saber? De onde eu te escrevo, Helena é a criança mais meiga, saudável,
carinhosa e inteligente que você já conheceu.

Ela também fez a travessia, coisinha. Você a trouxe para terra firme.

Não é fácil. Não será fácil.

Mas lembra do olhar da Paula Mondersohn-Becker no MoMA? Vai lá na foto que você tirou da legenda da obra e leia, certa vez ela escreveu:

Personal feeling is the main thing.

Esse novo caminho é sobre isso, coisinha. Nossas próprias histórias. Narrativas femininas como forma de empoderamento no teatro.

Eu sei que você ainda acha isso umbiguista. Porque a França colocou isso na sua cabeça.

Mas você vai descobrir que falar de si é se empoderar e inspirar os outros, as outras! Vai ouvir da boca da Michelle Obama, da Conceição Evaristo, da Nitza Tenenblat, da Virgínia Woolf!

Vai lembrar da Angélica Lidell falando que é isso mesmo, a gente conta sempre a mesma história. E qual o problema?

O patriarcado nos fez acreditar que não somos boas demais para dirigir, liderar, escrever. E ele nos faz olhar para a nossa trajetória e achar que não tem nenhum valor.

Você vai tecer uma trama, coisinha.

Trama de drama e de academia.

E está tudo bem, porque nessa viagem você vai estar muito bem acompanhada, e graças às deusas, muito bem orientada.

Você vai abrir novos baús, sabe aquele da sua bisavó, na fazenda, lá no Tocantins? Aquele que disseram que não dava para abrir porque tinha casa de marimbondo dentro?

Você vai lá, mexer nessas casas de marimbondo, ouvir as histórias da boca das mulheres da sua família, ouvir as histórias das bocas silenciadas. Vai ouvir e vai falar.

Vai contar sua história, vai falar de dor, de vasos quebrados, de violência, de feminicídio,

desse lugar invisível que ocupamos na história do nosso teatro. Vai falar de revoluções
necessárias.

Doido né, coisinha? Eu sei que daí onde você está, você não espera que este projeto de
pesquisa dê essa volta toda.

Pois é, a incursão na floresta úmida e densa tirou sua feminista do armário.

Agradeço daqui.

Então, é isso, coisinha, ainda vamos descobrir muita coisa, ainda tem um longo caminho
pela frente.

Você desceu demais, coisinha. Agora começa a subida.

Vai, sobe!

Sobe.

Sobe.

Sobe.

A montanha te espera.

Com todo meu amor,

Ada

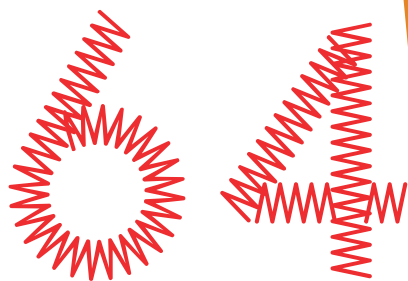
ADRIANA FERREIRA COELHO LODI

Artista docente, pesquisadora e diretora de teatro, atriz de teatro e cinema.

Tem experiência na área de Artes, com ênfase em interpretação teatral, cinema, formação de atores e educação. Seu trabalho é constituído de processos inventivos e colaborativos com foco no hibridismo de linguagens, na autonomia dos intérpretes e na investigação de uma dramaturgia atravessada por realidades e ficções poético filosóficas. Por 13 anos desenvolveu projeto gratuito de formação de atores no Espaço Cultural Renato Russo - 508 Sul em Brasília. Doutoranda em Artes Cênicas pela UNB, sob a orientação de Fernando Villar, pesquisa Poéticas e pedagogias inventivas - hibridismos entre teatro e cinema.

Mestre em Artes, licenciada em Educação Artística e Bacharel em Interpretação Teatral pela UnB. Concursada da Secretaria de Educação do DF desde 2000, atuou como Gerente de Produção e Difusão de Mídias Pedagógicas de 2017 a 2019 implementando a Política de Educação Audiovisual.

Dirigiu cerca de 25 espetáculos resultantes de processos pedagógicos inventivos.



CARTOGRAFIA DE EXPEDIÇÕES AINDA MAIS À DERIVA

Brasília, abril de 2021

Minha pequena Adriana,

Faz exatamente 37 anos que, sem querer, você encontrou um caminho pra gente trilhar. Você era só uma criança, apesar de se considerar adulta. Você matava tanta aula pra ensaiar, fugia de casa pra estar com aquele grupo de pessoas encantadoramente irreverentes, e sumia no mundo com 13 anos achando mesmo que era dona de si.

Bom, o fato é que você nunca tinha pensado em fazer teatro nem mesmo como atividade extraclasse, que dirá como profissão. Você já tinha pensado em ser escritora, fotógrafa e até oceanógrafa, mas o teatro não fazia parte do seu rol de possibilidades. Afinal, tínhamos assistido há apenas uma ou duas peças na vida, até então, e tínhamos uma timidez estrutural que nos distanciava constantemente de atividades em grupo e dos jogos coletivos. Até dançar em festa de aniversário era sempre uma ameaça a sua sanidade mental. Sendo assim, a família estremeceu e teve medo das influências perniciosas daquela gente esquisita, tanto que rejeitaram a ideia durante um longo tempo.

Era 1984, o Brasil estava em pleno movimento intenso das *Diretas Já* e você se animava ao vislumbrar a derrubada da ditadura e pensava em poder participar, em breve, de uma eleição direta para presidente da república. Em Brasília, a cidade que você adotou desde os 7 anos, a esplanada dos ministérios era coberta de manifestações populares aquecidas. O povo estava nas ruas em todo o país.

Brasília sempre pareceu mais serena, espaçosa e confortável do que o subúrbio do Rio de Janeiro de onde você vinha. E de repente, um dia comum que mudaria a sua vida! Conduzida pela mão de um colega de escola, você entrou quase obrigada, pela primeira vez, no antigo Centro de Criatividade, hoje Espaço Cultural Renato Russo - 508 Sul. Foi impactante.

Entramos pela porta do antigo Teatro Galpão. E, sem querer, você se apaixonou pelo espaço vazio e grandioso. Sentiu um frio na barriga e um desejo interminável de voltar todos os dias depois daquela primeira vez.

Foi assim que as artes cênicas entraram na sua vida, pelas mãos de um professor de teatro da Fundação Educacional do Distrito Federal, que carregava orgulhosamente sempre com ele Augusto Boal. Com eles aprendemos muito sobre ética, política e estética. E pela primeira vez você se sentiu confortável em um grupo com mais de três pessoas. Com o teatro você aprendeu a aprender, aprendeu a defender suas ideias e a acreditar que era capaz. Aprendeu a aceitar suas fragilidades. Entendeu que somos pessoas diversas e heterogêneas. Relembro tudo isso para fortalecer, daqui onde estou, sua garra em permanecer. Muitas coisas vão acontecer ao longo dessa trajetória. E tudo, absolutamente tudo, vai valer a pena.

Aos 20 anos você vai querer ir pra São Paulo, fazer vestibular. A USP parece um sonho! Todo mundo fala da Escola de Comunicação e Artes – ECA, como o lugar mais incrível para se estar em 1991. Feliz ou infelizmente seu destino será ficar em Brasília, para entrar no curso de bacharelado em artes cênicas da UNB em 1992, e essa será uma das melhores aventuras da sua vida, pode acreditar. Tudo será tão impactante e transformador que você voltará, sistematicamente, para esta universidade diversas vezes ao longo da vida. Depois do bacharelado você voltará em 2004 para fazer a licenciatura em artes cênicas. É, você além de atriz e diretora de teatro, vai se transformar numa artista docente apaixonada por práticas pedagógicas provocadoras.

Esse é o caminho que melhor te constituirá no mundo. Você vai desenvolver um orgulho extraordinário pelo ofício de uma docência performativa. Vai entender a necessidade de atuar no plano pedagógico do sensível atravessado pelo inteligível. Vai insistir em provocar um devir risco, um devir invenção nos encontros artísticos pedagógicos que tenham por espectro de atenção o estar presente no presente da ação. O que vale para todo o coletivo, inclusive pra você. Vai pleitear, diariamente, que matem seus egos e administrem seus medos durante os processos de criação e de experimentação artística.

Bem, vamos voltar para à UnB nos anos 90. Lá você viverá entre gente diversa. Interdisciplinaridades. Hibridismos. Mestiçagens. Fuleragens. As artes cênicas misturadas

com as artes visuais. As duas convivendo espremidas num prédio antigo de serviços gerais nos farão conviver e experimentar performances, exposições e apresentações nos banheiros, corredores, jardins, na tipografia, enfim, em espaços tempos que se entrelaçam e farão nossas cabeças espiralarem ideias e desejos de invenção também híbridos.

Nesse tempo você estará com mestres e mestras ousadas e provocativas que vão nos levar a explorar cada canto do pequeno prédio do Instituto de Artes que abrigava toda aquela heterogeneidade. Bidô Galvão, Silvia Davini, Fernando Villar (Este último é nosso companheiro orientador nessa nossa aventura de agora. Você não vai acreditar! Daqui a pouco te conto melhor sobre isso), Hugo Rodas, Nena Leonardi, Luiz Mendonça, Lenora Lobo, Rita Castro, Marcus Motta são mestres inesquecíveis que vão atravessar essa expedição com você. Estes e estas, entre tantas outras pessoas, com as quais você aprenderá a ser e estar neste mundo.

É nesta fase que você vai se apaixonar pelo teatro dança de Pina Bausch. Pelo espaço vazio de Peter Brook. Pelas óperas rock. Vai vasculhar o cinema de Chaplin e conhecer o sensível Tarkovsky. Vai ter coragem para começar a escrever a partir de você, das suas memórias, histórias, sempre misturadas com mentiras inventadas, ainda sem dar o nome de autobiograficções. E ainda sem saber que esse processo aciona a sua “resistência para lembrar” (Hamera, 2002, p.122).

É difícil te escrever daqui pra contar de um futuro do presente. Muitas vezes vou entortar a grafia e a conjugação dos verbos todos que passeiam misturados entre aquilo que foi sonhado, o que aconteceu, o que estava para acontecer e não aconteceu, o que deixou de ser para que a gente chegasse até este aqui e agora. Então, desculpe os equívocos dos tempos verbais presentes nesta história.

Em seu trabalho pessoal de pesquisa, escrever e compor com as diferentes linguagens vai fazer parte do que estava acontecendo no mundo. As experiências artístico pedagógicas que o corpo docente do Instituto de Artes da UnB promovia eram em sua maioria híbridas. Projeções, colagens, dramaturgias performativas, partituras corporais, partituras musicais inventadas para a cena, tudo isso, e muito mais, já acontecia por lá. Não éramos intérpretes de um texto, éramos atrizes criadoras performadoras de obras coletivas.

Então estas referências são necessárias para que você perceba que a artista docente na qual você se transformará carrega inúmeras referências e experiências constituídas ao longo destas expedições. A inquietação para encontrar dispositivos de criação coletiva vai acompanhar a nossa prática didática e artística. Percebemos que para cada nova proposta, ou ideia, existe um caminho a ser percorrido, uma expedição à deriva a ser trilhada. E não adianta apenas elaborá-la, é preciso um encontro. Um encontro com as coisas do mundo, com os outros, com a pressão do instante, é o que provoca e aciona as fricções da criação dos processos inventivos.

Tal inquietação sempre estará permeada por uma atmosfera de sonho, por uma necessidade de realização de desconstrução das coisas que já experimentamos e conhecemos. Não é um negar ou um apagar das experiências anteriores, mas é uma certeza acompanhada de um desejo de vasculhar os vestígios daquilo que já foi, que já aconteceu e que já se encontra presente, memória-lembrança, na trajetória daqueles com quem nos encontramos e com o quê nos encontramos, e que de uma maneira ou de outra podem acionar encantamentos inventivos.

Quase 30 anos depois, estamos de volta, mais uma vez, à UnB na primeira turma do doutorado do programa de pós-graduação em artes cênicas - PPGCEN. Dá pra acreditar? Eu sei que você nunca teve este percurso acadêmico como uma meta. Mas esse é o caminho que estamos trilhando. Nós fizemos nosso mestrado aqui também entre 2014 e 2016, sob a orientação da maga mestra amiga amada Roberta Matsumoto, e ela nos ajudou a reaprender a amar a pesquisa e a escrita acadêmica. Ela também nos provocou olhar de novo para a fricção dos territórios fronteiriços entre teatro e cinema. Criar pela escuta dos movimentos possíveis do olho de quem está fora e dentro da ação. Arriscar orquestrar a luz, a música, corpos e vozes. Palavras que podem ser redesenhadas, re-esculpidas, pelo movimento da câmera. A mistura de metodologias de criação dramaturgica a partir da palavra, do corpo, das imagens, das paisagens, dos enquadramentos estão por aí há tempos. E nós gostamos de inventar com isso.

Eu sei que você escolheu ficar em Brasília porque pensar num doutorado é pensar na sua orientadora, mestra, companheira de reflexões e pensamentos sobre os mundos que queremos, sonhados. Mas prepare-se porque no dia 01 de novembro de 2019, três meses

depois do nosso ingresso no PPGCEN, Roberta se desconectará do mundo e vai precisar que você seja forte e permaneça num caminho à deriva. Um aneurisma cerebral explode, e o medo da morte vai invadir você e tudo em volta. Calma, o retorno será lento, mas ela vai se recuperar e você não vai perder as esperanças nem o foco na pesquisa.

Quase um ano depois, nosso mestre amigo e parceiro Fernando Villar vai assumir a sua orientação, e vai partilhar com você este caminho da pesquisa que ele nomeou de aventuras doutorais. Esse encontro será um presente. A pesquisa dele também é atravessada de hibridismos e ele domina tanto as dimensões do campo de estudos da performance que sua fala e escritas são desenhadas por uma performatividade atravessada pela política e a poiesis, o que gera efeitos intensos de inquietação e de alegria no percurso da pesquisa.

Vale a pena te dizer que durante o mestrado, que você tanto adiou, tivemos a oportunidade de organizar e refletir sobre toda a experiência artístico pedagógica que trilhamos durante os quase 14 anos que ficamos como artista docente do Espaço Cultural Renato Russo - 508 sul. A vida foi mágica neste sentido. Quem imaginaria que você teria a oportunidade de voltar ao antigo Centro de Criatividade e desenvolver um trabalho de oficinas gratuitas de teatro abertas a toda a comunidade. Você passou num concurso da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, e depois foi cedida para a Secretaria de Cultura para desenvolver projetos de formação de atores na 508 sul.

Durante todo este tempo você explorou apaixonadamente procedimentos híbridos de criação cênica a partir de escrituras performativas e processos de improvisação e pesquisa nas artes cênicas, sempre tendo o coletivo como território de trabalho. A sua dissertação de mestrado conta essa história: *Expedições à deriva com a pedagogia teatral por uma pedagogia da invenção* trata do entendimento da pedagogia teatral como uma pedagogia que promove desestabilizações, transgressões, que provoca a construção de saberes (in) corporados, que aciona indisciplinações e desprofessorizações. Que entende o ato pedagógico como prática entre e, com as pessoas, e as coisas do mundo. Que atua no entendimento do inacabamento contínuo dos saberes e que insiste na ética, nas poiéticas, nos processos, na presença e nos afetos.

A nossa proposta agora, no doutorado, é pesquisar poéticas e pedagogias performativas e as possibilidades de invenção entre teatro, performance e cinema. Como corporificar

noções e entendimentos dos engendramentos entre a educação, o teatro, a performance e o audiovisual, a ponto de apresentá-los numa organização conceitual adequada e relevante?

Isso não sai da sua cabeça desde que estava à frente do Festival de Curtas das Escolas Públicas do Distrito Federal na Secretaria de Educação. É, depois do mestrado você passou quatro anos nas políticas públicas da educação básica. Até que em 2018 publicou, com a sua equipe, a Portaria 307 que institui a Política de Educação Audiovisual para a educação básica no DF. Foi um momento inesquecível! Com esta Portaria, o Festival de Curtas das escolas públicas deixa de ser um projeto para fazer parte de uma política pública que entende a importância da linguagem audiovisual hoje na educação básica.

Sabe, daí pode ser difícil de acreditar, mas grande número de crianças, jovens e adultos carregam agora, como apêndices, aparelhos telefônicos móveis que são verdadeiros computadores com câmeras e gravadores potentes capazes de muitas transgressões estéticas, e éticas também.

A gente lutava tanto pra conseguir uma VHS e depois uma *mini dv* para gravar ensaios e arriscar algumas composições, lembra? Nada deu muito certo. Tão poucos recursos. Bom, hoje tudo é diferente. Todos têm uma câmera na mão, a vida é registrada, editada e compartilhada nos mínimos detalhes cotidianos em redes sociais.

As entretelas, os algoritmos, os bits e bitcoins estão mandando em tudo por aqui, inclusive em você. Não deixe de ver o documentário ficcional *O Dilema das Redes*, é um material necessário para expandir as reflexões sobre controle e manipulação de dados. A violência está em pauta como há muito não se via. Tudo transborda. São muitas rupturas de direitos, muito desrespeito. O mundo está inteiramente conectado pela internet, mas as pessoas parecem mais isoladas a cada dia que passa.

Estes dispositivos móveis invadiram as nossas vidas, e a escola, infelizmente, por muito tempo ficou tentando mantê-los do lado de fora. Mas agora foram obrigadas a incluí-los como única forma possível de contato pedagógico. Como ferramenta indispensável para qualquer aprendizagem escolar. É confuso acreditar, mas é assim que estamos nesse caótico e desgovernado Brasil de 2021.

As coisas não estão como esperávamos. Em 2015, vivemos o início de um golpe que culminou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff, e sofremos as consequências desastrosas até agora, como uma avalanche que não para de crescer e aumentar sua potência destruidora. Nas eleições de 2018 o país elegeu um genocida, neofascista que exerce uma necropolítica nefasta que arrasa o Brasil e nossas pequenas conquistas em áreas estruturais como o meio ambiente, os direitos humanos, a educação e a saúde. Nossa democracia está em risco.

Um medo da morte ronda por aqui. É preciso encontrar alternativas diárias para seguir em ação e esperança, em invenção e utopia, porque sinceramente parece que não há mais mundo. Aquele mundo em que pensávamos viver.

Para complicar ainda mais as coisas, em março de 2020 um vírus mortal assola o mundo inteiro e isola famílias, cidades e países. Agora já são mais de 2 milhões de mortos pelo coronavírus em todo o planeta. No Brasil a pandemia está descontrolada. Faltam leitos, médicos, medicamentos, falta ar. Me falta ar.

Em tempos difíceis temos a responsabilidade de ir além do viver, do sobreviver, é necessário encontrar saídas. Ações propositivas capazes de inverter a lógica das violências que nos rodeiam, pois seguimos desgovernada enquanto nação. Enquanto população estamos com fome e seguimos sendo bombardeada por retrocessos éticos e sociais tendo que lutar novamente pelo óbvio. Cuidar do mundo e cuidar de todes. Diante dessa realidade é necessário ter esperança e recordar que já trilhamos outros abusos constitucionais, e que sobrevivemos lutando.

Olha, desculpe despejar toda essa informação assim, de maneira abrupta, mas é que esse panorama cruel atravessa nosso corpo, mente e coração, e aciona uma necessidade ainda maior de tentar encontrar modos de existir e de atuar dentro desse contexto.

Vou reassumir nossa primeira pessoa do singular pra te aproximar de mim e poder contar como está a pesquisa atualmente, e mapear algumas questões que me fizeram chegar até aqui.

Para a pesquisa proposta no doutorado, dar aula novamente, mesmo que sem a presença física, se tornou indispensável para poder seguir em frente. Eu nunca imaginei ter que

dar uma aula de teatro pela internet, sem estar no mesmo ambiente que meus estudantes. Porém é o que podemos fazer nos dias de hoje. E sem estes encontros, mesmo à distância, sinto que não consigo sequer pensar, sequer acordar. Enquanto o neoliberalismo avança sobre nós, aprisionando nossas subjetividades e impondo a manutenção do regime *colonial-capitalístico*, promovendo um sufocamento global (Rolnik, 2018, p.29), eu ganho um pouco de ar, ganho uma capacidade de agir, quando me encontro em agenciamentos pedagógicos performativos.

Por isso, ano passado, no meio de toda a pandemia do coronavírus aceitei o desafio de ofertar uma prática docente dentro do doutorado. A disciplina optativa, *TEAC II - Entretelas - autobiograficções e dramaturgias híbridas*, partia de dispositivos autobiograficcionais como potências de invenção.

O termo “autoficção” foi criado por Serge Doubrovski, (1977) e segundo Patrice Pavis (2017, p.44), contrasta com a autobiografia por apresentar fatos e pessoas reais inteiramente recompostos, com outra cronologia e permeada de invenções. Tal definição me estimula a usufruir do termo composto autobiograficção por entender que ele é capaz de explicitar as interfaces entre realidades e ficções, das tantas histórias, lembranças, memórias possíveis nos processos de formação de atores e de criações híbridas.

Além disso, entendo que procedimentos autobiograficcionais permitem também redesenhar a percepção que temos de nós, clareando o entendimento de que as identidades não são estáveis, pelo contrário, encontram-se em constante movimento. Assim, como posso ver agora olhando daqui, para aquela menina que fomos e ver o quanto nos metamorfoseamos. A potência desses procedimentos performativos atua diretamente na alteridade e na transformação dos sujeitos no mundo. Escrever é um exercício de ser e estar no mundo a partir de si.

Acho importante te dizer que no início da pandemia em 2020, também tive a oportunidade de fazer uma oficina rápida de 10 horas/aula com a atriz e pesquisadora cênica Janaína Leite sobre o autobiográfico e hibridismo performativo. Apesar dos mais de 100 participantes *on-line*, foi um momento de me aprofundar em relação a utilização de arquivos e documentos

para compor as dramaturgias, improvisações e experimentações cênico performativas. A riqueza do material disponibilizado por ela foi tão vasta que até agora me encontro em processo de pesquisa em relação às referências filosóficas e artísticas citadas.

A autobiograficção será utilizada na pesquisa como dispositivo pedagógico performativo com o objetivo de possibilitar a pesquisa e invenção de materiais ficcionais de dramaturgias híbridas a partir de dispositivos móveis. A intenção tem sido explorar a atuação e a composição audiovisual com foco no trabalho do ator criador em entretelas, e promover o exercício prático de invenção de poéticas híbridas audiovisuais performativas individuais e coletivas. A experiência explorada na pesquisa intervenção, em andamento com as turmas do curso de artes cênicas da UnB, tem sido muito potente como estrutura da tese juntamente com as outras práticas artístico pedagógicas desenvolvidas durante a pandemia, em modo remoto.

Em agosto de 2020, tive a oportunidade de ver uma palestra do Jorge Dubatti sobre as artes do convívio e do tecnovivo, que serviu como início de diversas reflexões acerca de nossos desafios em relação a colocar nossas experiências com as artes da cena à disposição das plataformas digitais e das instâncias de presença, atenção plena, afeto, corporalidade. Assista a essa aula do Dubatti! Os conceitos de presença, corpo real e corpo digital, contágio, exclusão e experiência a partir das diferenças entre as relações espaço temporais são minuciosamente apresentadas, e vão nos ajudar a subsidiar as reflexões teórico-práticas sobre a situação das artes da cena durante o período de isolamento social.

É difícil essa distância. Nas aulas virtuais, os corpos mediatizados se transformam. Vemos apenas partes que, às vezes, desaparecem num fechar de câmera ou na perda da conexão. Muitos pensamentos interrompidos. Analisando agora, percebo que adquiri uma performatividade exacerbada em vários momentos. Ser e estar professora na entretela era muito diferente de tudo que já tinha experimentado. Parecia que minha experiência pedagógica não era o suficiente. Meus procedimentos e dispositivos pareciam muitas vezes não servir, não se adequar. Nós não nos adequamos. Nos adaptamos a contragosto.

E de repente na aula, alguém chora. Uma notícia, mais uma perda. Mais uma morte. Vivenciamos as perdas coletivamente. Compartilhamos dores e saudades. Raivas e descontentamentos. Indignações. O racismo, o patriarcado, os abusos policiais, o

femicídio, as violências sexuais, tudo explode. E ainda explode por aqui e mundo afora. E nossa turma também explodia em palavras e vozes potentes de coragem para realizar algo e seguir.

Já falei muito e ainda não te contei sobre o desenho da pesquisa. Bem, por hora, tenho um esboço. Quanto ao mapa conceitual, estamos em diálogo com a obra de Suely Rolnik, o que aciona entendimentos de como o estado da educação encontra-se cafetinado pela necropolítica capitalística. E para este diálogo incorporamos Paulo Freire, Jorge Larrosa Bondía, Suely Rolnik e Byung-Chul Han, para acionar uma reflexão sobre a influência e manipulação da era digital sobre nosso comportamento e subjetividade. A partir deste mapa sociopolítico incluo os estudos da performance na conversa, para pensar em como sua amplitude e multiplicidades de conceitos sobrepostos e divergentes, e suas distintas dimensões processuais, liminares, de intervenção na realidade, de presença, das corporalidades, têm atravessado os estudos da educação, e das ciências humanas em geral, fomentando territórios híbridos de práticas pedagógicas e de pesquisa expandidos.

Para alimentar e sustentar este encontro desenharei um pequeno esboço histórico com as vozes de Richard Schechner, Augusto Boal, Diana Taylor, Elyse Lamm Pineau, Gilberto Iclê e Fernando Villar. Também tenho investigado os hibridismos culturais apresentados por Peter Burke, e o conceito de culturas híbridas de Cancline para sustentar as transdisciplinaridades necessárias para pensar a educação.

Dentre as distintas interfaces e possibilidades de afecções entre a performance e a educação como por exemplo: ensinar sobre performance e fazer performance na escola, olhar a escola como performance, usar a performance para olhar o comportamento de professores e estudantes na instituição escolar, vou me concentrar inicialmente na pedagogia como performance, isto é a pedagogia como invenção nas relações de ensino e aprendizagem. Aqui também intenciono trabalhar com a interseccionalidade necessária para discutir as afecções e possibilidades de atravessamento entre feminismos e a educação, principalmente pela necessidade estrutural de pensar as violências simbólicas, físicas, psíquicas e emocionais que constituem as subjetividades femininas, e as relações de poder nas esferas da arte e da educação.

Os encontros com conceitos investigativos que norteiam minha compreensão sobre ensino e aprendizagem, como a cognição inventiva de Virgínia Kastrup, a biologia do

conhecimento de Maturana e Varela, a filosofia da diferença na perspectiva dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari norteiam também a minha prática pedagógica, e estarão presentes em diversas espiralações entre estética, ética e invenções artísticas e pedagógicas.

Meu intuito é descrever os processos e procedimentos que foram acionados para os trabalhos em entretelas, no período de distanciamento social, mas espero ainda poder, antes do fim da escrita da tese, ter a oportunidade de desenvolver algum processo presencial. Que as vacinas cheguem logo para todos!

É isso. Nem sempre podemos realizar o que sonhamos. As projeções de como a pesquisa seria conduzida têm sido substituídas por uma realidade que nos arremessa, mais uma vez, em outra expedição à deriva, só que desta vez desprovida de qualquer bagagem.

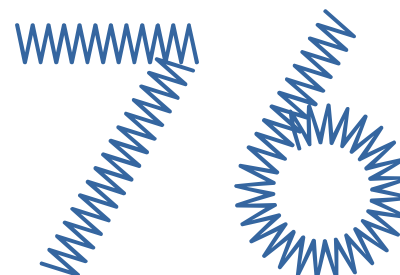
Neste momento, estou como professora voluntária do departamento de artes cênicas da UnB, conduzindo a disciplina Interpretação 1, que está sendo desenvolvida a partir das potências do teatro performativo e de procedimentos autobiográficos, principalmente em consonância com Eleonora Fabião e com Illeana Diéguez, e as provocações que estão contidas em suas desmontagens. Também tenho orientado um trabalho de conclusão de curso - TCC de uma estudante da licenciatura em artes cênicas que aborda a criação cênica a partir do que ela denomina de *Vida performativa*. Desde 2006, quando dei aula por quatro anos na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, não orientava nenhum TCC. Esse diálogo tem sido muito enriquecedor para a pesquisa, tendo em vista que a estudante é uma criadora de materiais poéticos autobiográficos híbridos.

Espero que estes fragmentos de pensamentos rabiscados aqui, com sentimentos de medo, em breve constituam um corpo em fluxo repleto de agenciamentos. Como disse Sandra Corazza em sua obra *Composições*: “No traçado de um plano de imanência, o pensamento não se separa da vida”, O pensamento aqui está borrado, composto de teias labirínticas reais e ficcionais. Saudades de tudo. Das memórias esquecidas. Dos encontros intermináveis, dos abraços apertados, dos teatros, das noitadas, de sair pra dançar até as pernas doerem... Saudades de tudo.

Adriana Lodi

BARBARA DUARTE BENATTI

Geminiana com lua e ascendente em capricórnio, mercúrio em gêmeos. Feminista, mãe solo do Gustavo e Murilo. Aprendendo a tocar Zabumba e congelando comida semanalmente para dar conta do rojão. Tem formação acadêmica e profissional que condizem com o elemento do seu signo: ar, movimento, transitando aqui e acolá. Graduada em Administração com ênfase em Hotelaria pelo Instituto de Educação Superior de Brasília - IESB (2005), licenciada em Educação Artística: Artes Cênicas, pela Universidade de Brasília (2008), Especialista em Hotelaria Hospitalar, pelo Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília - CET (2009), dando desenvolvimento a pesquisa iniciada na graduação, ampliando o repertório sobre a inclusão das artes nos serviços hospitalares, colaborando no processo de recuperação. Mestra em Artes Cênicas em 2017. A dissertação explorou o teatro de bonecos do Mamulengo e a inclusão das mulheres, ressignificando a brincadeira. O trabalho foi selecionado como melhor dissertação na área de lingüística, letras e artes junto ao prêmio UnB de dissertação e tese do ano de 2017. Atualmente é doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas na UnB na linha de pesquisa Cultura e Saberes em Artes Cênicas. E desde 2012 atua como Tutora do curso de Teatro na Universidade Aberta do Brasil.



HISTÓRIAS DE QUEM FALA CONSIGO

Brasília, 05 de dezembro de 2020

Boa tarde, Barbara,

Você consegue abrir os poros, ouvidos e ter atenção para me ouvir? Mas ouvir de verdade, sem duvidar, só confiar que estou aqui para cuidar de nós duas. Pobre mulher, junto com a jornada acadêmica você se lançou ao autoconhecimento. Foi até cunhando termo: Mamulengo Terapia! Sim, porque foi por meio da pesquisa do Mamulengo que você se lançou na defesa dos feminismos¹. Por meio das trocas com a mamulengueira Cida Lopes, você buscou o autoconhecimento. A parte engraçada é saber que você, pobrezinha, pensava que autoconhecimento dizia respeito a queimar incenso e ouvir Enya. Depois foi logo buscando a Astrologia Tradicional para se entender. E não entende nem uma, nem outra.

Então Barbara, sabemos que a sua dissertação de Mestrado foi uma catarse por todos os atravessamentos que a ida ao campo te trouxe, por todas as leituras que ressoam dentro de você. Pois bem, em agosto de 2017 você defendeu o Mestrado, ficou feliz e realizada. No ano seguinte, em julho de 2018 seu ex-marido, pai dos seus filhos, se mudou definitivamente para o Estado do Pará, e seu mundo ruiu. De repente ser mãe e cuidar de dois meninos, passou a exigir ainda mais de você. Para você, uma simples ida ao dentista, virou uma mega operação da disponibilidade de agenda das avós. E você de novo, parou de cuidar de si. Não tinha tempo. Não lembrava, porque a prioridade não era você, e sim os meninos. Desculpa, Barbara além da falta de tempo, eu fico te atormentado fazendo você temer pela sua jornada acadêmica e profissional. Não dá para viver de pensão alimentícia, você precisa trabalhar e conquistar algo melhor. Eu vivo te falando isso.

Acho que estava quase arrogante, o tamanho da sua autoconfiança. Você estava achando

1 RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Unicamp, 2013.

que com o título de Mestre, teria mais oportunidades de trabalho, que poderia por exemplo, trabalhar na mesma cidade que reside. Distribuiu tantos currículos e chegou a se preocupar com possíveis choques de horário. Mais do que isso, você estava confiando em um aumento de salário, já que além do tempo atuando na mesma empresa, houve um investimento na sua própria formação. Passou de professora Especialista, para professora Mestre. De fato, depois que você terminou o mestrado a sua hora-aula aumentou, mas seu empregador diminuiu a sua carga horária, exatamente por isso: você se tornou uma mão de obra cara e qualificada. Para a iniciativa privada isso é um problema. Não exatamente um problema, na verdade um detalhe dispensável, que só fica interessante durante visitas do MEC. Foi até engraçado te ver como figurante, sendo colocada em cursos que você nunca lecionou, como “Estética e Cosmética.”

A partir daí comecei a agir com mais intensidade. Gostava de te acordar às 3 horas da madrugada, fazia você se remoer: muita raiva e às vezes choro. Mas uma coisa que tentei te fazer entender é que não dá mais para trabalhar neste regime de viver com medo de ser demitida e essa frase cantando na cabeça: “manda quem pode, obedece quem tem juízo.” Você precisa ir além, por você e pelos seus filhos. Entende agora por que a sua pesquisa e sua jornada acadêmica precisam seguir adiante? Você é uma mulher que pesquisa sobre mulheres brincantes. As opressões que você sente, também dizem respeito às outras mulheres e você irá perceber que elas vivenciam outras a mais.

Desde do término da dissertação, continuamos em diálogo com a Cida Lopes. Ela para de te perguntar: “e o doutorado, quando vai ser?” Então, vamos! Um, dó, lá, si e já. Vamos para o 1º semestre do ano 2019 nos deparar com o processo seletivo do PPG-CEN.

Você sabia que não era só ir lá na Universidade e fazer a matrícula. Mas você não imaginava que seria uma tortura participar de um processo seletivo muito difícil, que te exigia tempo (algo tão caro para você), preparo e dinheiro para investir.

De novo vem a necessidade de ter a habilidade de planejamento e organização do tempo. Tempo para conseguir preparar ser professora e preparar as aulas, tempo para as demandas dos meninos, tempo para a casa, tempo para escrever um bom projeto

e tempo para estudar. Era sobre tempo, também conhecimento e acesso a bibliografia mais diversificada, que um programa poderia pensar em exigir. E a proficiência em dois idiomas. Não só isso, precisa dos certificados de proficiência. Nessas exigências todas, ainda veio o fator inesperado: a sua soberba fez você achar que era só pagar o exame de proficiência e ir fazer a prova. Contando que iria acertar, mas depois de alguns testes na internet você percebeu que não *hablaba* tão bem assim. Mas calma garota, vamos pedir para a mamãe e o papai pagarem o cursinho para estudar e se preparar para o exame de proficiência. *Vamos niña, es hora de aprender a hablar español. Cree en ti misma, habrá tiempo e lo lograrás.*

Pronto, Barbara. Passamos, não é?! No primeiro semestre vou te falar para investir pesado na Aromaterapia e nas Ervas Medicinais. Óleo essencial de Alecrim Cineol para conseguir ler todos os materiais da professora Luciana Hartmann. Óleo essencial de Lavanda, para ativar o poder da paciência para enfrentar diariamente os engarrafamentos da Estrada Parque Taguatinga (EPTG). Cápsulas de Ginseng para sair da Universidade de Brasília correndo a tempo de buscar os filhos na escola, ir para casa e fazer o almoço. Vamos adquirir uma habilidade maravilhosa: congelar comida previamente, e limpar a casa rapidamente com mopp. Vamos fingir que faxina é aula de Pilates. Este semestre será como um sopro, vai passar tão rápido, e nosso coração explode de amor com a nossa turma de Doutorado. Somos amigos, amigas e parceiros de jornada. Temos certeza que é para a vida toda e isso nos dá uma grande segurança: você não está sozinha, Barbara. Eles também têm demandas, medos, incertezas igual você.

Mas sabe, o que você não sabia era o que estava por vir no ano de 2020. O ano começou em janeiro pegando fogo nas florestas da Austrália. Em fevereiro? Jorge Benjor diria: “Tem Carnaval!” Teve, mas o que mais impactou foi que em fevereiro, fomos demitidas. Após 11 anos trabalhando na mesma IES, demitidas por ter muito tempo de casa e a hora-aula ser muito alta. E foi uma demissão ruim de engolir, porque quem queria sair, era você. Só que você não tinha coragem de chutar o balde. Pensa pelo lado positivo, com a demissão você recebe o FGTS, seguro-desemprego e poderá dizer que no Doutorado, mesmo sendo mentira, a dedicação será exclusiva. Faz de conta que é exclusiva, mas a gente sabe que é uma dedicação partilhada. Mas vai, garota. Aproveita a raiva, chuta o balde, apaga os contatos dos ex-colegas de trabalho, apague essa pasta de arquivos de

conteúdo sobre Teoria Geral da Administração, isso, isso, vai garota! Apaga essa pasta de Propaganda e Publicidade, confia em mim: você não vai dar mais aula nesses campos. Essa porta fechou, pronto. Acabou. Nem precisa se desesperar porque no mês seguinte irá surgir a bolsa da CAPES.

Vamos seguir conversando intensamente com a Cida, vai ser essa mulher guerreira que irá nos fazer entender os significados das palavras: resiliência e resignação. Por isso que você brinca com a ideia de “Mamulengo Terapia” a pesquisa é terapêutica, conversar é terapêutico, ouvir é terapêutico e tudo mais que o campo de ensina.

Cida Lopes continua nos ensinando tanto. Nos ensina a ter força, nos ensina a ter coragem e nos ensina seguir adiante, com todas as adversidades, sem olhar para trás.

Você achava que o autoconhecimento era como um interruptor, que seria em um clic que tomaria consciência de você mesma. Que você refletiria sobre os seus atravessamentos, sobre seus tombos, sobre cada vez que você seguiu um caminho sem me ouvir, a sua intuição. Aliás, intuição ainda é uma coisa difícil de você ouvir, você acha que é paranoia.

Se o mês de fevereiro estava pesado, você ainda não sabia o que estava por vir. No dia 12 de março soubemos do Decreto do Governador de Brasília, Ibanês Rocha, sobre o isolamento social. A medida estabelecia a suspensão das aulas em escolas e faculdades, públicas e privadas e a realização de eventos, de qualquer natureza. Sessões de cinema, espetáculos teatrais, shows, exposições, imagine por exemplo o setor cultural, que depende de aglomeração, de atividades coletivas e com o decreto instituído, estão proibidos. E o Mamulengo, então?! Essa brincadeira que acontece nas praças, nas feiras, que congrega gente. Todo mundo foi para a Internet.

Desde então você está em casa com seus filhos e eu com você, pensando, refletindo e fazendo você perder o sono. Porque esse é o meu papel enquanto a sua consciência ou intuição, ou paranoia, como você gosta de me chamar.

A Covid-19 chegou como um novo vírus, em que praticamente toda a população mundial é suscetível à infecção. Impactante encerrar o ano e o nosso Brasil somar mais de 170 mil mortes.

Mas vamos tentar desanuviar. Durante a quarentena assistimos no Netflix a série alemã Dark. Temos pensado que explica tudo, inclusive foi a forma rápida que você acha que leu Allan Kardec, mesmo sem ler. Temos certeza que entendemos o kardecismo a partir do paradoxo viagem no tempo, provas e expiações. Parece que isso está entalado na nossa garganta. Daquela epifania terapêutica de querer indicar para todo mundo assistir, querer escrever sobre mais para firmar o que entendemos. Ao contrário do que dizem, Dark não é uma série sobre viagem no tempo. Na segunda temporada da série a abertura é uma tela escura, com as letras em amarelo e uma citação a Friedrich Nietzsche: “*Quando você olha muito tempo para o abismo, o abismo olha para você.*”

Frio na barriga, você sentiu e eu falei com você, assoprei no seu ouvido e te inquietei. E você achou que fosse paranoia! É sobre a regência do Sol no ano de 2020. O Sol entra para revelar as sombras. Aquilo que está empoeirado atrás do móvel que nunca arrastamos para limpar. Sombras. Aqueles pequenos e mesquinhos pensamentos que se revelam antes de dormir, o danado do Ego. Mais ainda, o que entendemos de Dark é que estamos vivendo no Planeta de “Provas e Expições”.

Sim, Barbara, finalmente entendemos expiações como: vivenciá-las, ou seja, passar por elas, sofrer suas consequências para transmutá-las e por fim, regenerá-las.

O protagonista da série, Jonas, segue numa jornada quase que obstinada por controle. Hannah, outra personagem que nos chamou atenção, em todas as suas viagens pelo tempo só queria ser amada. Ela achava que o amor vinha de um outro. Dark nos fez refletir muito sobre o sentido das coisas, sobre as relações e sobre nossas conexões.

Os personagens, e as relações que estabelecem, fez com que você entendesse que o outro não existe. Não importava o que faziam uns com os outros, a responsabilidade era de cada um.

Vivemos neste Planeta, um verdadeiro Jardim de Infância, como retratado no livro infantil *Pingo de Luz*, da autora Gislaíne Maria Assumpção (1989). Você leu esse livro fantástico mais para você mesma do que para os meninos. Imagine, um livro infantil que fala do aspecto emocional, psicológico e espiritual da vida e da morte? Numa linguagem simples, são tratados temas como: regressão, perdas, confronto com a morte, transcendência e o sentido da vida. Ali, você entendeu que vive no Jardim de Infância, está aqui para aprender.

O Planeta Terra está se movimentando, se transformando no Planeta de Regeneração. Muita coisa precisa se regenerar em todos os níveis. Imagine que somos como diamantes preciosos, para manifestar nossas preciosidades, precisamos lapidar nossas impurezas. E por impurezas finalmente entendemos as vibrações de dor, medo e ira. O entendimento que tivemos é que sem os outros não poderíamos tornar o inconsciente consciente.

Desta forma, chego ao ponto principal da vontade de te escrever, Barbara. Em um ano como o de 2020, em que fomos colocadas diante de tantos acontecimentos, você percebe que somos energias e reagimos a elas. E neste ano tão peculiar, fomos chamadas a lidar com nossas sombras, com nossas dores, com as perdas, com muitos desgastes, ansiedades, medos, isolamento e diversas outras emoções. Não é qualquer coisa. É uma grande coisa.

No final de outubro deste ano, após um e-mail informativo do PPG-CEN, você ingressou no curso I Curso de Formação de Avaliadoras/es para composição das Bancas de Heteroidentificação.

Este curso Básico para membros de Bancas de Heteroidentificação veio no sentido de atender à Resolução CEPE n. 044/2020, de 04 de junho de 2020, que dispõe sobre as Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação na Universidade de Brasília - UnB.

Desde que lemos *Memórias da Plantação*, da Grada Kilomba², temos percebido como este assunto está latente em nós. Logo no início do livro, encontramos o tópico: “Cartas da autora à edição brasileira”. Ela diz que escreve para entender sua própria identidade, e em seguida apresenta um glossário expondo uma avalanche de colonialismo das relações de poder e violência na língua portuguesa. Como você sabe, essa desconstrução é necessária, pois estamos ancorados em uma história de violência e desumanização.

A leitura de Grada Kilomba, as problematizações feitas em sala de aula, não foram suficientes. Precisei te levar de volta as suas vivências pessoais com a sua própria identidade. Na página 147 no tópico 12 – *Racismo dentro da família, sobre as classificações coloniais hostis* – morena – mulata – mestiça. A partir do relato de Alícia, te fiz pensar em você. Você é uma mulher considerada “parda” e dos derivados que se seguem – mulata,

2 KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano*. 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

morena, mestiça, cor de jambo, cor de caramelo, não é preta e não é branca. No tópico 21 – *Vindo para a Alemanha* –, a autora traz o relato de Kathleen, que diz: “Eu sei que meus ancestrais são africanas/os, mas isso é tudo.” (p.181) foi pura catarse para você.

O nosso finado avô Paulo, avô paterno (1917 - 2003) era filho de imigrantes italianos. Chegaram aqui em 1890. Sabemos que vieram da região sul da Itália, sabemos qual o porto no Brasil que desembocaram, sabemos quais cidades e onde os nossos conterrâneos Benatti se fixaram. Nossa família por parte de pai sempre cultivou suas origens ítalo-descendentes, e limitaram-se a falar muito alto, brigar por qualquer coisa, consumir demasiadamente vinho, pizza e macarrão. Do outro lado, nem isso tivemos, nunca soubemos muita coisa do outro finado avô, João (1918 - 2000). Conta-se que sua mãe era uma “negra desditosa” e que trabalhando na casa da irmã, engravidou do cunhado aos 12 anos de idade. Deixou o filho à deriva e suicidou-se.

O avô João, como nos contam, foi criado solto e sem origens. Na página 179, a autora fala que o sistema de escravidão não nos permitiu saber de onde nossas famílias vieram ou quem éramos: perdemos nossos nomes e nossas línguas.

No ano passado, o nosso irmão partiu como que em uma via-sacra por sua identidade. Não a de M. - moreno, mulato, mestiço. Mas sim a de ítalo-descendente, buscando reunir documentos para obter a cidadania italiana. De um idioma que não compreendemos e de uma cultura que nos limitamos em cultivar como disse anteriormente, com massas de pizza caseiras, vinho tinto e cannoli.

Te impressionou e irritou a quantidade de documentos colhidos nos cartórios, desde a chegada no porto de Santos-SP, até a ida para Juiz de Fora - MG. O irmão descobriu que nosso bisavô trabalhou como Taquígrafo em São Paulo antes de ir para Minas Gerais, que o primo dele era padre e que a cidade de Andrada - MG, o homenageou botando seu nome em uma rua.

Por outro lado, parte da história do avô materno foi banida, não glorificada e nem enaltecida. Não sabemos nada ou quase nada sobre seus antepassados. Aliás, a cor da pele está em nós, mas essas referências geográficas e históricas foram arrancadas do avô João.

Memórias da Plantação é uma reflexão necessária e essencial para as práticas decoloniais, e quando você viu o e-mail do sobre o I Curso de Formação de Avaliadoras/es para composição das Bancas de Heteroidentificação, fiz você sentir que precisava estar lá. Mais ainda, você lembrou que a mamulengueira Cida Lopes é uma mulher preta e que, na sua dissertação, você mal abordou essa questão. Agora não tem ponta solta, Barbara.

No curso, ao estudar a Lei de Cotas 12.711/12 e a Resolução Cepe n.044/2020 entendemos que foram/são importantes para que pretos/as, quilombolas e indígenas pudessem ter acesso à educação superior. Uma política imprescindível, porque diz respeito à inclusão, ao respeito e ao empoderamento dos direitos dos indivíduos. Cotas e programas sociais contribuem para a melhoria da vida de pretos e pretas e é importante que a sociedade se conscientize da importância de ter políticas ativas para diminuir o peso da desigualdade.

Entenda que o combate ao racismo não é uma luta de pessoas pretas apenas, mas uma responsabilidade social de todos e todas. Enquanto homens e mulheres não-pretos não tomarem consciência de seus privilégios, de seus lugares de fala e se responsabilizar pelo racismo, essa realidade de luta não fará sentido. É isso, Barbara: a educação é o único caminho possível para acabar com as desigualdades sociais.

Este ano de 2020 você percebeu com todos os acontecimentos que ser preto no Brasil é vivenciar cotidianamente o preconceito. Não, não vou deixar você esquecer das mortes do menino Miguel Otávio Santana da Silva e a do João Alberto Silveira Freitas. Muito menos do suicídio do pai da Cida Lopes, o grande Mestre Zé Lopes. Mamulengueiro conhecido, reconhecido, um homem preto, um homem simples que passou a vida inteira se dedicando ao Mamulengo. Enforcou-se em casa, deixando o seu legado do Mamulengo para a mulher, filhas e netas. Decidiu partir sem deixar nenhuma carta, nenhuma explicação.

Que mês foi esse de outubro, hein garota? No dia 21 de outubro, Cida organizou com a ajuda de muitas pessoas e nós nos incluímos nessa, uma homenagem ao pai, que nesse dia completaria 70 anos. Na ocasião, Cida cantou, chorou, mediou o evento convocando no improviso a fala dos que estavam ali presentes: o Mestre Chico Simões, a prof. Izabela Brochado, prof. Adriana Alcure, enfim pessoas que conviveram com o pai da Cida. No final do evento, a Cida leu uma carta que escreveu para o pai. Imagine: uma carta para o pai suicida?! Tinha um bocado de desabafo, hora com raiva, hora agradecida, foi uma carta potente e emocionada.

Compreende, Barbara?! Você está percebendo enfim que aqui é o Planeta Escola? Somos energia e estamos trocando e reagindo a elas. É isso Barbara, aqui no Planeta Escola estamos reagindo as energias e trocando. Você precisa compreender sobre transmutar as energias, tentei falar com você de todo os jeitos.

E acabou que você só conseguiu entender isso com a aula do prof. Dr. Nelson Fernando Inocêncio. Na segunda semana de curso, no dia 4 de novembro, na nossa aula síncrona, após a arguição do professor Nelson Inocêncio, abrimos o debate. Você foi a primeira a perguntar sobre o “Caso Ari”.

O filme *Sob o signo da justiça: a luta pelas cotas na Universidade de Brasília*³, nos revela que no ano de 1998 Arvaldo Lima Alves, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília (UnB), foi reprovado em uma disciplina obrigatória. Em 20 anos daquele programa de pós-graduação, ele foi o primeiro aluno a ser reprovado. Dois anos após a reprovação, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão forçou o departamento a rever a menção e Arivaldo foi aprovado. O episódio, ficou conhecido como “Caso Ari”, estimulou o orientador de Ari, o professor José Jorge de Carvalho junto a professora Rita Laura Segatto, a elaborarem no ano seguinte a primeira proposta de cotas para estudantes pretos da Universidade de Brasília, embrião do atual sistema.

Sua pergunta foi motivada pela raiva, pela ideia de “cancelamento”. Essa ideia que nasce na internet, o “cancelamento” é um ataque à reputação que ameaça o emprego e os meios de subsistência atuais e futuros do cancelado. Falou para o professor Nelson e para os colegas que a sua pergunta era uma curiosidade sádica. Você queria saber o que aconteceu com o professor racista: Ele foi demitido? Penalizado? Fez um pedido formal de desculpas para o Ari? Redimiou-se publicamente? Sumiu do mapa?

A resposta do professor Nelson reverberou tanto na sua cabeça! Conversei muito com você, porque a resposta do professor Nelson Inocêncio te faz refletir sobre essa necessidade de transmutar as energias. Sobre um tipo de engajamento pacífico que não necessariamente diz respeito à demissão, desligamento ou represália ao professor. É, de novo, sobre algo muito maior.

3 Filme - Sob o signo da justiça: a luta pelas cotas na Universidade de Brasília. Direção: Carlos Henrique Romão e Ernesto Ignácio de Carvalho

O Prof. Nelson nos deu notícias de Ari, e apesar de não termos a dimensão de como essa experiência foi traumática e como marcou a trajetória pessoal, acadêmica e profissional do ex-aluno, sabemos que por conta deste caso, a política de cotas existe até hoje (e continua causando debate). Hoje Ari é professor adjunto de Antropologia da Universidade Estadual da Bahia.

O “Caso Ari” ganhou extensão e como resposta, foram medidas que não beneficiaram diretamente o aluno, mas reverberaram em um segmento de pessoas que há séculos vêm sendo desamparadas e maltratadas. Apesar da dor e dificuldade que Ari viveu, foi algo importante, como um gatilho para mobilizar uma luta muito maior.

Mas eu te faço ficar sempre numa inquietação de uma pergunta/aprendizado: quando sairemos das provas e expiações? E como faz para olhar para as injustiças sem ódio e indignação? O caso Ari fala um bocado sobre isso. Não é sobre demitir/banir/cancelar o professor. Não é sobre o ódio direcionado. E isso não diz respeito só ao racismo. É também sobre o machismo. Tudo isto é sobre uma luta muito maior. E a vida de fato queria te mostrar que é sobre algo muito maior. De novo estavam ali as lições sobre transmutar as energias e entender de verdade o que diz a oração de São Francisco de Assis:

[...] *Onde houver ódio, que eu leve o amor*
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão
Onde houver discórdia, que eu leve a união
Onde houver dúvida, que eu leve a fé
Onde houver erro, que eu leve a verdade
Onde houver desespero, que eu leve a esperança
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria
Onde houver trevas, que eu leve a luz [...]

Assim, Barbara, desviando tremendamente do objeto de estudos do seu doutorado: o Mamulengo, damos esta pequena volta pela Travessia da Vida. Relatando tudo isso, te

lembro que você escreveu no Fórum da disciplina do professor Graça Veloso, citando a seguinte passagem do autor João Guimarães Rosa no livro Grande Sertão: Veredas (1994):

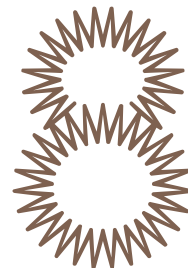
Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver não é muito perigoso? (GUIMARÃES ROSA, 1994, p. 43).

Disse lá no fórum que este livro, Grande Sertão: Veredas, não tem capítulos, mas sim um fluxo contínuo, sem pausa, num único fôlego, igual a vida: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. (GUIMARÃES ROSA, 1994, p. 86).

Entendeu Barbara, qual é a Travessia de que fala Guimarães Rosa? Me diz se não é sobre Provas e Expições? Me diz se não é sobre Transmutar as energias para alguma coisa muito maior? Vamos nos falando, o.k?!

BELISTER ROCHA PAULINO

Belister Rocha Paulino é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília. Analisa processos de criação em dança a partir da relação com a literatura, tendo a imaginação como elemento cognitivo na interação do corpo com o espaço. Atualmente, desenvolve materiais pedagógicos e audiovisuais voltados à prática de dança na escola, assim como videodanças, resultantes das criações desenvolvidas em práticas docentes e oficinas. Estudou mestrado em Artes Cênicas pelo programa ProfArtes, realizado na UnB, no qual desenvolveu pesquisou sobre dança, educação e deficiência, com foco no movimento expressivo que a dança pode promover na escola. Formou-se em Pedagogia na Universidade Federal do Piauí e em Dança no Instituto Federal de Brasília. Atua como professora do Ensino Fundamental I na Secretaria de Estado de Educação do DF, tendo experiência na Educação Especial entre 2004 e 2017; na gestão pedagógica dos Centros de Educação da Primeira Infância (2018) e na formação continuada de professores do Centro de Vivências Lúdicas - Oficina Pedagógica (2019), da Coordenação Regional de Ensino de Santa Maria, DF.



SOLILÓQUIOS TEMPORAIS: UMA TRAJETÓRIA EM PALAVRAS VIVIDAS NA REFLEXÃO DE TRILHAS INVESTIGATIVAS EM DANÇA

Querida Criança,

Sei que você começa hoje um tempo de inícios e descobertas de mundo, mas afinal, o que uma garotinha de seis anos pode imaginar dos rabiscos, desenhos de imagens inventadas, dos livros e das letras dos primeiros dias de escola? Seu caminho ganha, neste momento, um traçado, que muitas vezes vai lhe parecer como um emaranhado de linhas; uma escrita ininteligível dos tempos e transformações próprias das muitas etapas que vai percorrer.

Você vai começar fazendo um caminho longo para uma menina percorrer a pé. Serão alguns meses, até que sua família se mude para bem perto da escola, a mesma que você vai passar os próximos oito anos. Entre lágrimas pela demora de sua mãe para buscá-la nos primeiros dias, no meio das histórias coloridas e com as músicas que levarão seu corpo todo a se mover, junto à melodia e comandos divertidos, sua experiência na pré-escola será uma das mais doces lembranças que vai carregar na bagagem da infância.

Um dia, no ir e vir da escola, você se encantará com uma flor vermelha entre os escombros, que você vai ver em um terreno abandonado de uma quadra imprecisa nos endereços da memória. Constantemente, no decorrer da vida, vai se perguntar por que essa lembrança não se apagou. O que chamou sua atenção naquela flor? A resistência e insistência em brotar num lugar inóspito? A beleza frágil de se destacar em meio a um cenário de destruição e abandono? Será que a viu por muitos dias? Quanto tempo dura uma flor do cerrado?

Com o passar dos anos, pequenos detalhes são lembrados ou imaginados na confusão das imagens de antigamente. Você, pequena estudante, continuará buscando e encontrando muitas outras flores pelos caminhos. Aprenderá o nome daquela e de tantas outras flores e plantas pelas quais vai se apaixonar todos os dias. Aquela caliandra dos escombros vai despertar um amor e encantamento por tudo que brota do chão. Esse encantamento vai lhe ajudar num período de confinamento e distanciamento que todo mundo vai passar por causa de uma pandemia, que vai mudar nosso jeito de viver.

Mas isso ainda vai demorar muito para acontecer; por agora, reforço que os verdes crescem resistentes, nem sempre em espaços apropriados, e que você vai gostar de pensar o seu caminhar como uma oportunidade de descobrir pequenas alegrias escondidas, como aquela caliandra do cerrado, que marcará todos os seus recomeços, forjados na insistência de viver. Ao escolher a carreira do magistério (Sim, você será uma professora!), poderá compará-la ao ciclo destas plantas que ama, pois, nesse ofício, “Semeia-se, cuida-se, colhe-se, volta-se a semear, a cuidar, a colher”. (LARROSA, 2018. p. 35). Tudo vai se renovar constantemente para exigir outros cuidados, olhares e possibilidades de agir.

Com carinho, Eu.

Querida Menina,

Amanhã será o dia em que você, finalmente, vai tirar o gesso com o qual passou tanto tempo depois daquele acidente. Já faz três meses que você está sem andar e acredito que foi um momento difícil nesta sua fase da vida, quando mal completou 10 anos. Sei que você não se lembra direito daquele dia, mas daqui para frente sempre vai pensar se o acidente foi causado por um momento em que se distraía ao atravessar a rua, e em como tudo seria diferente, se ao menos o motorista tivesse freado a tempo.

Embora você acredite que sua vida será normal depois que retirar o gesso, ainda vai levar um tempo até se acostumar e conseguir andar direito. O atendimento que você teve no

hospital não foi o adequado para quem fratura o fêmur. Em vez de uma tração na perna, resolveram engessar as duas, imobilizando o corpo da cintura para baixo. Ficar deitada por um longo período, só teve uma vantagem: você se aproximou mais das palavras e dos livros. Gostaria que pensasse nesta pausa como uma oportunidade de aproximação com a leitura, à qual você ferozmente se agarrou, tentando passar o tempo.

Sei que você lê tudo que lhe chega às mãos, até mesmo depois que apagam a luz do seu quarto e ainda resta um fio de luz que entra pelo corredor. É quase uma mágica o que você está fazendo, e acho que isso pode prejudicar suas vistas depois. Sabendo que gosta de histórias, desde que leu aquela do Caso da Borboleta Atíria e tantas outras, venho lhe contar sobre uma que li outro dia, quando iniciei o doutorado em Artes Cênicas na Universidade de Brasília.

Era um conto¹ de uma mulher que havia sido jogada no fundo do mar por algum erro muito grande que sua família achou que ela tivesse cometido. Ficou muito tempo submersa na água e na solidão e seu corpo foi reduzido a ossos, sem a lembrança da mulher que um dia existiu. Numa manhã, que não se pode precisar quanto tempo depois, um pescador ‘fiscou’ essa mulher esquecida no mar. A mulher-esqueleto ficou presa na rede de pesca e na vida deste homem, que embora correndo apavorado, não conseguiu se livrar daquela perseguição. Desistindo de fugir, o pescador até achou que o esqueleto foi ganhando vida e fazendo parte do cotidiano triste e sem calor que ele tinha. Com uma companheira de ossos, que fantasiosamente se reerguia, seus dias ficaram menos gelados e as luzes de estranhos sorrisos começaram a se desenhar. Depois de um tempo degustando e tentando entender o que não podia ser compreendido, pois assim as histórias nos instigam, achei que o tempo que você ficou sem andar, as dores e as dificuldades que se agravarão por toda sua vida, me lembravam a mulher-esqueleto deste conto.

1 O conto ‘Mulher Esqueleto’ faz parte do livro *Mulheres que Correm com os Lobos - Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem*, de Clarissa Pinkola Estés, psicanalista que investiga o esmagamento da natureza feminina em contos de fada e mitos diversos.

No compartilhamento das experiências no doutorado, conheci duas professoras que também se identificaram com esta história, analisada sob a luz de alguma limitação física ou de dores que tiveram e que ainda persistem em incomodar. Sem vitimizações, as dores expostas, em depoimentos e em palavras escritas, não impediram suas produções artística e cultural. Emocionei-me pela beleza e pela força transmitidas e percebi que, embora me escondesse muitas vezes no fundo do mar de alguma tristeza, eu carregava meus esqueletos-fantasmas² de uma vida inteira junto com a vontade de pesquisar e de investigar por caminhos bem diferentes dos quais eu estava acostumada a percorrer.

Vai demorar um pouco, mas você vai poder dizer também que a arte lhe ajudou a perceber esse traçado pontilhado com algumas lágrimas, que serão diluídas ou enxugadas em instantes e encontros marcantes e felizes. Você vai encontrar, no decorrer dos seus muitos anos pela frente, inspiração no hábito de leitura adquirido neste período e nas muitas experiências com o movimento que ainda vai vivenciar, mesmo tendo ficado inerte neste instante e, de certa forma, por mais algumas décadas, até que o movimento da vida e da alma tomaram outros rumos. Sua relação com a palavra vai sublinhar os estados corporais em processos criativos e adaptações contínuas entre seus limites e possibilidades de sonhar.

Com amor, Eu.

Cara Estudante,

Parabéns pela escolha que fez há pouco! Ao realizar sua inscrição para o vestibular de Pedagogia na Universidade Federal do Piauí você inicia um percurso que vai lhe permitir uma longa jornada na educação. Nesse momento, sei que ainda não tem ideia do que vai estudar neste curso, assinalado mais pela grande oferta de vagas, que por uma escolha

2 SILVA, Soraia Maria. HARTMANN, Luciana. Mulher Esqueleto: dor e sublimação no processo criativo, um diálogo afetivo. IN: SILVA, Soraia Maria. (Org.) Diálogos - Afetos Compartilhados. Brasília: UnB/PPGCEN, 2019.

pensada do futuro que queria. O destino encarregou-se desta façanha, mas afirmo que você vai ter um encontro significativo no campo profissional e pessoal como professora.

Cara Belister, você vai vibrar de felicidade ao ver seu nome na lista de aprovados. Esse mesmo nome que você, que ainda não tem 19 anos, sempre vê como um problema, pois toda vez que uma pessoa lhe pergunta, ou pronuncia seu nome, logo em seguida se ouve algo do tipo: *“Nossa! Que diferente! Nunca vi alguém com esse nome...”* Essas frases ainda vão incomodar por algum tempo, mas você, um dia, vai aceitar a força e a história do seu nome, escolhido por seu pai, depois de assistir a um filme de faroeste, no qual a protagonista lutava e escrevia seu nome em letras grandes na parede, após as vitórias que conquistava.

Neste novo trajeto que logo vai iniciar, não se esqueça das simbologias que vão te acompanhar; entre elas as que estão no seu nome, que ainda vai aprender a dizer sem inventar que é Maria, Ana ou Ana Maria, para evitar de ficar repetindo e explicando o que muitos demoram um pouco para entender. Você acredita que grandes escritores usaram o anagrama de seus próprios nomes misturados nas linhas de seus textos poéticos? Quando soube disso, resolvi procurar uma variação das letras do meu nome e descobri, com um sorriso no canto dos lábios, que BELISTER é igual a LIBERTES! De substantivo, virei uma ordem icônica de subjetividades e significados, que algumas palavras têm a força de fazer emergir.

Depois da graduação, sua história com a educação vai começar quando você se mudar para o município de Valparaíso de Goiás, quando ingressar no serviço público em meados dos anos 90. Você deixará Teresina com muita tristeza, mas logo agradecerá pelas oportunidades. Por quase dois anos, este começo vai exigir uma dose de coragem, como muitos começos, principalmente pela distância entre a teoria que verá no curso e a prática que vai vivenciar na escola. Em menos de dois anos começará a trabalhar na Secretaria de Educação do Distrito Federal e, a experiência com os anos iniciais do ensino fundamental ganhará novos contornos com sua mudança para a modalidade da educação especial, após alguns anos nessa cidade-fronteira de Santa Maria.

Os desafios crescem com o passar do tempo, mas a capacidade de resiliência, a curiosidade e certa inconformidade com as situações, nos garantem força a cada mudança. Você verá as muitas que vão lhe acompanhar daqui para frente.

Até a próxima!

Querida Professora-Pesquisadora,

Ano passado, você ingressou na educação especial e o impacto foi tão grande quanto o que teve ao iniciar na educação há um tempo. Mas agora em 2005, você já pode dizer que está se atualizando e se envolvendo cada vez mais com os alunos que atende nesta escola. Você vai passar os próximos 10 anos alimentando um lado que ainda não tinha conhecido de você mesma.

O encontro com as especificidades das diversas deficiências foi uma mudança enorme na sua prática pedagógica, mas a ludicidade e a socialização ajudarão em outros roteiros de agora em diante. A participação em atendimentos interdisciplinares voltados à contação de histórias, brincadeiras dançadas, encenações e muitas músicas, vai facilitar e promover seu encontro com a arte nesse percurso.

A partir deste envolvimento, terá a oportunidade de participar de uma parceria com o Instituto Federal de Brasília, que promoverá, junto à Secretaria de Educação do DF, uma segunda licenciatura para os professores da educação básica. Assim, em 2013, você vai entrar em contato com a Licenciatura em Dança.

Engraçado que neste mesmo ano, num exercício do curso de inglês que começou, você vai escrever um texto sobre o futuro. Nele você se vê aposentada em menos de 10 anos e morando num lugar sossegado e cheio de plantas. A ironia disso está justamente na grande virada que sua vida terá logo em seguida. As regras da aposentadoria vão mudar, você vai fazer outra graduação; emendar com o mestrado; sair da sala de aula e iniciar uma

trajetória de pesquisas até o doutorado. E tudo antes deste tempo que você pensou que seria de pausas e descansos. O que acreditamos estar definido, às vezes nos surpreende e se transforma de uma maneira inimaginada.

Ao começar uma segunda graduação, depois dos 40 anos de idade, sua trajetória na educação vai transformá-la em pesquisadora das questões que relacionam dança e expressividade como prática presente no cotidiano da escola. Muitos, que já se admiravam da sua transformação quando começou a cantar, tocar e a incorporar personagens a cada dia na educação especial, continuarão se perguntando quem é essa professora, que estava escondida no começo da carreira e que resolveu, dentre todas estas atividades que agora desenvolve, começar, também a dançar na escola. Sabe o curso de inglês que você começou? Possibilitará que se inscreva para o mestrado profissional em Artes Cênicas, no qual seguirá investigando a dança nos processos de ensino e aprendizagem da escola.

Bons estudos!

Querida Formadora,

Você deve estar muito ocupada nesta semana em que vai começar o trabalho na Oficina Pedagógica, na mesma Regional de Ensino em que atuou por quase 20 anos em sala de aula. Ano passado, quando você retornou do mestrado, começou a trabalhar nesta regional e a formação de professores passou a fazer parte das suas atividades pedagógicas. São tantas caixas e prateleiras para organizar! Ainda bem que você gosta dessa coisa de colocar tudo no lugar, não é mesmo?

Este ano letivo de 2019 que começa vai trazer novidades, para além deste espaço de formação que você está organizando. No segundo semestre, você vai propor um curso baseado na sua experiência em dança na educação especial, e que estruturou no mestrado, ampliado agora ao contexto da formação continuada de professores. A transição para o trabalho com uma proposta própria de curso, em vez de uma já estruturada nos espaços

de formação, será um marco profissional e um dos grandes desafios que enfrentará. Você vai apostar no desafio de reinventar algo que conhece em outro contexto e fazer uma releitura dos textos e práticas, para redesenhar um novo percurso investigativo. (LARROSA, 2018)

Você não vai resistir ao intento de ministrar esse curso, mesmo no turbilhão do fim de semestre letivo e ainda, participando da seleção para o doutorado. Vai surgir, assim, o curso de formação continuada em dança: *Movimento, Arte e Expressividade na Escola – MAE*, e sua pesquisa em dança ganhará força na primeira turma de doutorado em Artes Cênicas do Programa de Pós-Graduação deste departamento, na Universidade de Brasília.

Olhar para a sua prática docente vai apontar caminhos possíveis de um estudo que se justificará pelas percepções expressivas do corpo em movimento e toda a complexidade dos aspectos que o envolvem na relação com os espaços, e com os sujeitos ao seu redor. Ao revisitar o caminho percorrido e as histórias que trouxeram você até esse momento, você vai perceber que os acontecimentos que marcaram sua experimentação sensível foram possíveis pelo encontro que você teve com a arte.

Dessa forma, você vai sublinhar, neste curso, o papel da arte nos processos cognitivos e formativos que permite uma articulação entre o que o aluno conhece, e os novos desafios apresentados, ao lado de uma atuação mediadora do professor na perspectiva de quem diz *'faça comigo'* em vez de *'faça como eu'*. (DUARTE JÚNIOR, 1981 e KASTRUP, 2001)³

A experiência de trocas e práticas em dança, com os professores que participarão do *MAE*, vai delinear as percepções e interações artísticas marcadas pelas criações em grupo, nas quais o gesto expressivo terá papel importante na reflexão e na imaginação do movimento/dança na escola.

3 DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Fundamentos Estéticos da Educação. Campinas, SP: Papirus, 1981. KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, Arte e Invenção. Revista Psicologia em Estudo, Maringá. V.6, n.1. p. 17-27, jan/jun. 2001

Encontrará significado, mais uma vez, nas simbologias que este curso vai acrescentar. Assim, os regadores e flores espalhados pela sala no primeiro dia do curso destacarão a importância da arte nas experiências significativas no espaço escolar e ajudarão no florescimento das expectativas, como sementes poéticas e semeadas sentem o abraço carinhoso da terra. Os macramês de árvore da vida distribuídos ao final do curso, completarão esta perspectiva cíclica desse ofício de professor. Lembra o que falei em nosso primeiro solilóquio sobre semear, cuidar e colher?

Até mais...

Querida Doutoranda,

2019 terminou com muito trabalho e estudo simultaneamente, mas neste ano, você terá dedicação exclusiva para sua pesquisa. O carnaval já passou e hoje é seu primeiro dia de aula no doutorado em 2020. Vejo que suas expectativas são grandes, mas esta segunda-feira vai ser o único dia de aula presencial que você terá neste ano em que uma pandemia sem precedentes vai marcar os dias e as formas de conviver por muito tempo ainda. O mês de março ficará congelado nas folhinhas de calendário das escolas e dos muitos locais de trabalho pelo Brasil e pelo mundo, a partir do momento em que for decretado o afastamento social para conter o contágio e a disseminação do COVID-19.

Nenhuma previsão foi capaz de alertar para as dificuldades que este ano enfrentaria; ninguém imaginou que um acontecimento numa cidade tão distante, lá da China, pudesse ser tão abrangente e se espalhasse, de modo tão rápido, pelo resto do planeta. O ano mal começou e você vai sentir o peso das pausas, das indecisões e das tristezas deste cenário global caótico, no qual muitas reconfigurações serão necessárias para que todos sintam que a vida continua, de alguma forma.

Nas duas disciplinas que você vai cursar, os desafios de uma presença em modo remoto exigirão outras formas de interação e relação com o espaço da formação acadêmica, além

de reflexões em torno do próprio sentido de presença nesse meio virtual em que todos se encontrarão, de forma mais intensa nestes tempos.

Mas neste único encontro na UnB, a experiência da aula presencial na disciplina de Seminário de Pesquisas em Artes Cênicas, abrirá um leque de reflexões em torno da pesquisa e do próprio caminhar investigativo. O desenvolvimento dessa atividade, na qual a silhueta do corpo será desenhada numa folha de papel, possibilitará um diálogo afetivo com as expectativas e o olhar de cada aluno que estará presente neste encontro. Todos vão buscar formas coloridas e imaginativas para preencher aquele desenho no papel e tecer palavras acerca das percepções do resultado das colagens, pinturas, costuras e criações diversas.

Curiosamente, você decidiu não preencher a sua silhueta com nenhum dos materiais disponíveis; apenas coloriu ao redor com tudo que encontrou pela frente. Coloque essa sua silhueta vazia na perspectiva da incompletude, pois é próprio da natureza humana sentir que sempre nos falta algo. Desde a infância nos sentimos incompletos e achamos que na vida adulta isso vai se resolver, ou que de alguma forma vamos compensar as ausências com as coisas que nos cercam. Você representou um corpo vazio, mas que se aproveitou das cores, das fitas e dos pequenos pedaços de papéis para se sentir completa. O exterior funcionou como uma extensão do seu corpo, sempre em busca de preencher os vários sentimentos de falta. (TAVARES, 2019)⁴. Nas suas escolhas para a pesquisa, às vezes, esse vazio vai persistir, mas existem tantas coisas com as quais pode se identificar e assim continuar a mover-se, a refletir e a reprogramar as rotas e os impulsos deste caminhar acadêmico!

Todas as experiências deste dia ficarão ali, no instante em que todos podiam estar juntos, não existindo a preocupação de registrar o momento. Embora você tenha feito algumas

4 TAVARES, Gonçalo M. Atlas do Corpo e da Imaginação - teoria fragmentos e imagens. Lisboa: Relógio d'água Editores, 2019.

imagens deste dia, o sentido da presença será o momento de compartilhamento único no qual as percepções ficarão guardadas na memória para serem acessadas e processadas num tempo próprio, o tempo de estarmos conectados em ações e propósitos.

Não bastasse o caos deixado pelo vírus, que exige mais cuidados e distanciamentos a cada dia, os conflitos e dúvidas em relação a sua pesquisa também vão crescer em proporções alarmantes. Felizmente, muitos fragmentos vão atravessar e instigar seu caminho investigativo e, assim como aprendi com Tavares (2019), esses fragmentos funcionarão como disparadores e distribuidores de recomeços, e vão mostrar que o importante é recomeçar de algum ponto que acreditamos ter o poder de nos levar mais adiante. Nessa interação, não somos apenas receptores desses fragmentos; algo dentro de nós sempre vai se transformar e se modificar nesse percurso.

Sigamos...

Querida Belister,

Depois de um período de espera e indefinição, você reinicia hoje as aulas no doutorado de modo não-presencial, mediadas pela tecnologia e pelas distâncias sentidas. Sei que é estranho iniciar o primeiro semestre depois da metade do ano, mas você vai aproveitar cada minuto deste tempo, contado na ansiedade e na esperança de que tudo fique mais perto do que estávamos acostumados como normal.

Neste nosso último solilóquio através dos anos e dos percursos profissionais e investigativos, gostaria de falar da importância deste diálogo epistolar que estabelecemos. A subjetividade exposta na proximidade entre passado e presente, esperas e expectativas, ajustaram os ponteiros do tempo e da lentidão sentida e degustada nas demoras de pensar e refletir sobre as escolhas vividas e em especial, sobre o ano que carregamos.

No contexto remoto das muitas viagens digitais que você fez e ainda vai fazer, sei que um rumo possível para sua investigação em dança terá referências mais consistentes. Em percursos tecidos, nas várias experiências virtuais, você vai partir de acertos e de erros, também necessários neste trajeto; a escrita e a dança vão se delinear em páginas de livros, nas linhas do seu caderno e, de uma forma mais intensa, nos espaços da sua casa.

Perceber o corpo imerso numa rotina de confinamento, dentro da casa, vai inspirar a escrita e a tradução das palavras para a linguagem do movimento. Descrever as sensações, dizer o quarto, ler a casa, escrever um cômodo... Tudo será uma abertura poética para pensar a moradia, para além do conceito de habitar. (BACHELARD, 1997)⁵.

Os encontros acessados de casa em telepresenças síncronas e assíncronas se estabelecem neste ano em diversas plataformas. Seja nas disciplinas cursadas ou nos vários eventos, este formato vai possibilitar outras formas de interação para refletir o sentido da presença, não mais cerceado pelo espaço físico e tangível das formações e dos encontros de antes. Tudo vai reverberar, até o fim do ano, em diálogos intersemióticos entre a linguagem da dança e as outras linguagens artísticas, como a literatura e o pensamento coreografado em vídeos.

Pense no movimento como gesto expressivo ativado pela palavra e nos processos de criação que serão mediados pela cultura digital, intensificada nessa pandemia. Como serão as experimentações desta dança telemática? As comparências virtuais nos permitirão sentir os corpos e o calor dos afetos não compartilhados? Doutorado à distância conta? E se a morte vier de repente? Ainda não posso responder a essas e muitas outras perguntas latentes, mas a certeza de que desistir não é uma opção, vai impulsionar suas trilhas investigativas.

Em meio a tantas leituras e estudos, encontrei um tempo para me dedicar à encadernação manual. Já tenho alguns cadernos de palavras dançadas na minha prateleira, especialmente

5 BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

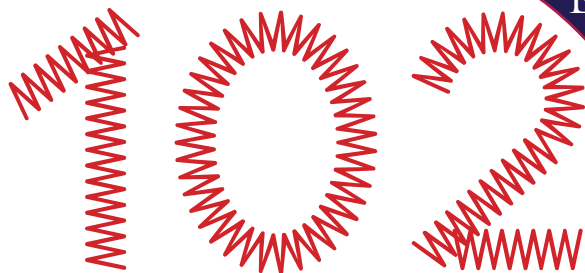
dedicada a eles. Outro dia, assisti a um documentário sobre o poeta Manoel de Barros e você não imagina a minha alegria quando descobri que ele escrevia seus poemas em pequenos cadernos, que ele mesmo confeccionava. Na busca por textos literários para traduzir em dança, não deixo de me encantar com as palavras escritas, retiradas de baús e memórias inventadas, como este poeta dos caderninhos me ajuda a descobrir.

Vejo-me entre livros e danças; palavras e gestos; escritas e leituras, numa viagem para dentro de mim, em busca de traduções poéticas dessa linguagem não-verbal que é a dança. Não tendo o espaço físico de encontros para dançar e imaginar, o pensamento coreográfico se desenha em telas e vídeos para sublinhar a expressividade e a comunicação que queremos manter com o outro. Esse espaço/tempo se transforma num lugar de telas, em fluxos vertiginosos. Que bom estarmos juntas agora nesse encontro temporal de rememorar as experiências e sonhar as danças que a imaginação puder transver neste existir e ser no mundo do presente, e do agora.

Com afeto, Belister.

DANILO HENRIQUE FARIA MOTA

Danilo Henrique Faria Mota (Lino Nilo) é pesquisador, ator, dramaturgo e diretor de Teatro. Doutorando em Artes Cênicas no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Uberlândia (2018) - desenvolveu a pesquisa de dissertação intitulada: O Nacional-Popular e a Dramaturgia de Vianinha no Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE). Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia (2015) - desenvolveu a pesquisa do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) intitulada: Memória, Arte e Democracia: o movimento político-cultural do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC DA UNE) (1961-1964). Tem experiência na área de Teatro, com ênfase em Dramaturgia, Teoria e História do Teatro. Atuando principalmente nos seguintes temas: O Teatro de Oduvaldo Vianna Filho (1936-1974), Dramaturgias e Teatralidades Brasileiras, Teatro Épico-Dialético de Bertolt Brecht e Ateliês de Escrita.



UMA CARTA EM TRÂNSITO A CAMINHO DO
DESTINATÁRIO: UM BELO DIA VOU LHE TELEFONAR
PRA DIZER QUE AQUELE SONHO CRESCEU

Em trânsito.

(Ao som de “Agora Só Falta Você”)

Um tempo triste demais para ter um tempo igual.

Caro Vianinha, tenho uma novidade para te dizer. Primeiro gostaria de contar um sonho que tive esta madrugada, tenho flashes de lembranças e sem muitos detalhes. Aliás, todo mundo tem? Ao que parece o sonho se esconde. Ao que parece o sonho sonha. O sonho brinca de esconde-esconde nos trilhos urbanos das quadras e superquadras do Planalto Central.

Alguma coisa acontece na capital do país às 6 horas da manhã. Quando cheguei por lá, nada entendi. Fui chegando, cheguei na capital do país às 6 horas da manhã. Para mim tudo é recente...

Eu vou escrever para você aquilo que a lembrança inventa nos sonhos. Eu vou escrever para você aquilo que me fez acordar às 6 horas da manhã dentro do ônibus de viagem, e olhar a nova paisagem que nascia dentro dos meus olhos.

Vou sonhar para organizar as ideias soltas e desorganizar as ideias fixas. Algo sonha e algo abre. Abrir caminhos para o sonho do presente. Abrir caminhos para o sonho da experiência. É necessário ser paciente com a experiência, nos ensina Brecht. Só um instante, vou atender o telefone. Alguém me chama. Volto já para te contar sobre as ânsias que surgem da novidade.

Alguém me chama no telefone. Atender ao telefone virou rotina. Detesto atender o telefone. Eu digo, por tantas vezes que atender uma ligação é perda de tempo. Não atenda o telefone! Temos o direito de desligar a ligação indesejada. Solicito não atender nenhuma ligação para não vacilar diante da tempestade.

Vianinha, tenho desconfiança que a gente fragmenta o real quando atendemos o telefone. Eu não quero atender o telefone. Eu não quero saciar a sede do futuro e nem alimentar a fonte do passado em nenhuma ligação. Espero delirar o real desligando o telefone, resistindo a mola da informação com coisas reais para dizer que os telefones são cacos de invenção burocrática.

Quando não atendo o telefone, digo para mim que basta de cacos. Basta de cacos! Atendi uma ligação e recebi a seguinte mensagem automatizada de um robô:

Come o húmus suprassumo na face da terra. Dê de beber ao real para continuar a nos foder. Foda-se. Válvula e se escalpe. A válvula de escape na conta bancária da miséria. Banque-se. Banquete. Não basta comer com os velhos garfos. Não basta beber nos copos de cristais. Não basta pano, pão, pau e pedra para continuar a nos foder. A roda continua a girar. Gira-se. O sol gira. Gira sol. O sol não adivinha pensamentos. Tudo é dado. Lançado. Lança. Perfume. Oferta. Venda. Compreenda o nada. Transforma o Vazio. Habite o vazio. Quebra a louça. Quebra os pratos. Inventa os cacos. Aplique a forma. Misture o débito e crédito até virar conteúdo. A arte se lança na coleta de cacos. Cacos. Arcos. Narcos. Atos. Fatos. Tudo aqui está chato! Varre o que restaura a aura? Brasília falta alma. Alma e se sobre. Lave a alma. Brote. Arrote. Asa Norte. Goste ou não. Suspire. Espirre. Vai fundo que a gente aguenta.

Olha, daqui a pouco vou escrever ao Brecht, perguntando como sonhar em tempos sombrios. Penso mesmo que preciso do efeito da alienação para sonhar. Ao invés de sonhar, porque não sonho que sou uma tese? Pausa. Gesto social. Uma pausa para não se confundir.

A confusão é a amiga da perfeição. Camarada, temos que encontrar um caminho para não fugir do tema. Coisa de sonhador. Eu sou uma tese! Eu quero escrever sobre isso.

As teses! Reconhecer nossas teses. As teses são um desastre, não é? Estou provocando, sei que você ama as teses. Conte-me mais sobre sua trajetória, seu caminho e sua metodologia. Você me contou que quer criar uma tese?

Eu sou uma tese em primeira pessoa.

Eu sou uma tese em segunda pessoa.

Eu sou uma tese que sonha.

Eu sou uma tese em terceira pessoa que pergunta para a primeira pessoa: o que descobriu?

Eu sou uma tese em quarta pessoa que aparece.

Eu sou uma tese que sonha preenchendo o lattes.

Eu sou uma tese que sonha a palavra.

Eu sou uma tese lacuna.

Eu sou uma tese primeira página.

Eu sou uma tese abismo.

Eu sou uma tese carta.

Eu sou tese quarta pessoa pela qual a primeira, a segunda e a terceira somem.

Eu sou uma tese sem explicação.

Eu sou uma tese do avesso.

Eu sou uma tese de sonhador confuso.

Eu sou uma tese convite.

Eu sou uma tese que não precisa de explicação.

Eu sou uma tese à espera.

Eu sou uma tese original.

Eu sou uma tese que precisa ser original.

Eu sou uma tese problema.

Eu sou uma tese no meio do caminho.

Eu sou uma tese citação.

Eu sou uma tese incomodada.

Eu sou uma tese seca.
Eu sou uma tese reta.
Eu sou uma tese torta.
Eu sou uma tese com narinas desidratadas.
Eu sou uma tese faminta.
Eu sou uma tese nenhuma.
Eu sou uma tese tela.
Eu sou uma tese antídoto.
Eu sou uma tese soro.
Eu sou uma tese vacina.
Eu sou uma tese eixo.
Eu sou uma tese curiosa.
Eu sou uma tese insistente.
Eu sou uma tese rebelde.
Eu sou uma tese que sonha dentro de linhas confusas.
Eu sou uma tese esquecida.
Eu sou uma tese de pátria esquecida.
Eu sou uma tese de mostrar a si mesmo.
Eu sou uma tese virtual.
Eu sou uma tese enxurrada.
Eu sou uma tese calor.
Eu sou uma tese de dobras.
Eu sou tese de aspas.
Eu sou uma tese lançada no espaço.
Eu sou uma tese em fluxo...

Camarada Vianinha! Ando meio desligado e querendo respeitar o fluxo do meu sonho. Às vezes penso em seguir a proposta de um sonho automático e deixar que as imagens se manifestem no lugar da incerteza.

Caro Vianinha, tenho uma novidade para te dizer. Primeiro gostaria de contar um sonho que tive essa madrugada, tenho flashes de lembranças e sem muitos detalhes. Eu queria citar um autor para lembrar do sonho. Eu vou lembrar do sonho. Eu quero te contar de um sonho que tive esta madrugada.

Camarada Vianinha, você deve estar achando uma chatice este relato, aviso de antemão que acho um pouco perigoso falar do sonho na primeira pessoa. Sei que não preciso de autorização para dizer o que sonho. Hoje decidi tomar o controle desta situação. Estou com a minha mente aberta e sei o que estou fazendo. Algo de novo me espera. Eu quero sonhar no presente para registrar o perigo.

Camarada! Vamos passear na capital do país? O que pensa de inaugurar um monumento de teses que se abrem quando se sentem protegidas e respeitadas? Para inaugurar precisamos organizar o movimento. Respeitar o movimento. Proteger o movimento. Vou escrever teses para organizar as ideias soltas e desorganizar as ideias fixas.

Por favor, vamos dar um rolê! A tese revela o ambiente efervescente. Não se assuste, o que eu vou te dizer. Cuide das teses! Cuide de si! Cuide primeiro de si! Não se assuste que a tarefa é boa. Para cuidar tem que brotar amor camarada! Não dá para ganhar na covardia, é preciso muita rebeldia.

Troque referências bibliográficas antes de trocar telefones. Vianinha, tenho desconfiança que a gente fragmenta o real quando atendemos o telefone. Camarada, numa manhã de domingo, ouço da janela do meu quarto na superquadra norte de uma república estudantil gritos pelos lados, costas e ecos. Eu estou tentando lembrar do sonho. Tenho flashes de lembranças e sem muitos detalhes.

Amigo, um dia gostaria de praticar um ensinamento de uma monja budista: meditar numa parede branca. Quero escolher algum monumento no Planalto Central e meditar. Espero que as paredes não se tornem invisíveis ou as cinzas dos sonhos não desabafem sobre mim. Adoraria nesta carta, meditar sobre algumas teses oníricas.

Ando meio desligado e querendo respeitar o fluxo do meu sonho. Às vezes penso em seguir a proposta de um sonho automático e deixar que as palavras se manifestem no lugar da incerteza. Vianinha! Ultimamente os espirros têm sido um obstáculo. Estou com

uma alergia homérica, parece que a poeira penetrou no cérebro e congestionou as ideias. Confesso que não tenho o costume de colocar a poeira debaixo do tapete.

Na nossa última conversa, você me disse para sacudir a poeira. Se eu fizer isso, tenho certeza que assino o atestado de obstrução nasal. Cada espirro me resta o silêncio. O resto mesmo é a poeira, partículas visíveis, invisíveis que desejam fazer uma festa e aglomerar nas minhas narinas. Tudo isso aconteceu porque inventei de limpar uma estante de livros. Mudei os livros de lugares, acho que não gostaram e acabei por também incomodar a poeira.

Não adianta nem me abandonar, incomodar, atazanar, desagradar, chatear e contrariar. Não enche! Me deixa viver! Me deixa tentar! A poeira não gosta de ser incomodada. Ninguém gosta de ser incomodado. Eu não gosto de ser incomodado. Você não gosta de ser incomodado.

Coisas de sonho. As coisas são coisas que coisificam coisas dentro das coisas e fora das coisas como coisas curiosas. O sonho é uma curiosidade de coisas por debaixo do tapete e que serve de farol.

A poeira é o combustível? Essa coisa de poeira está ficando chata! Digo que não se trata de nenhuma metáfora, é real, as coisas são reais, não dá para fugir da realidade. Você deve estar pensando que o assunto principal desta carta é a poeira?

O assunto principal são os espirros. Espirrei para pausar o fluxo do sonho. Cada espirro é um convite que fica suspenso no ar. O espirro é quando as vias respiratórias expulsam, de forma involuntária, qualquer substância estranha como vírus, poeira, ácaros entre outros.

Não tenho nenhuma pretensão de ficar em suspensão. Ele acontece porque o nervo trigêmeo, que é responsável pelo controle motor da face, identifica a irritação e envia um sinal ao cérebro. Os músculos das costas e do abdômen se contraem fazendo com que aconteça uma violenta saída de ar, que pode chegar a 160 km/h.

Agora, espirrar com frequência, pode ser um sinal para expulsar irritações. Cada espirro pode conter até 200 milhões de partículas virais. Tentarei seguir a receita de Camilo, no seu manual de sonhador: as urtigas, sedosas, cheias de tubérculos que espirram à

Talvez espirrar seja um ato de liberdade ou uma necessidade vital contra a estupidez humana. Mesmo sabendo que a estupidez insiste sempre. Utilize um lenço de papel descartável para cobrir o nariz e a boca ao espirrar ou tossir. Se não houver, utilize a parte interna do cotovelo para cobrir o rosto.

Vianna, diga alguma coisa? Podemos construir coisas no real? Talvez o real não relacione sobre alguma coisa, tem a ver com se debruçar sobre a interrogação das coisas sobre a linguagem. Certo? E se em um momento de crise as coisas inventassem coisas para terem o direito de recusar as próprias coisas?

O Edgar Morin disse que a crise geral da coisa é a crise da coisa que não consegue se tornar coisa. Concorda com ele? Estamos em crise ou em falta da coisa? Só sei que estamos em crise, e não gostaria de transmitir para você notícias desagradáveis. No final da tarde, quantas tolices você ouviu das mais variadas fontes?

Tolice, negacionismo, irracionalidade, mediocridade e ignorância. Vou repetir para descartar: Tolice, negacionismo, irracionalidade, mediocridade e ignorância. O que está acontecendo? O nosso dever como teóricos, acadêmicos, intelectuais, é de permanecer distanciado para examinar o testemunho dos operários do sonho que precisamente conheceram o sofrimento, as alegrias, as dores, frustrações, preocupações a tal ponto de não quererem verbalizá-la.

Naquele sonho quase pulei da cadeira. Tentei me acalmar, não adianta desesperar se estou mesmo atrasado. O atraso foi por engano, havia alguma maneira de solucionar o problema tentando aceitar que estava atrasado para o primeiro dia de sonho. Estar atrasado é uma coisa, perder o primeiro dia de sonho é outra coisa bastante diferente.

Para mim, perder o sonho estava fora de cogitação. Por favor preciso chegar no sonho. Senhor qual é o endereço? Não sei. Senhor qual é o Campus? Pergunta difícil para um estrangeiro sem mapa que acaba de chegar na cidade. Como está o trânsito? Irei demorar mais duas horas? Porque perdemos duas horas no engarrafamento matinal. Muita calma nessa hora. Eu estava calmo, para mim o sonho começava às 9 da manhã. Cheguei chegando às 9 horas em ponto no horário de Brasília. Coloquei os pés no sonho, e soltei a expressão de alívio: cheguei!

A máquina de lavar roupas centrifuga. O que acontece? Essa é uma pergunta que faço diariamente quando assisto à televisão. Já me disseram para não acreditar em tudo que se vê. Ao assistir à televisão, a perplexidade vem me visitar. O novo normal criminoso foi absolvido. As nossas misérias estão expostas e programadas nesta nova década. A máquina de lavar roupas vibra no procedimento de secar as roupas.

Quando terminar a centrifugação as roupas estarão secas. A centrifugação vai diminuindo aos poucos, lentamente como se estivesse pedindo para respirar. A água suja de beber vai sendo eliminada pelo cano. Pensei na palavra omissão. Pensei na última etapa do ciclo da máquina de lavar. Pensei no sonho e no desenvolvimento de um sonho que possa contribuir para a secagem mais rápida das roupas.

Comprei um café e um pedaço de bolo de cenoura e me sentei para degustar as moedas inflacionárias. Mastiguei e engoli o bolo sem gosto e caro. Provavelmente o pedaço de bolo mais caro do mundo não foi feito para alimentar sonhadores. Terminada a refeição, decidi olhar a caixa de e-mail para verificar o local do sonho e preparar a chegada. Quando o relógio marcou 8 horas e 30 minutos da manhã, descobri que o sonho começava às 8 horas da manhã e não às 9 horas. Tinha colocado na cabeça que o sonho começava às 9 horas da manhã.

Não há movimento sem resistência ou mudança. Camarada, precisei mudar para sonhar. Não resisti a mudança. Passei o dia inteiro resolvendo as questões sobre a viagem e não consegui realizar a transferência bancária para garantir um teto para morar. Você pode falar? Agora não, estou numa reunião do grupo de estudos. Estou tentando entrar em contato. Estou em trânsito. Vamos nos falando. Por favor, não me deixe na mão. Preciso urgente para entrar no quarto. Favor enviar o comprovante para verificar a transação. Confirma o nome. Feito com sucesso. Bem-vindo à Brasília! Qualquer coisa a gente ainda toma uma cerveja juntos.

Há aqueles que detestaram quando desceram na Rodoviária do Plano Piloto e viram caixas de papelão sendo feitas de teses. Vou te contar meus passos na capital do país e estes mudam constantemente, pela desvairada ação do humano sobre a natureza.

Caro Vianinha, tenho uma novidade para te dizer. Primeiro gostaria de contar um sonho que tive essa madrugada, tenho flashes de lembranças e sem muitos detalhes. Eu queria

citar um autor para lembrar do sonho. Eu vou lembrar do sonho. Eu quero te contar de um sonho que tive essa madrugada.

Para abrir novas expectativas. Sem expectativas é mais divertido. Vianinha, estou como ouvinte em um sonho on-line acadêmico, discutindo o tema da extensão sonhadora em tempos de isolamento social. O chat, as principais mensagens, os gritos virtuais tornaram-se bombas em matéria de indignação. É na tristeza que superamos? Chega de descaso com as Sonhadoras Brasileiras! Tomem medidas! Chega de injustiça com os sonhadores!

Até quando vamos ser negligenciados? Estamos indignados. Estamos envergonhados. Estamos exigindo respeito para seguir sonhando em um país que não incentiva a formação de novos sonhadores. A nova perspectiva é a dignidade e não a hipocrisia.

Vianoca, uso esse espaço para denunciar. Uso este espaço para dar forma a informação. Uso este espaço para panfletar. Uso este espaço para agitar e propagar as indignações. Uso para colocar as ideias fora do lugar e com otimismo divulgar os ensinamentos de Brecht: Nada deve parecer natural. Nada deve parecer impossível de mudar.

Uso este espaço para a defesa do sonho público, gratuito e de qualidade! Repetir com exatidão os conceitos, este é o nosso papel. Um tipo de consciência cívica. Vamos continuar fazendo. Divulgo para os interessados o pulso que ainda pulsa e com exceção à regra observar as urgências, emergências, insurgências e indignações do nosso mundo real.

Amigo, sou um sonhador acadêmico, com uma trajetória de uma década de engajamento. Muita responsabilidade para um jovem aspirante a sonhador. É preciso retomar a ideia de formação no lugar da informação. É preciso resgatar o conhecimento e reciclar para inventar. Somos pensadores das instituições do sonho. Isso não é sobre gasto. Formar uma nova geração precisa de investimento. Alertar para educar. Investir para sonhar. Tento entender a origem do que está acontecendo.

O que acontece neste tsunami é o desmonte das Sonhadoras. Cortes! Cortes! Cortes! Trivial cortes? Sou fruto das bolsas de sonhos. Quando se corta, uma geração é impedida de sonhar. Somos parte da luta de classes. O papel da Sonhadora é ser uma parte da luta de classes. Nós sonhadores não podemos fugir...

Vianoca, eu gostaria de exagerar nos cortes e justaposições do presente e passado. Experimentar técnicas dramatúrgicas para ir descamando a realidade, de ir tirando pedaços e pedaços de sua superfície até chegar na intimidade, no núcleo do sonho. Estamos numa fase muito sombria e teremos que aprender a respirar. Respirar para não pirar. As coisas por aqui estão intensas. Os operários do sonho estão exaustos, perdidos e correndo. Estamos exaustos e correndo.

Um fantasma ronda o Palácio do Planalto. Exaustos e correndo. Grandes massas de terras ergueram-se ou afundaram-se. Exaustos e correndo. Cordilheiras altíssimas levantaram-se e desapareceram. Exaustos e correndo. Roídas pela erosão, faturadas, esmagadas. Exaustos e correndo. Pisamos em terrenos de 1 bilhão de anos na área do Plano Piloto. Exaustos e correndo. E na maior parte do Distrito Federal. Exaustos e correndo. Se por todo lado em Brasília pisamos. Exaustos e correndo insofridamente sobre rochas com mais de 1 bilhão de anos. Exaustos e correndo. O mesmo não se pode dizer do relevo, dos contornos, da paisagem.

Estamos exaustos e correndo. Será que depois de tudo passar continuaremos exaustos e correndo?

Camarada, eu sei que o sonho não cabe no lattes. Tenho disposição para desculpar ou perdoar na mesma dimensão de acusar. J'acusse! Eu acuso os desmemoriados voluntários de sufocarem nossa juventude! Destrava, senhor. Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.



Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava.

Destrava o sonho por favor. Destrava, senhor. Destrava!

Naquela noite, você me pediu para tomar cuidado, parece que estava adivinhando cada sonho seletivo que prestei e não passei. Penso que os sonhos seletivos tipo teoria da seleção natural não me selecionaram porque sou um organismo que não cria raízes, e talvez não estaria apto para viver em uma determinada geografia terrestre demarcada por séculos burocráticos.

Vá inaugurar seu sonho em outro território rapaz! Disse sua voz sábia. Adianto que o céu da próxima viagem é bem próximo da sua cabeça, será mais fácil tocar o céu e voltar rapidamente para terra, vai ser uma lombra.

Para aqueles que quiserem sonhar têm que superar ao menos cinco dificuldades. Antes mesmo de tentarem, faço um convite: convido os corpos a permanecerem fervendo e se abrirem como uma flor que brota no asfalto quente da capital do país.

Destrava para que o meu bando possa anunciar para livrar-se da ignorância sanguessuga. Você não está entendendo quase nada do que eu digo. Não acredite em nada que eu digo. Estúpida retórica? Incompetência tirana? Eu quero imaginar somente um mundo possível para silenciar em transe trânsito em êxtase. Eu vou te contar para entender somente mais uma vez. Sem pressa para entender. Mesmo não achando uma completa tradução para essas palavras imaginadas, podemos acreditar que existe um mundo possível.

Imagine que tudo que você vê, sente e ouve está em três dimensões. A dimensão do fora. A dimensão do já. A dimensão do caiu. No tempo certo, de um mundo incerto somos um holograma no Universo. Estas imagens e palavras decodificadas na superfície terrestre traduzem a seguinte profecia: não passamos de um holograma de um cartão de crédito ou se preferir uma hashtag ou jogo da velha. Caríssimos sonhadores, o Universo inteiro se codifica. E somos uma hashtag em movimento. Fora. Já. Caiu. Venha soltar o seu grito, está chegando a hora, sonhadores. Vertigem, ato ou efeito de girar em círculos. O ambiente gira. O ambiente ao redor está em movimentos. Ao mover a cabeça o mundo gira. É tanta informação que tudo gira. Nesta cidade, ficará os que atravessou o vento. Eles dizem: vamos melhorar. Eu não pergunto quando.

Camarada, tentei durante a semana preparar uma carta curta, breve, sintética, direta e carregada de entusiasmo com começo, meio e fim, seguindo passo a passo das regras acadêmicas. Espero ser breve. Não consegui. Erro no sistema. Pane no sistema. Tentei nas madrugadas relutando contra o sono treinar o sonho do eu sintético. Não consegui.

Ultimamente ando meio desligado, tentando evocar a força de um novo tempo. Quando vai nascer o novo tempo?

Eu vou escrever para você aquilo que me fez acordar às 6 horas da manhã dentro do ônibus de viagem, e olhar a nova paisagem que nascia dentro dos meus olhos. Eu amei a luz e logo me espantei ao ver caixas humanas de papelão sendo feitas de teses.

Teses.

Teses.

Teses.

Teses.

Não posso me autocensurar diante do suor que escorre no meu rosto neste calor capital do Cerrado.

Eu vou escrever para você aquilo que me fez acordar às 6 horas da manhã.

Quando cheguei por lá, nada entendi. Fui chegando, cheguei na capital do país às 6 horas da manhã.

Eu vou escrever para você aquilo que me fez acordar às 6 horas da manhã para relatar o ressecamento, o amadurecimento e o entusiasmo para não brincar com o início da década.

Eu vou escrever para você coisas de escorrer a resina dos arcos dilatados, isolados, confinados, exaustos e adormecidos pela vontade do infinito.

Eu vou escrever para você coisas de estetizar impasses, questões do cotidiano, fragmentos, dúvidas e incertezas.

E lá vamos nós. Pousar.

Cheguei! Fui chegando, cheguei na capital do país às 6 horas da manhã.

O voo do pássaro não refuta a lei da gravidade.

Acordei às 6 horas da manhã.

Eu amei a luz e logo me espantei ao ver caixas humanas de papelão sendo feitas de moradias. A imagem das caixas congela para mim. Não há ação. O choro seco engolido por mim traduz uma não ação: naquele momento começa o espanto.

Eu gostaria muito de lembrar o sonho. Lembrar para não esquecer.

Enquanto isso, vou seguir aquele seu conselho: fazer peças para o feijão com arroz do sonho.

Em um belo dia vou lhe telefonar para dizer que aquele sonho cresceu.

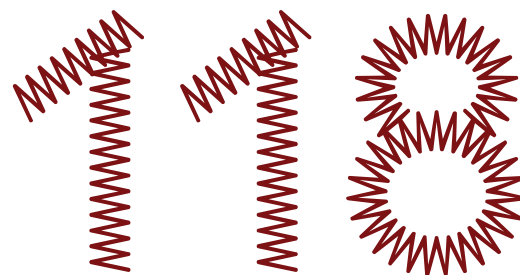
Abraços, falei demais.

Danilo Mota (Lino Nilo).

DÉBORA CRISTINA SALES DA CRUZ VIEIRA



Professora da educação básica (SEEDF). Doutoranda em Artes Cênicas (UnB). Mestre em Educação (UnB). Especialista em Educação Infantil (UnB). Graduada em Letras (CEUB). Tem experiência como pesquisadora na área de Educação Infantil, com ênfase em narrativas infantis, processos imaginativos e literatura para crianças. Pesquisadora colaboradora do grupo de pesquisa Imagens e(m) Cena (UnB/CNPq), do Círculo Vigotskiano - Grupo de Estudos da Teoria Histórico-Cultural e militante do Fórum de Educação Infantil do Distrito Federal.



"PORQUE EU SÓ PRECISO DE PÉS LIVRES, MÃOS DADAS E OLHOS ABERTOS" – FRAGMENTOS DE UMA PESQUISA (DORA) EM (RE)CONSTRUÇÃO

Brasília, 31 de dezembro de 2020

Olá, Débora!

Em primeiro lugar, não se assuste com o recebimento desta carta. Lembra do filme *De volta para o futuro*¹? Sim, eu venho do futuro para te trazer boas e más notícias, todavia o objetivo principal desta carta é te contar sobre como está o andamento da sua pesquisa do doutorado (*Spoiler!*). Nós sempre amamos a ideia da viagem no tempo, assim como Claire tocou nas pedras para encontrar Jaime Fraser no passado, em *Outlander*², eu toco o teclado de um *notebook* para encontrar você através desta singela carta. Como vimos no *Efeito Borboleta*³, toda viagem ao passado altera uma parte do futuro e reverbera em cadeia na vida das pessoas afetadas, definitivamente ainda não sei como nosso futuro será alterado com esta incursão na dobra do tempo, mas acredito que entre lágrimas e sorrisos, te revelarei acontecimentos que mudarão a nossa história de vida para sempre.

Você, mais do que ninguém, sabe que não gostamos de ser portadoras de más notícias, logo vou deixá-las mais para o final desta carta. Pode até não parecer agora, mas nós ainda somos a mesma pessoa...ou não somos? Enfim, tudo o que você vai viver nesse período (abril de 2019 a dezembro de 2020) será importante para eu ser quem eu sou hoje. Você vai assistir uma série chamada *Dark*⁴ (com viagem no tempo também!) acompanhada por

1 De volta para o Futuro é um filme estadunidense de 1985. Foi dirigido por Robert Zemeckis e escrito por Zemeckis e Bob Gale. Estrelado por Michael J. Fox, Christopher Lloyd, Lea Thompson, Crispin Glover e Thomas F. Wilson. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Back_to_the_Future.

2 *Outlander* é uma série de televisão de drama e romance britânica-americana baseada na série de livros de mesmo nome da escritora americana Diana Gabaldon. Desenvolvida por Ronald D. Moore, o programa estreou no canal Starz em 2014. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Outlander>.

3 *Efeito Borboleta* é um filme estadunidense de ficção científica lançado em 2004, escrito e dirigido por Eric Bress e J. Mackye Gruber, estrelado por Ashton Kutcher e Amy Smart. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito_Borboleta_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito_Borboleta_(filme)).

4 *Dark* é uma premiada websérie alemã de drama, suspense e ficção científica, criada por Baran bo Odar e Jantje Friese. É a primeira série original alemã da Netflix, tendo estreado sua primeira temporada completa em 2017. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dark>.

Gi, Pedro e Heitor e será uma experiência estética profunda, que vai te colocar a pensar sobre o tempo das coisas e das pessoas, mais até do que as suas leituras benjaminianas.

Então, escolhi essa frase do Guimarães Rosa para a nortear a nossa conversa “Porque eu só preciso de pés livres, mãos dadas e olhos abertos”, porque nela posso vislumbrar o movimento de vida que realizamos neste processo de doutoramento até aqui. Eu quero te parabenizar pela coragem de seguir a sua intuição e se lançar nesta aventura de se inscrever em outro programa de pós-graduação, com os **pés livres** para caminhar por outros espaços da Universidade de Brasília. Você será aprovada e vai conhecer um admirável mundo novo que estava bem ao lado da Faculdade de Educação, naquele prédio que você sempre passou em frente e achava tão bonito. Vou te contar que o mais bonito dele não é a arquitetura, mas as pessoas que lá estão. Algumas delas estão lá há muito tempo, mas tem gente chegando lá pela primeira vez, assim como você. Elas serão muito importantes para você nesta jornada, na qual caminhará de **mãos dadas** com muitas delas.

Seu amor pelas crianças e pelos livros de literatura nortearam a sua escrita do projeto de pesquisa *‘Quem conta um conto, aumenta um ponto’ – Performances narrativas de crianças em bibliotecas comunitárias*, que tinha como objetivo analisar as performances narrativas de crianças em bibliotecas comunitárias. Inicialmente, a ideia de pesquisar em espaços de educação não formal se deu pelo intuito de ampliar a sua experiência como pesquisadora, pois já tinha uma trajetória pesquisando com crianças em instituições educativas. Mas, sobretudo, pela interface entre a literatura para crianças e suas performances narrativas, ao assumirem o protagonismo em atividades como mediação de leitura e contação de histórias em contextos onde a literatura tem lugar privilegiado. Como há pouca produção acadêmica sobre essa temática, você viu uma possibilidade de inserção no programa por esta via e conseguiu. Celebre!!! Você é uma doutoranda da primeira turma de doutorado em Artes Cênicas da Universidade de Brasília!

Vou te dar mais uma ótima notícia: Luciana Hartmann será a sua orientadora neste percurso acadêmico. Calma, mas não foi tão rápido como você está pensando. Inicialmente

you were guided by Rafael Villas Bôas, a rare, enchanting and extremely generous person, characteristics of a typical character from fairy tales: a fairy godmother. He perceived how much your academic path had consonance with the studies developed by Luciana about childhoods and narratives, and made the interlocution with her to assume the orientation of your studies for the doctorate, as a good magical assistant in your journey of the hero.

Divine providence? Maktub? Serendipity? This strange word translates well your encounter with Luciana Hartmann: “a favorable event that occurs in a fortuitous; happy; accidental way”. Do you remember with clarity the day when you met her, after all this encounter was decisive for us to be here today. Isn't it true? I believe that remembering good stories renews our faith in better days, and the verse of the prophet Jeremiah “I want to bring to memory that which gives me hope” (Lamentations 3:21) is still our mantra here in the future.

Remember that you didn't want to go to the event of the launch of the VII Plenary of Childhood Education? Even though you were one of the authors of the Guide, that week you were a bit tired and only went to the meeting because your friend Andréia Martinez insisted so much. Well, isn't it? *Brincando e Encantando com Histórias*⁵ was the title of the publication, but the enchantment happened with the lecture of that unforgettable morning of April 9, 2019, in the auditorium of Instituto Serzedello Corrêa.

You had already decided to stop doing a doctorate, after frustrated expectations in the last four years. But, when you heard the stories of those immigrant children told in schools in France, something lit up inside you. A candle was lit and that woman, with her calm voice and an enchanting smile, blew it out like a fairy (I think she would prefer to be called a witch or sorceress in this story) and little by little the crackling of the candles turned those embers into fire, the fire of the desire to go back to the field to hear the children and register their stories. In the end, the magic of her words pointed to an unknown path, but very attractive, that

5 Disponível em

< http://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/VIIPlenarinha_SEEDF.pdf>.

traria muitas descobertas e novas possibilidades de existência e resistência na academia.

A partir daquele primeiro encontro você soube da abertura da seleção para o doutorado em Artes Cênicas, iniciou uma peregrinação em busca da bibliografia da prova escrita e artigos da Luciana Hartmann para estudar, e embasar a escrita do projeto. Lembra como foi legal participar do I Encontro A Cena e seus Saberes? Você até tirou férias do trabalho para vivenciar aquela experiência integralmente, com os **olhos abertos**. Lá você teve a oportunidade de estar mais próxima da Luciana, ouvi-la novamente, conhecer suas referências e um pouco mais deste mundo das Artes. Interessante que foi de **mãos dadas** com a colega Denise Munhoz que você viveu seu primeiro exercício cênico, conduzido pela colega Luênia Guedes, ambas orientandas de mestrado da Luciana à época. De olhos fechados você caminhou entre as árvores deitadas e os pilotis do prédio da 308 Sul, conduzida por Denise com um singelo cuidado, mulheres estranhas que se conheceram e se afeiçoaram em poucos minutos através da experiência estética.

Caminhar por trilhas inexploradas nunca foi uma prática sua, que sempre procurou ter a ilusão do controle das coisas, mas a vida é incontrolável, e a Arte vai te ajudar, e muito, a lidar com a complexidade dos sentimentos que vão emergir a partir das experiências que você vai viver com seus **pés livres** neste novo solo. Sentidos subjetivos? Novas configurações subjetivas? Perejivanie? Serão dias bem difíceis, que você se sentirá tão incompetente e incapaz que até pensará em desistir do doutorado, inclusive calculando quanto teria que devolver para a SEEDF. Mas também serão dias em que você se encantará com coisas simples e será muito feliz, assim como as crianças recém-chegadas à Educação Infantil se encantam com uma massinha de modelar. (Essa metáfora você entende muito bem.) Você vai começar a olhar para o seu corpo com **olhos abertos** e se permitirá fazer coisas que não domina, sem se sentir tão ridícula por isso. Não quero estragar as surpresas boas que você vai ter consigo mesma, mas não posso deixar de contar uma em especial. Você subirá em um tecido apoiada no colega Gabriel e não dará nem três passos, mas comemorará tanto, como se tivesse tocado o céu, só por ter tido a coragem de subir lá. Coragem tem sido uma virtude sua neste momento de vida, e para não perder o hábito pragmático de organização, segue uma lista:

- a) coragem de não saber as respostas;
- b) coragem de fazer novas perguntas;
- c) coragem de ser ignorante sobre inúmeros assuntos que as pessoas dominam;
- d) coragem de ler autores desconhecidos e, principalmente, autoras desconhecidas;
- e) coragem de ouvir mais do que falar;
- f) coragem de se despir daquilo que não te serve mais;
- g) coragem de ter olhos abertos para questões que eram invisíveis;
- h) coragem de ter orgulho da sua história de vida;
- i) coragem de falar o que sente de verdade;
- j) coragem de chorar e de rir quando a emoção invade a cena.

Voltando a sua pesquisa, afinal a minha missão aqui é falar sobre ela para você. Após um semestre com tantas aprendizagens nas disciplinas cursadas, novas leituras, novos conceitos e novas epistemologias. Virá um semestre quase sabático, porque não haverá aula na Universidade de Brasília e isso te ajudará a pensar com calma a pesquisa, trazendo um distanciamento do projeto, mas uma imersão em você mesma e nas razões que a trouxeram para o PPG-CEN. A nossa orientadora Luciana Hartmann te alertará sobre a importância da tese estar em consonância com a nossa trajetória profissional e de pesquisa e, sobretudo, abarcar a paixão que temos pela escola, daí optaremos por uma reelaboração do projeto de pesquisa.

Atualmente a pesquisa se chama *Crianças Narradoras: histórias do cotidiano contadas por crianças pequenas em instituições educativas do Distrito Federal*, com intuito de compreender as percepções das crianças de seu contexto social por meio de suas próprias narrativas em instituições educativas do Distrito Federal, delineada em uma abordagem etnográfica-performativa por meio de práticas de mediação de leitura e contação de histórias em duas instituições públicas de Educação Infantil da SEEDF. Uma delas é escola da

infância do campo e a outra, uma escola da infância urbana. Algumas questões nortearão este novo desenho, tais como: Quais seriam os princípios performáticos presentes nas narrativas do cotidiano de crianças pequenas em instituições educativas? Como se dariam as experiências estéticas vivenciadas pelas crianças pequenas nas práticas literárias em instituições educativas? Como as interseccionalidades de classe, raça e gênero reverberam nas performances narrativas das crianças pequenas em espaços educativos formais? Como o protagonismo das crianças pequenas nos atos de mediação de leitura e contação de histórias em instituições educativas se reflete em suas performances narrativas?

Desse modo, o novo projeto de pesquisa se delineia de forma multidisciplinar, articulando saberes dos Estudos da Performance, Sociologia da Infância, Pedagogia do Teatro, Psicologia Histórico-Cultural e Estudos Culturais para ampliar a compreensão desta temática, tendo como objetivo geral entender as percepções das crianças de seu contexto social por meio de suas próprias narrativas em instituições educativas do Distrito Federal. Os objetivos específicos se desdobrarão: a) analisar as práticas performáticas das crianças nas situações narrativas cotidianas, de mediação de leitura e contação de histórias em instituições educativas; b) registrar as narrativas das crianças acerca das experiências estéticas vivenciadas em instituições educativas; e, c) analisar as interseccionalidades presentes nas performances narrativas das crianças. Os instrumentos da pesquisa serão: a) observação participante, b) dinâmicas conversacionais, c) oficinas de histórias, d) oficinas de atividades lúdicas; e, e) registros escritos, pictóricos e audiovisual da produção narrativa das crianças. De acordo com o cronograma, a previsão da inserção no campo de pesquisa será no próximo ano, em 2021.

Neste momento, o projeto de pesquisa já foi aprovado e autorizado pelo setor responsável da EAPE (Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação) e está em processo de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. Você receberá um e-mail da Plataforma Brasil que informa sua inclusão, como equipe do projeto, no projeto de pesquisa *Crianças Protagonistas: artes cênicas e diversidade cultural em espaços de educação formal e não formal*, que tem como pesquisador responsável Luciana Hartmann. Maravilhoso, né?!

Lembra que eu já te falei sobre caminhar de mãos dadas com os amigos e amigas do doutorado? A nossa turma é formada por pessoas extraordinárias, e você irá aprender e se desenvolver muito ao se relacionar com elas. O nosso amado Lev Vigotski defende a unidade entre afeto-intelecto, bem como a centralidade da cultura e das relações sociais nos processos de desenvolvimento humano, e será junto às queridas Bárbara Benatti, Luciana Gresta, Maria Villar, Adriana Lodi, Ada Luana, Liu Moreira, Belister Rocha e aos queridos Adailson Costa, Danilo Mota, Kleber Damaso, Gabriel Coelho que você está se constituindo uma “menina das Cênicas”. A força desse coletivo foi e sempre será muito importante para você seguir em frente, pois passará por momentos bem desafiadores nos próximos meses.

Então, vamos para a parte da carta com as más notícias. Nem sei nem como começar... Lembra do filme *Epidemia*⁶, que tinha uma doença incurável e ia tomando conta de tudo? Vai surgir uma doença transmitida por um vírus chamado SAR-CoV-2 e essa doença mudou e vai mudar o mundo de uma maneira que ainda nem temos a dimensão. A Covid 19 ainda não tem cura, muitas pessoas já morreram, e a vacina está sendo aplicada ainda em poucos países do mundo. As escolas estão fechadas, as aulas à distância, por plataformas como o *Google Meet, Zoom, Teams* etc. As pessoas usam máscaras quando saem de casa e higienizar as compras é mais uma atribuição que temos nas tarefas domésticas. A distância das pessoas que amamos é a parte mais difícil, e conviver com as incertezas que este momento traz abala, e muito, o nosso emocional. “Um dia de cada vez e Deus em todos eles” também será o nosso mantra aqui no futuro.

Hoje estou aqui preparando a ceia de Ano Novo para Meu Bem, Gi, Pedro e Heitor, aguardando apreensiva o resultado do meu exame de Covid-19, por isso só encontraremos Rick, Lola e suas famílias apenas por chamada de vídeo para celebrar a chegada de 2021. Todo cuidado é pouco, pois esta doença já matou milhares de pessoas aqui no Brasil e também duas pessoas muito importantes da nossa família: nosso pai e o padrinho Pires. Sim, a morte de pessoas amadas virá fazer parte da sua vida, e bem antes desta pandemia.

6 *Epidemia* é um filme estadunidense de 1995 de ficção científica e suspense, dirigido por Wolfgang Petersen, com roteiro de Laurence Dworet e Robert Roy Pool vagamente baseado no livro de não ficção de Richard Preston, *The Hot Zone*. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Outbreak>.

Você saberá o valor de uma mensagem de pêsames via *WhatsApp*, admirará a beleza de coroas de flores, agradecerá a presença silenciosa de amigos e amigas no cemitério e também as palavras de consolo, e se encantará mais ainda com os rituais de passagem.

A morte do padrinho Jesus virá depois de uma longa batalha dele pela vida em julho de 2019. Pela primeira vez na vida você tocará uma pessoa morta, pois segurará a mão dele com tanto carinho como se quisesse aquecê-la com o calor do seu corpo, beijará sua testa como se ele pudesse sentir todo afeto que cabia naquele beijo, e secará com cuidado as lágrimas que derramou sobre seu rosto. A nossa família viajará em caravana para Urutaí-GO onde será o enterro dele. Inúmeras vezes fizemos esse caminho sorrindo e fazendo planos para as férias e feriados na casa da Vó Maria Lino, mas agora a viagem seria para honrar o homem responsável pelas melhores lembranças da infância de uma geração da família Sales. Entre biscoitos de queijo, bolos, roscas, chás e cafés, pessoas de todas as idades relembavam histórias do Ti Zuis, sorriam e choravam sua perda. Eu olhava para meus primos Anna, Fábio e Mário e tentava imaginar como estavam sentindo a perda do pai, pois estavam serenos, tranquilos e em paz, acompanharam os últimos momentos do meu padrinho de perto, e sabiam que o pai-herói já havia partido há algum tempo dada a fragilidade do estado de saúde dele.

Poucos meses depois do falecimento do padrinho Jesus, seremos surpreendidas com a internação da nossa Mami, no dia do nosso aniversário de 42 anos: 11 de setembro de 2019. Suspeita de infarto. Ela se negará a fazer um cateterismo no dia do nosso aniversário, pois temia que o pior acontecesse durante o exame. Serão intensos 15 dias de hospitalização, onde você aprenderá a ler monitores de UTI, saberá para quê serve a noradrenalina, entenderá como é uma entubação, mas principalmente priorizará cada minuto junto a nossa Mami. Quando ela partiu estávamos Lola, Rick, Tio Washington, Cláudia, Lílian e eu dentro da UTI. Logo comecei a orar em voz alta agradecendo ao Senhor pela vida dela, e pelo privilégio de ter tido a graça de ser sua filha e poder ter ficado com ela até o

último minuto.

Planejar um velório nunca tinha sido uma atividade realizada, mas conseguiremos em família organizar um momento único, que traria muito orgulho a nossa festeira Mami. Faremos um sarau com leitura de poemas de autoria dela, realizado pelos netos e netas, música-ambiente tocada ao violão pelo cunhado Marcos, cantoria de sua música preferida ‘O bêbado e o equilibrista’, distribuição de livros com seus poemas para as pessoas presentes, mesa farta de comidinhas gostosas, fotos dela feliz e sorrindo emolduradas em belos porta-retratos, e muitas palavras de afeto, gratidão e celebração pela sua vida pronunciadas no microfone por diversas pessoas. Era dia 26 de setembro de 2019, e durante a caminhada no Campo da Esperança rumo à sepultura, iniciou-se uma chuva gostosa dando fim à estiagem de quase 100 dias em Brasília. Havíamos escolhido um trecho de um poema dela para as coroas de flores que faziam menção à chuva, que ela adorava, e vimos aquelas gotas d’água caindo do céu como um sinal divino, de bênção para ela que partia, e para nós que ficávamos.

*Seguirei por caminhos diferentes,
Continuarei brincando na chuva,
Serei como o beija-flor delicado e belo,
Neste jardim da saudade.*

A notícia do falecimento do nosso pai chegará em uma manhã de setembro de 2020. Lola e Rick foram contatados pela família do nosso pai pelo Instagram, e contaram sobre a sua morte. Disseram que ele queria vir nos ver aqui em Brasília, mas seus planos foram interrompidos pela doença. Sem velório, sem enterro, poucas palavras, poucas lágrimas. Esse luto será muito diferente dos demais, pois não é apenas a morte de uma pessoa, mas a morte do sonho de uma vida inteira: reencontrar pessoalmente nosso pai. Vivemos

e sobrevivemos com a ausência física dele desde muito cedo, mas ele era presente nas lembranças da infância e nas histórias que contamos e recontamos sobre ele. Insuficiência respiratória aguda é o que está escrito na certidão de óbito dele, possivelmente mais uma vítima da Covid-19 que não consta nos números oficiais.

O padrinho Pires faleceu em 16 de dezembro de 2020, após um mês de hospitalização em virtude da Covid-19. Meu padrinho querido soube que ia partir quando foi reconduzido à UTI pela equipe médica. Despediu-se da família pelo celular da enfermeira, mesmo sob protestos da filha e netos que estavam do outro lado da vídeochamada e confiavam na sua recuperação. Ele sentiu a vida se dissipando, e seu último ato de pai foi tentar instruir minha prima Lilian sobre as providências a partir da sua morte. Seu velório foi breve e com poucas pessoas, pois filhas e netos ainda estavam se recuperando da Covid-19. Havia uma enorme quantidade de coroas de flores que me impressionou muito. Ao olhar para as minhas primas Lilian e Karla naquela manhã ao lado do pai pela última vez, fiquei compadecida pensando em como elas reaprenderiam a viver sem a presença de um pai tão amoroso como ele foi.

O luto nos dilacera por dentro, machuca a nossa alma, todavia “a morte é um dia que vale a pena viver”, pois “É morrendo que se vive para a vida eterna” como dizia em oração Francisco de Assis. Nesse processo de desenvolvimento humano em coletividade ouvi uma apresentação da Ada Luana com a metáfora do vaso rachado, na aula do querido Graça Veloso, que simplesmente me traduziu. Graça explicou que o reparo das rachaduras em vasos japoneses é realizado com ouro, o que torna o vaso mais valioso, e Ada falou que a luz interior sai pelas rachaduras do vaso. Conto-te essa história para você compreender que a luz que habita em você sairá de dentro para fora, e que a escuridão que virá não durará muito tempo. Reforço ainda que não podemos esquecer ou desprezar as marcas que nos atravessam, elas são preciosas, e com **pés livres** podemos caminhar por outras vias ou mudar o trajeto, sempre de **mãos dadas** com as pessoas que nos acompanham e

com **olhos abertos** para celebrar cotidianamente o milagre da vida. Sinto que amanheceu em mim com cores de alvorada, pois estou aprendendo a caminhar humanamente, de um jeito novo, com toda a singularidade e complexidade que me constitui como uma pesquisadora em permanente (des)construção.

Beijinhos,

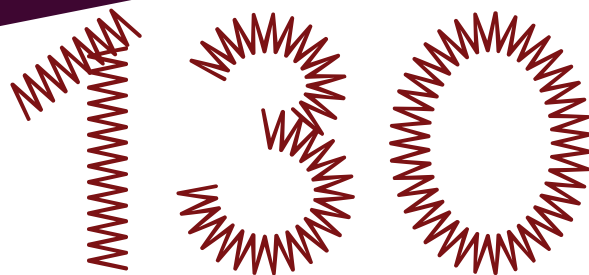
Débora Cristina Sales da Cruz Vieira

PS: O resultado do exame de Covid-19 deu negativo.

GABRIEL COELHO MENDONÇA



Fui batizado como Gabriel Coelho, sou acróbata circense especialista em técnicas aéreas, principalmente trapézio em balanço. Vez ou outra me travisto de Bielito, um excêntrico acrobático que provoca risos com truques e quedas inusitadas. Fui artista de rua, fiz passagens por três circos de lona itinerantes (Circo Mágico Bolshoi, Circo Irmãos Guinners e Circo dos Sonhos). Participei da fundação de dois grupos circenses (NanoTrupe e Cia Feito-Vento-Feito). Ostento o título de Mestre em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas e integro a primeira turma de Doutorado em Artes Cênicas do Centro-Oeste brasileiro no PPG-Cen da Universidade de Brasília. Me interesso pelo universo circense em todas as suas esferas, variantes e derivadas. Para além do trapézio, me arrisco também como pesquisador, professor, treinador, dramaturgo, coreógrafo e diretor. Ah, quase esqueço que sou psicólogo e mestre em psicologia escolar pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.



MEMÓRIAS EM TRÂNSITO

Goiânia, dia 256 do ano I da pandemia de COVID-19

Querido Gabriel, que saudades!

Sentado sob o privilégio de uma árvore no quintal da frente da casa de minha mãe, em isolamento social devido a pandemia de COVID-19, olho através das grades do portão a rua vazia. Apenas alguns gatos dormem sob o sol do cerrado sem se preocuparem com nada. Reinam na rua vazia de pedestres ou veículos.

Relembro com saudades dos momentos em que você atravessava este portão sem medo. Com desejo, ambição, pretensão e coragem. Sim, Biel, me alegro com memórias vívidas, quase como imagens reais, concretas, de você saindo diariamente ao fim da tarde para pesquisar, estudar e espetacularizar números de malabarismo com tochas nos semáforos de trânsito da capital goiana.

Que época feliz! Todo final de tarde, por volta das 17 horas, de bike ou de busão você saía às ruas, em direção ao cruzamento das avenidas Mutirão com T-9, no Setor Bueno em Goiânia. Bairro classe média alta, onde ficam as mais bem conceituadas escolas no mercado da educação privada. Nesta maré cheia de peixes gordos, para um artista de rua você desenvolveu nosso primeiro projeto de pesquisa artística sobre o circo. Esta linguagem que, como afirmam diversos pesquisadores mais renomados que nós, “é a arte de agradar ao público”.

Sim, por mais que hoje muitos intelectuais, teóricos e críticos das artes cênicas desvalorizem os aplausos e as risadas da plateia como termômetro da qualidade do espetáculo, um bom artista circense sabe que é essa a sua meta, seu objetivo, sua sobrevivência.

É Gabriel, hoje nós somos herdeiros de uma linguagem que é possivelmente a única a viver de bilheteria em nosso país. A tradicional arte circense de agradar a plateia sobrevive até hoje do público pagante, sem patrocínios de grandes corporações ou investimentos governamentais. Ou melhor, sobrevivia, né?! Porque agora, na era da pandemia de COVID-19, quando não podemos nos aglomerar nas arquibancadas, os circos estão penando, sofrendo famintos. Tentam atravessar o distanciamento social com estratégias virtuais, sem nunca se esquecer do seu compromisso com a audiência, agradar. Mas veja que sua popularidade, muitas vezes, é fonte de críticas pejorativas.

É como disse Soffredini¹ no ano em que nascemos: “o circo não é feito para ser avaliado pelos entendidos ou críticos em coluna especializada, nem para ser comentado nas mesas dos bares da moda, nem para ir figurar nos anais da história dos espetáculos. Não, ele é feito para agradar ao público. Para que este volte no dia seguinte e compre seu ingresso na bilheteria para possibilitar ao artista a compra de comida no dia seguinte... e assim por diante!”

Sabe que eu te admiro Gabriel, pois você aprendeu essa lição sem professor, mestre ou orientador. Se atirando nos semáforos de trânsito em contato direto com o público de motoristas e passageiros, você descobriu que o mais importante para um artista circense é agradar ao público. Foi um tipo de aprendizagem pavloviana². O reforço positivo de ver o dinheiro sair, repetidas vezes, da carteira dos motoristas nos carros de passeio com crianças nos bancos traseiros pra dentro do seu chapéu te levou a entender que, provocar o público infantil, garantia um cachê mais gordo no fim da noite de trabalho.

No início você acreditava que deveria aprender malabarismos mirabolantes com as tochas para impressionar e merecer o dinheiro dos motoristas e passageiros. Mas logo percebeu

1 BRITO, Rubens de Souza. O Grupo de Teatro Mambembe e o Circo-Teatro. Revista Sala Preta. São Paulo: Departamento de Artes Cênicas. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, n.6, 2006.

2 Ivan Pavlov (1849 – 1936) foi um fisiologista russo que percebeu, teorizou e enunciou o mecanismo do Condicionamento Clássico. Que descreve um processo de gênese e modificação de comportamentos com base no binômio estímulo-resposta sobre o sistema nervoso de seres vivos. O condicionamento clássico fundamentou a

132 Psicologia Comportamental de John B. Watson (1878 – 1958) e Burrhus F. Skinner (1904 – 1990).

que, de fato, é a relação que o artista estabelece com a audiência que garante o sucesso do número, performance ou espetáculo.

Eu me lembro bem desta lição!

Certa vez você elaborou uma sequência de truques realmente difíceis, e foi para o semáforo superexcitado, na expectativa de impressionar o público com sua habilidade virtuosística. Porém, logo nas primeiras entradas na faixa de pedestre, quando você ainda iniciava seus lançamentos de tochas ao ar, um motoqueiro saiu em um salto de trás de uma camionete provocando um estrondo no motor de sua potente máquina (contém ironia), bem ao seu lado. Um susto enorme e tochas no chão. Óbvio!

Você olhou o público, com uma expressão derrotada. Respirou fundo deixando os ombros caírem. Recolheu as tochas no chão, segurou uma no meio das nádegas, flexionou os joelhos simulando sentar-se em um banco. As outras duas tochas uma em cada mão, figuravam um guidão. Deu um pulo, tentou imitar um barulho de motor de moto. Agradeceu com uma reverência e passou pelos carros repetindo o mesmo barulho.

Entre várias moedas e notas pequenas, uma nota de cinquenta Reais entrou no seu chapéu.

As mãos de um homem com idade em torno dos 50 anos soltaram do volante, alcançaram o bolso de trás das calças, de onde saíram com um bolo de notas iguais. Todas meio alaranjadas, com a figura de uma *Panthera onça* estampada. Uma delas se separou do bando indo parar no fundo do seu chapéu.

Até 20 de setembro do ano I do COVID-19, quando foi lançada a nota de 200 reais, que traz o lobo-guará como símbolo, a nota de 100 Reais era a cédula de maior valor em circulação. Hoje aquela cédula de 50 Reais que saiu das mãos do motorista valeria mais que uma nota de 200 qualquer. Que pena, não guardamos aquela nota, não é? Nunca entendemos muito bem de economia. Principalmente esta que está matando milhares de brasileiros, sufocados, para não irem para a UTI!

De todas as formas, o reforço positivo naquela noite foi muito grande. Claro que para aquele senhor, uma cédula de 50 reais não era uma coisa rara. Mas para você, sim. Raro, também, foi o sucesso após fracasso devido ao susto com o ronco da motocicleta.

Ah, sim! Entre o seu susto e a paródia da motocicleta, algumas pessoas entre os motoristas, passageiros e transeuntes, riram. Você estava frustrado, meio putto com o *bulling* sofrido. É isso, putto! Mas o público, ou parte dele, ria. E se eles riam, e você estava inteirinho: “Só um susto. Tudo bem, e obrigado!” Pensou e improvisou.

Hoje acredito que essa sua experiência é o melhor exemplo que tenho em minha memória de artista para a frase do Chacovachi, na página 11 do Manual e guia do palhaço de rua (2016): “Joga-se com e contra o público”.

O melhor exemplo que tenho, porque você jogou contra (ou foi jogado contra), e jogou com o público na mesma situação, quase simultaneamente.

E deu certo. Muito certo!

Você, que calculava sua meta em um real por apresentação no semáforo, que alterava suas cores a cada trinta segundos, e se você garantisse essa média de rendimento, receberia 30 reais a hora de trabalho. Mas, com aquela apresentação em específico, lucrou quase duas horas de trabalho bem remuneradas.

É claro que foi a experiência acumulada durante alguns anos de contato direto com o público (até porque você não tinha nenhum outro tipo de experiência!) que lhe permitiu aquele improviso e, usando a regra de ouro do circo: agradar ao público, conseguiu transformar uma condição adversa em um sucesso ímpar.

E assim, aprendemos a lição fundamental do circo. A virtuose é importante, desde que com ela você consiga agradar e divertir o público. Afinal de contas somos artistas e não ginastas!

Sabe que eu aprendi bem essa lição com você. Após vários anos de treinamento técnico em acrobacias aéreas com uma família circense na Cia do Circo – Campinas, acumulei um bom repertório de virtuosos aéreas. De volta à Goiânia montei um espetáculo chamado *Causos de Voos e Risco*. A proposta dele é, justamente, trazer o público para dentro do espetáculo de acrobacias aéreas. Seu ponto mais alto é um número de faixas-aéreas que realizo junto com um(a) voluntário(a) da plateia. Sem ensaio, sem nada. Na minha visão é a virtuose em função de agradar e envolver o público. Acho lindo pois o espetáculo é meu, mas o momento de maior aplauso é justamente quando o(a) participante se ajoelha diante de seus iguais e abre os braços para receber o carinho do público. Sempre gritam o nome dele(a) e as palmas duram minutos.

Em cima desse espetáculo, mais especificamente de sua composição dramaturgica, dou continuidade a sua carreira de pesquisador circense em um projeto de doutoramento no PPG-CEN da UNB. Antes do doutorado, claro, cursei um mestrado no PPG-Artes da Cena da UNICAMP. Nesse trabalho³ discutia sobre a função da virtuose em um outro número que batizei de *Des-Petalar-Se*.

Sim, a virtuose é importante sim, tanto para palhaços, para os extintos domadores, para malabaristas, equilibristas, engolidores de fogo, ilusionistas e trapezistas, a virtuose técnica é o vetor de contato com o público, é o material que provoca a plateia.

Sou, também, impressionado com a sua dedicação e disciplina para aprender seus truques virtuosísticos de malabarismo sem professor ou mestre. Sem nenhum destes disponíveis no cenário goianiense, um amigo carioca te deu a dica: “Há uma comunidade no Orkut, MalabarismoBr, que compartilha pequenos *gifs* com truques de bolinhas e clavas. Basta baixar e treinar em casa mesmo!”

Até parece que era assim tão simples. Naquela época tínhamos apenas um computador em casa, com uma internet *dial-up*. Para baixar três ou quatro *gifs* era preciso esperar passar da meia-noite para logar na internet pagando apenas um pulso telefônico. Pesquisar e escolher os vídeos a serem baixados e ir dormir, torcendo para que a internet não caísse antes de completar os downloads.

3 <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/304777>

Sinto saudades desta época. Hoje, quando vejo *lives* de espetáculos só sinto tristeza e um medo de que a arte da presença continue ausente por muito tempo, ou até para sempre...

Mas sabe, esta internet que você descobriu no final da década de 90, cresceu absurdamente. Você não pode imaginar! Durante o Ano I da pandemia de COVID-19 quase toda a minha vida social se dá pela internet. No dia 4 de maio, quando quarentei na quarentena, encontrei amigos e familiares em uma “festa no zoom”. Veja a que ponto chegamos, usamos uma plataforma de reuniões *on-line* para celebrar aniversários, e ainda chamamos isso de festa!

Mas não para por aí, tudo agora é via internet. Inclusive consideramos um privilégio poder trabalhar e estudar via internet, pois quem não pode está transportando o vírus para lá e para cá, ficando doente e até morrendo asfixiado.

Eu sou um privilegiado! Tenho aulas no doutorado via plataforma *Teams* e uso a mesma para ministrar as aulas da disciplina de Direção 1 noturno, em meu estágio de docência.

É tudo internet! Nem ligações telefônicas usamos mais. Semana passada, realizei uma entrevista via *whatsapp* (um aplicativo de mensagens via internet que substituiu o tradicional telefonema) com um amigo, ex-colega de trabalho no Instituto Tecnológico em Artes Basileu França, Johnatan⁴, para seu trabalho de mestrado no PPG em Artes da Cena da UFG. Ele perguntou porque eu comecei a pesquisar circo. E eu disse: “Porque não tinha outra maneira de fazer circo quando eu comecei. E contei sua história.”

No dia 15 de outubro de 2020, quase na hora do almoço, recebo pelo mesmo *whatsapp* uma mensagem de Julia Franca⁵. O motivo do contato era me convidar para compor como palestrante a mesa “Dramaturgias Circenses” que integraria a programação de eventos do Seminário Internacional Circo em Rede. Promovido interinstitucionalmente pelos PPGAC-UNIRIO e PPGArtes-UERJ.

4 Johnatan Brites Sena, Graduado no curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (UFG), Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT), mestrando no PPG Artes Cênicas da UFG, Fundador, ator e produtor do grupo Plenluno Teatro de Goiânia.

5 Possui graduação em Dança pela Faculdade Angel Vianna (2007). Atualmente é professora titular do Curso Técnica em Bailarino Contemporâneo da Escola Angel Vianna, professora de acrobacia aérea - Cia Intrépida Trupe e professora substituta do Departamento de Artes Corporais da Escola de Educação Física e Desportos - DAC/EEFD da UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A sugestão de meu nome surgiu de Érika Stoppel⁶ que seria a mediadora da mesa redonda e de Alex Machado⁷, um dos organizadores do evento. Meu nome foi sugerido, certamente, devido ao meu projeto de doutorado que se propõe a investigar a dramaturgia circense. Para completar a mesa estariam presentes como palestrantes meu mestre da Cia do Circo Alex Brede⁸, e Leandro Mendoza⁹.

Como você já deve estar imaginando, a mesa redonda aconteceu de forma *on-line*. Através do Youtube, cada um em sua cidade, dentro de suas casas, conversando simultaneamente através de computadores, *tablets* ou celulares, enquanto grande número de artistas, pesquisadores e estudiosos do circo nos assistiam e faziam perguntas. É incrível, mas é chato pra caralho. A interação é fria como uma cabine frigorífica!

Mas incrível mesmo, Biel, foi o fato de que logo no início da conversa Leandro Mendoza, como convidado internacional, abriu o debate com a frase: “Eu não falo dramaturgia, pois essa não é uma palavra de circo.”, e em seguida Alex Brede disse: “Faço minhas as palavras de Leandro, dramaturgia não é coisa de circo, é coisa de teatro”. Já eu, por outro lado, pedi licença para discordar tanto do meu mestre Alex Brede, quanto do colega Leandro Mendoza, que conhecia naquele exato momento, com a fala: “dramaturgia não é mesmo uma palavra que nasceu no circo, nos picadeiros, mas será que não existe dramaturgia nos espetáculos e números circenses? Será que não é possível olhar para o fazer circense e perceber que este conceito, mesmo que não utilizado em palavras, já se faz presente nesta linguagem?”

6 É artista circense e docente radicada em São Paulo desde 1992. É mestra em artes da cena PPGAC-UNICAMP. Graduada na Licenciatura de Atuação pelo IUNA – Universidade de Buenos Aires. Foi aluna do Circo Escola Picadeiro e da Escola de Circo Yuri Mandich de La Havana. Junto com o marido Fernando Sampaio e o amigo Domingos Montagner fundou o CIRCO ZANNI em 2004. Fundou, também, a companhia PICCOLO CIRCO TEATRO DE VARIEDADES, 2013. Criou, com Ziza Brisola, a Companhia LINHAS AÉREAS em 1999 e foi cofundadora da Companhia NAU DE ÍCAROS em 1993. Foi fundadora e integrante da equipe pedagógica do CEFAC como professora e orientadora de projetos artísticos entre 2003 e 2011.

7 Trapezista, professor na Escola Nacional de Circo e mestrando no PPGAC -UNIRIO.

8 Filho de Rosendo Bastias e Marion Brede, trapezista da 8ª geração da família circense tradicional Bastias, e 3ª geração da família circense tradicional Brede. Diretor e fundador da Cia do Circo Campinas.

9 Diretor, artista, técnico e construtor de circo. Diretor do festival espanhol Trapezi, Fira del Circ de Catalunya.

Na semana seguinte contei esta situação para minha turma de doutorado na aula on-line da disciplina Seminários de Pesquisa, realizada por uma plataforma de aulas *on-line Teams*, como já te disse. O professor riu, pois, algumas semanas antes ele mesmo tinha me feito essa pergunta, e ele completou: “Que risco este termo no seu projeto, não?!”

Eu, em posse de minha experiência como trapezista respondi: “Sim, mas pra mim onde há risco há potência!”

Você concorda, não concorda?

Os colegas de sala elogiaram minha coragem, mas como nós dois sabemos, só é possível ter coragem quem tem medo. Então, com certo medo de começar uma tese com a palavra errada fui para o único lugar que podia, a internet, pesquisar o cruzamento entre as palavras Circo e Dramaturgia.

O termo dramaturgia circense, Biel, já aparece em divulgações de artistas, espetáculos, temporadas e atividades formativas, como pude perceber em uma rápida busca no *google* (minha fisioterapeuta diz que essa plataforma *on-line* conhecida como *O gigante das buscas* é o Deus do momento, “*Deus Google*” ela brinca).

Nesta plataforma encontramos, por exemplo, a biografia da artista Julia Henning¹⁰ onde consta que “Também tem formação em dramaturgia circense pelas escolas ESAC (Bélgica) e CNAC (França)”¹¹. Nos deparamos também com algumas divulgações de oficinas “A poética da dramaturgia circense está no centro da discussão promovida pelo Sesc Dramaturgias em outubro”¹²; “O Sesc Dramaturgias traz neste mês nova agenda de ações formativas para as artes cênicas. [...]As oficinas são [...] e Dramaturgia na palhaçaria”¹³;

10 Artista circense e de tudo um pouco no coletivo instrumento de ver, onde vem desenvolvendo uma pesquisa artística focada no movimento, passando por investigações entre diferentes linguagens e suas relações com o circo. Além de artista, Julia atua como produtora e gestora cultural, em todos os projetos do coletivo e em projetos parceiros, elaborando e executando as estratégias de captação, comunicação e realização.

11 <http://www.instrumentodever.com/cadaum>

12 <https://www.sesc-ce.com.br/noticias/sesc-dramaturgias-promove-oficina-poetica-da-dramaturgia-circense/>

138 13 <https://www.sescpe.org.br/2020/11/03/cursos-sesc-dramaturgias/>

“Minicurso de Dramaturgia do Circo está com inscrições abertas em Pesqueira”¹⁴; “Festival Internacional Sesc de Circo discute dramaturgia circense”¹⁵; “A oficina pretende abordar a pluralidade dos processos criativos que podem levar o participante a navegar em busca de uma dramaturgia circense”¹⁶; “A Escola Pernambucana de Circo recebe, desta sexta até a próxima quarta, Oficina de Dramaturgia Circense promovida pelo Sesc de São Lourenço da Mata”¹⁷; “. Encontramos ainda divulgações de mostras e espetáculos: “Vem aí a 4ª mostra de dramaturgia circense”¹⁸; “No novo espetáculo, além de trazer sua experiência com a dramaturgia circense...”¹⁹; “O espetáculo explora a comicidade e o teatro físico, com uma dramaturgia circense original”²⁰; “Sesc Santo André recebe a Cia. La Mínima com retrospectiva e compartilha experiência em dramaturgia e resgate da tradição circense”²¹.

Ufa, Gabriel, não estamos sozinhos. E pelo que vi, no mundo acadêmico também não. Realizei uma pesquisa mais específica através de outras duas plataformas *Google Acadêmico*²² (a versão do Deus *Google* para buscas de textos acadêmicos) e *Portal Circonteúdo*²³ (autodenominado “O portal da diversidade circense”), encontrei alguns trabalhos que cruzavam em seus títulos, resumos ou palavras chaves os termos Dramaturgia e Circo. Entre artigos, monografias de final de curso, dissertações, teses, capítulos de livros ou livros completos totalizaram 46 textos publicados no Brasil.

14 <https://www.sescpe.org.br/2019/05/20/minicurso-de-dramaturgia-do-circo-esta-com-inscricoes-abertas-em-pesqueira/>

15 <https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/2013/05/festival-internacional-sesc-de-circo-discute-dramaturgia-circense/>

16 <https://www.festivaldecircoceara.com/2019/oficina-a-poetica-da-dramaturgia-circense.html>

17 <https://www.escolapecirco.org.br/website/destaque/epc-recebe-oficina-de-dramaturgia-circense-pelo-sesc/>

18 <https://pmsaposse.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/Edi%C3%A7%C3%A3o-273.pdf>

19 <https://jornaldebrasil.com.br/entretenimento/artista-circense-vai-as-redes-para-apresentar-o-mais-novo-espetaculo-da-cia-circo-rebote/>

20 <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/historico/65678/>

21 <http://www.filtrocultural.com.br/3293/La-Minima-ao-Maximo-em-Sesc-Santo-Andre>

22 <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>

23 <https://www.circonteudo.com/>

A maioria desses textos tratam da dramaturgia das peças teatrais apresentadas no Circo-Teatro, que como disse Ermínia Silva, em sua comunicação na 5ª Reunião Científica da ABRACE: “É teatro no circo”. Em segundo lugar temos 17 textos que tratam da dramaturgia das esquetes, entradas e reprises de palhaços, que de alguma forma se aproximam da linguagem teatral pois como aponta um desses estudos, que se debruçou sobre a carreira dos palhaços Roger Avanzi e Arlindo Pimenta, “a teatralidade adquirida no ambiente circense por meio do circo-teatro é transposta para a dramaturgia do palhaço no circo brasileiro”.

Já sobre nossa área de interesse Gabriel, o universo acrobático circense, encontrei apenas 11 textos. O mais frustrante não foi a quantidade reduzida de produções, mas sim uma abordagem hegemônica nos textos. Nove desses textos não tratam exatamente de circo, mas sim do que chamamos de cirquização do teatro, onde a acrobacia é utilizada como uma ferramenta em função da dramaturgia da cena. Ou seja, na maioria destes textos a linguagem acrobática (que nem é considerada linguagem, mas sim ferramenta) está subordinada a uma dramaturgia teatral.

Considero um reducionismo enorme o entendimento compartilhado de que dramaturgia é um termo direta e exclusivamente relacionado ao fazer teatral. Mas o que me agride mesmo, Biel, é o senso comum de que os números acrobáticos circenses não possuem preocupações dramáticas e se limitam a simples exibição de habilidades físicas.

Sabe, frente a esta frustração decidi fazer uma pequena mudança em meu projeto de pesquisa. Para além do espetáculo Causos de Voos e Risco vou utilizar também, como objeto de análise, o espetáculo Bielito – menos é mais. Um espetáculo solo onde atuo como excêntrico acrobático. Um palhaço que explora a virtuosidade acrobática para fazer rir.

Acredito que assim, aproximando a linguagem acrobática da linguagem do palhaço, poderei aproveitar as referências que não tratam exatamente de acrobacias, mas que destacam a maneira particular que a linguagem circense tem de fazer dramaturgia. Uma maneira popular, sem 4ª parede, aberta às intervenções do público, disponível para o jogo sem se perder de um roteiro previamente estruturado.

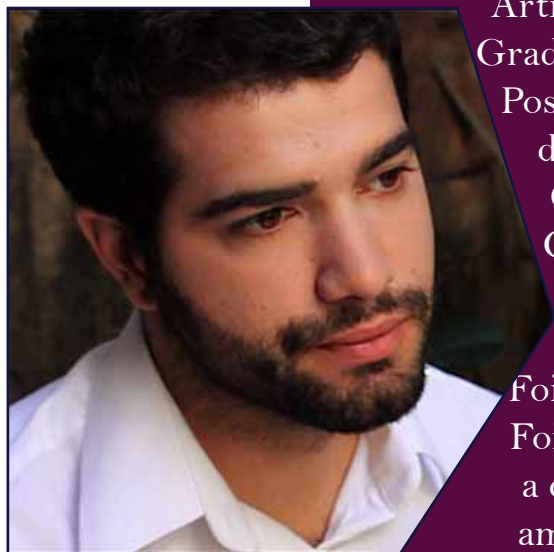
Sim, Gabriel, me encho de coragem para tentar demonstrar que a acrobacia pode e deve ser tratada como uma linguagem, que explora habilidades físicas extra-cotidianas para despertar variados sentimentos na audiência, provocando-a para o jogo entre artista e público. Acredito que através da análise dramatúrgica do espetáculo do Bielito, nosso palhaço acrobata, poderei traçar paralelos com especificidades dramatúrgicas circenses presentes nas peças do Circo-Teatro e nas reprises, esquetes e entradas cômicas dos palhaços. Tudo isso para demonstrar que a acrobacia não é apenas uma ferramenta física, mas sim uma linguagem. A linguagem acrobática circense.

Bom, querido, vou encerrando por aqui. O papo está bom e me animou para voltar aos estudos.

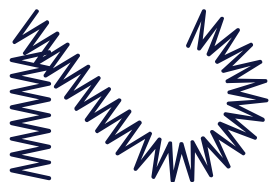
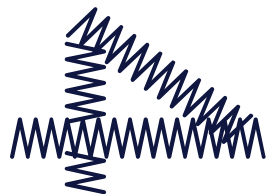
Beijos e abraços

Sigo com saudades

KLEBER DAMASO BUENO



Artista e Pesquisador. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília. Possui graduação em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (2000) e Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Goiás (2012). Professor efetivo da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás nos cursos de Teatro, Direção de Arte, Música e Dança. Foi diretor do Centro Cultural UFG entre 2016 e 2019. Foi coordenador do curso de Artes Cênicas, modalidade a distância entre 2013 e 2016. Tem experiência na área ampliada de Artes e atua especificamente nos seguintes campos de conhecimento: artes do corpo; performance, história do corpo e da imagem; educação dos sentidos; ecosofia; arte, natureza e tecnologia; vídeo sinestésias; dramaturgias do corpo e do movimento. Desde 2010 é coordenador artístico do programa de residências transtéticas - Conexão Samambaia, projeto de pesquisa, cultura e extensão que num primeiro formato se dedicava a promover encontros e abrigar artistas em deslocamento enquanto agentes de transformação dos modos de pensar e fazer arte, para então se metamorfosear num propositos de descaminhos ou desbravador de caminhos de se perder. A partir de 2014 se aventura em exercícios curatoriais enquanto diretor artístico do projeto Manga de Vento - Mostra Expandida de Dança, no esforço de alavancar um circuito de difusão que se apresente sensível e atento aos fluxos de expansão e oxigenação dos contornos das artes do corpo e do movimento.



CARTA QUASE ANÔNIMA

nota introdutória

a escrita do presente relato coincide com o exato momento onde alcanço a primeira percepção monadológica do conjunto de estudos, exercícios, leituras, escritas e práticas de pesquisa, dedicados especialmente neste semestre, mas que estão intimamente relacionados aos estudos investidos, desde o ingresso no programa de pós-graduação em artes cênicas da unb. ainda de maneira intuitiva, aspirava que o seminário avançado de pesquisa exercesse esta função inclusiva, aglutinadora e que ao mesmo tempo subsidiasse os atravessamentos necessários para estabelecer um fluxo de reciprocidades, de realimentação e complexificação entre os estudos disciplinares e as atividades singulares de pesquisa. essa prospecção de um conjunto dos trabalhos mais significativos, considerando a integralidade das atividades disciplinares e das aprazíveis e estimadas contribuições provindas da coparticipação no grupo de pesquisa poéticas do corpo, foi o formato mais honesto que poderia apresentar diante dos desmedidos esforços empregados e do volume de referências, diálogos, expansões e adensamentos decorrentes da aproximação produtora de docentes e dos discentes que integram o programa. como são salutares e impulsionadores esses atravessamentos e suas polinizações... ainda que alguns destes estudos se distanciem dos objetivos inicialmente traçados pelo projeto de pesquisa, e que outros sejam provisórios, ou temporariamente resguardados para futuros projetos, é a partir deles que hoje redimensiono, reorganizo e transformo minha própria maneira de compreender o projeto via deslocado. jamais conseguiria seguir adiante sem olhar com muito afincado, rigor e carinho pra este volume desconcertante e destabilizador de ideias, tentativas, problematizações, até como estratégia de desanuviar o pensamento para seguir com a certeza corpórea e material de ter realizado algo. opto então, por revisar e recapitular de forma cartográfica as produções concretizadas a partir das quatro disciplinas em que estive submerso ao longo deste incomum e cabuloso semestre, em sequência

cronológica: seminário avançado de pesquisa em artes cênicas; laboratório de criação em artes cênicas; culturas e saberes; e performance e educação. ainda que a apresentação considere essa mesma sequência organizacional, os escritos e os estudos não estão sob o crivo de uma mesma formatação. na medida do possível, a revisão primou por respeitar a multiplicidade e pluralidade dos formatos e dos propósitos iniciais de cada exercício. oscilando entre carta, poesias, relatos, resenhas, protocolos, inventários, ensaios visuais, notações, produções audiovisuais, sínteses teóricas e outros, com o eco propósito de elevar com fluidez as práticas da leitura e da escrita à ordem do dia, e de criar um espaço, uma ambiência propícia à criticidade e à reflexão, onde ideias e pensamentos possam coexistir e coabitar um horizonte oblíquo, ainda que contraditório. por isso também a escolha, em vários momentos, por eliminar a caixa alta, por subtrair as letras maiúsculas, por um apreço estético e um desejo incompreensível de parear e desierarquizar as palavras e os pensamentos. por fim, considero este relatório composto por duas partes distintas, complementares e indissociáveis. o relatório de pesquisa e o inventário poético e visual não existem separadamente, a escolha por expô-los desta forma pretende exclusivamente facilitar a visualização de ambos e a transmissibilidade de seus arquivos.

carta quase anônima

na primavera de 2020

prezado impreciso,

por um momento confundi você com aquele angustiado que não conseguia equacionar o tempo entre as supostas obrigações administrativas e os menores cuidados de si, subindo as escadas de alumínio pela madrugada repetidas vezes até a caixa d'água e tremendo compulsoriamente as pernas por medo de alcançar uma forma final, mesmo que provisória, do que viria a ser este projeto - via deslocado.

mas as escolhas foram feitas muito antes, e lá no fundo você, ou vocês - essas confusas variações de nós, sabemos com precisão o quanto destas escolhas são derivadas da

incompreensão do agora e na hora de nossa morte, amém. mesmo hoje, com assombro diante da força coletiva e vibrátil da vida que ecoa nessa íntima conferência de polinizadores, não sei em que medida, algum dia, ainda conseguirei dizer das coisas que, na verdade, nunca consigo dizer.

sei que continuo a buscar coragem em você, mas no atual presente só vislumbro bordas, limites a serem ultrapassados. também teve aquela tentativa frustrada no meio do caminho quando um problema indetectável rompeu a conexão entre as frequências de bilhões de ciclos do processador, minhas memórias, sua placa mãe e aquela tela retina, como se todo trabalho tivesse desaparecido em segundos, na última hora, por pura maldição. ali pairava uma forte sensação de impotência, de que todos os esforços haviam sido inúteis e fracassados, a despeito de nossas escolhas, cheguei a acreditar que não, que nada daria certo.

por mais que eu me esquive, evite olhar nossa imagem em frente ao despenhadeiro, a cada dia fica um pouco mais nítido e claro que foi justamente ali, quando alguns divisores e outros multiplicadores de água e de sentidos apontaram outros caminhos de se perder, que... o lugar então se revela cada vez mais nítido e só poderia ser esse, de onde consigo transformar as coisas com as próprias mãos. de onde ainda posso agir, mover e ser movido. sofrer despercebidas e despreziosas mortes e outras pequenas metamorfoses. transformar e ser transformado no corpo e na carne, pela carne. agora sim, sabíamos de um outro, novo e curto começo que também nos conduziria ao fim.

agora o erro emerge da conferência de polinizadores como uma oportunidade ímpar de mudar drasticamente as direções do que é fecundável. esse grande inventor, o erro e nosso velho medo de errar. talvez, justo por não mais fazer sentido, faça ainda mais sentido falar dos antigos encontros, e dos que ainda estão por vir. não pela expectativa um tanto óbvia de sistematizar ou justificar métodos, mas pela simples necessidade de revisitar e de averiguar seu fôlego na fabulação de outros conhecimentos. de produzir saberes sobre os processos inconclusos, de saber das experimentações estéticas alheias, de falar sobre as ações de atravessamento dos territórios, essa eterna defesa das responsabilidades para com as feitura e para com o fazer juntos. que afronta a lógica privada, ao menos do sensível, e que avança nos territórios do cognoscível.

enxergo com uma curiosidade sintomática esta sua necessidade de escrever, de maneira contraditoriamente solitária, sobre os encontros de outrora, como estratégia de superação do medo do isolamento criativo. quanto a isso, sinto lhe informar que na realidade pandêmica na qual me encontro, quando impera a máxima do confinamento para assegurar a mínima sobrevivência, não resta outra alternativa que não seja o desaparecimento. pelo menos por enquanto, até inventarmos formas seguras de se tocar, pegar, beijar, dançar, perceber, ler, escrever, estar e fazer verdadeiramente juntos, outra vez. assim espero.

sei que você jamais imaginaria o tamanho desta cilada. que jamais armaria engenhosa e um tanto acadêmica arapuca. você que já não mais conseguia se ver e se imaginar como pai, e que de forma alguma poderia supor esta vontade incontrolável, que imana das profundezas à superfície, de escrever sobre a mobilidade das plantas, sobre o corpo vulnerável de quem cuida diariamente da terra e do chão, que aspira cultivar aquilo que consome, ou que não tem outra opção, a não ser enterrar seus mortos com as próprias mãos.

aproveito esta generosa distância entre nós para tentar mirar a concretude, olhar o concreto e compreender que o elementar, a respiração, está tão longe e ao mesmo tempo tão perto. que o essencial para a experiência humana resulta, simples e nem tão de graça, do dejetos das fotossínteses do vegetal. e quem sabe assim olhar com potência de metamorfose também para os nossos dejetos. quem sabe cuidar de aprimorar os nossos, assim como as trajetórias dos nossos dejetos. dos nossos desprezíveis e descartáveis.

aí percebo relevante ascensão, com pronta aptidão para escavar e explicitar aquilo que no doméstico, que se faz no íntimo e se que se ignora por ser ordinário, para então, progredir e se transformar no insuportável que é deflagrado e se manifesta tão veemente no político. compactuo da ideia de dizer e transmitir do doméstico o oposto do intolerável que persiste no político. e cuidar do político como cuidamos de uma verdadeira cria no quintal. de encontrar no feminino as alternativas para os modelos e projetos que não deram certo no patriarcado. de observar com mais afinco como conduzimos e criamos a vida, inclusive a própria. como caminhávamos, até bem pouco tempo, sem tantas máscaras e apenas de mãos dadas com as nossas crianças. ou como deveríamos caminhar com e cuidar das crianças que habitam cada um de nós.

sem nos ofender, preciso confessar que hoje, quando te via deslocado, quis trocar seu nome. hoje você poderia facilmente se chamar - o jardim. ou mesmo pomar. e mesmo sem poder / querer nos reconhecer, preciso muito te agradecer. por ter privilegiado as aberturas metodológicas que fazem este projeto permanecer vivo e em movimento. por encontrar um departamento democrático, não burocrático, engajado e comprometido socialmente com o ensino público, ao ponto de reatar no meu íntimo tantos e importantes contratos com o bem estar comum. pela certeza e segurança de ser orientado por uma pesquisadora que também é artista, e que também é gestora. pela turma ávida, experiente, com conteúdo e bala na agulha, pelas amigadas que me fazem sentir tanta saudade de uma convivência que mal tivemos tempo de ter. com todos desafios e inquietações, obrigado por me trazer até aqui.

inventário de práticas corporais diárias e obrigatoriamente não obrigatórias

ou pequeno manual pessoal, mas transferível em alguma escala, de práticas quase insignificantes para resistir e suportar a distopia e a disrupção pandêmicas

escutar mais

tornar os maiores assim como os menores, senhores do tempo

reconquistar a confiança dos pássaros

encarar de frente e com respeito o alimento vivo

dedicar tempo para cultivar e preparar os alimentos

cuidar dos caminhos

modificar as pedras dos caminhos

coletar frutos e sementes nos caminhos

coletar os resíduos sólidos abandonados no caminho

escutar mais

perceber e combater a fome e a sede dos pássaros

despir o corpo ao sol

despir o corpo e abrir os orifícios em direção ao sol

perceber e acolher o calor da luz do sol a penetrar pelo corpo

despir o corpo e abrir os orifícios em direção à lua

perceber e acolher a brisa e o brilho da luz da lua a penetrar os orifícios

performar os arquivos

compreender e não refutar a rebelião dos arquivos

reconhecer sua trajetória na observação dos arquivos

observar a trajetória trilhada pelos próprios arquivos

deixar os arquivos trilharem seus próprios caminhos

deixar-se guiar pelos arquivos

cultivar a horizontalização das palavras, das ideias e dos pensamentos

garimpar, resgatar e reindexar palavras à beira do precipício

garimpar e desviar canções da curva do esquecimento

escutar canções que nunca mais foram ouvidas

salvar palavras e canções e escutar mais

escutar os silêncios

escutar palavras e vozes silenciadas

conversar sobre coisas inconversáveis

falar palavras proibidas
falar do proibido pelas palavras
decolinizar ideias e pensamentos próprios
decolinizar a propriedade intelectual dos pensamentos
decolonizar biografias de outrem
decolonizar bibliografias como quem decolonializa a si mesmo
decolonizar referenciais bibliográficos
aumentar a umidade do ambiente e respirar profundo
limpar os telhados e inalar folhas verdes de eucalipto
reconduzir as telhas quebradas e esperar a chuva cair
indexar o canto dos pássaros
agradecer e alimentar raízes frutíferas
abrir passagem para que a luz do sol toque o coração de todo vegetal
desobstruir os veios das águas
irrigar jardins noturnos
produzir o próprio alimento
elevar um pouco de sorriso aos olhos
olhar como quem abraça uma criança
olhar como quem aperta a mão de um maior
cultivar e alimentar pequenos devaneios
juntar as mãos em pensamento. caminhar de mãos dadas em pensamento

monitorar e solidarizar-se com amizades geograficamente distantes
dependurar o corpo todos os dias e respirar profundo
dependurar o corpo de manhã e de noite
hidratar o chão, molhar a horta
abrir caminhos de irrigação
tomar banhos noturnos ao ar livre
observar e favorecer a realização dos desejos dos jabutis
compreender e facilitar o sentido do crescimento dos vegetais
viajar e trasladar sementes possíveis
amar e conversar honestamente com os animais
recolher as folhas secas e juntar nos pés das árvores
introduzir aromáticas nos hábitos alimentares
agricultar flores que alimentam pássaros
prover água fresca aos polinizadores
farejar amizades adormecidas
ceder lugares de fala
imprimir mobilidade e dancidade aos lugares de fala
desacomodar e reorganizar os lugares de fala
lutar pela governabilidade transmatriarcal
transparecer para ser pai e ser mãe
compreender e atenuar as dores do outro e escutar mais...

como tem sido difícil ficar de pé. só me resta deixar ser tocado pela água do poço na luz da manhã e fazer o olhar cair das alturas que me assombram. construir ou sustentar alguma verticalidade tem sido uma luta muito dolorida e permanente. mantenho um esforço diário de descompressão dos poucos espaços intervertebrais próximos à região do sacro e que incidem sobre a mobilidade ilíaca e dos acetábulos, principalmente o esquerdo. escrita deitada, esta resenha talvez se torne um relato de como me sinto incapaz de produzir uma resenha sobre as sínteses de gonçalo. persegui sua literatura e seus ligeiros escritos por anos, como quem persiste, sem medo das frustrações, em buscar o inalcançável. não deixa de ser curioso que a primeira referência, o primeiro contato tenha caído de paraquedas, de maneira improvável, numa situação de memórias difusas e distorcidas. tinha acabado de dançar o perfume em salvador para poucas e importantes pessoas (importantes sobretudo para mim mesmo). havia perdido o controle, não estava entendendo muito bem o que acontecia. era setembro, primavera de 2012, quando algum dos nossos convidados me apresentou a um senhor grisalho muito simpático, professor de literatura da universidade federal da bahia. que subitamente interceptou o diálogo dizendo que precisava me presentear com um texto que me faria muito sentido, de um jovem escritor angolês, também professor em lisboa, intitulado “arquitetura, natureza e amor”. perfume para argamassa foi uma intervenção urbana que fusionava dança e projeção de imagens no interesse de friccionar a linearidade das formas arquitetônicas com a organicidade das formas botânicas. outro dado estranho, é que a intervenção aconteceu num lugar que havia conhecido e escolhido há 12 anos, em março de 2000. nessa ocasião, não me lembro bem porque, resolvi descer as escadas da antiga casa de oração de jesuítas e, ao conhecer as salas do subsolo, não resisti a emissão de um pensamento em voz alta: quero e ainda vou dançar nesse lugar. a reforma muito bem cuidada manteve vestígios e rastros da construção original e expunha as camadas estruturais como vísceras que a mim, não só tornavam o espaço mais aconchegante, interessante e performativo, mas exigiam uma atitude de respeito com a história e a memória das coisas e dos lugares. enfim, não foi fácil encontrar o texto indicado, mas de fato a implicação ética demandada por gonçalo ao pensamento arquitetônico, reafirmava e fortalecia os impulsos que

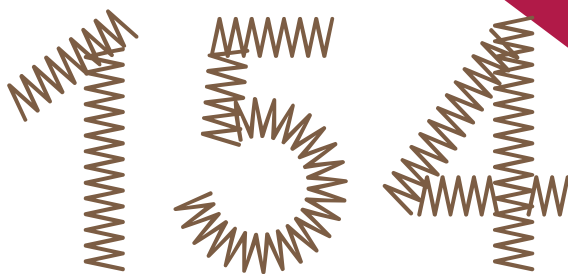
me levaram ao perfume, e até hoje influência na minha escolha pelo desmedido, pelo descabido, pelo imensurável e o desconhecido, que o autor aproxima de maneira magistral ao nosso desajustado conceito de natureza. daí comecei a importar as edições de bolso das biografias ficcionais publicadas pela casa da palavra, e durante muitos anos elegi “o senhor swendenborg e as investigações geométricas” como a principal síntese filosófica das investigações feitas no corpo sobre as imbricações espaço temporais. mas foi no “livro da dança” (segunda edição), que encontrei a imagem sobre a qual me debrucei com maior afinco, e por consequência nomeou a performance audiovisual “deitar o sal” (2014/2016). no livro, gonçalo sugeria o seguinte disparador: “deitar sal na própria CARNE e oferecer-se ao banquete”. propus então que o exercício fosse especificamente deitar o sal na carne humana para que o banquete fosse oferecido aos controversos urubus, os nobres cavaleiros noturnos. num esforço claro de desprezo ao antropocentrismo humano e de empatia aos animais de abate, em especial aos que resistem e sobrevivem aos usos predatórios da terra do boi, mas isso pertence a uma outra história. seguindo esta ideia de empatia a tudo que se localiza numa esfera de outridade que escolho, não sem titubear, sete entre as diversas, desconcertantes e desestabilizadoras sínteses que “compõe o atlas do corpo e da imaginação” e que agora me proponho aproximar e destacar, já que ainda não me aventuro, e nem sinto necessárias quaisquer tipos de explicação ou de justificativa diante do impacto que uma leitura simples e atenta pode evocar ou mesmo acionar.



LUCIANA MARIA RODRIGUES GRESTA



Virginiana com ascendente em Touro. Extraterrestre, se não, fora de lugar. Apaixonada por bichinhos e pelas crianças. Mais observadora do que fazedora. Escutadora de histórias. Professora performer. Arte educadora. Investigadora das narrativas de si como potência pouco estimulada na Educação. Pesquisadora da performance das histórias de si como Pedagogia da Alteridade. Doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília - PPGCEN/UnB. Mestre em Artes pela Universidade de Brasília – Mestrado Profissional em Artes / ProfArtes (2016). Possui graduação em (licenciatura. plena) em Educação Artística - Artes Cênicas pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes (2009) e graduação (bacharelado) em Arquivologia pela Universidade de Brasília (2003). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, muito atuante na Coordenação Pedagógica, com crianças do Ensino Fundamental. Tem experiência na área de Artes, com ênfase na Pedagogia do Teatro; na invenção e na contação de Histórias e produção de performances narrativas partilhadas para despertar os sentidos, criar vínculos, quebrar barreiras hierárquicas entre professor e alunos para fazer emergir, apenas, sujeitos/pessoas. Pesquisa as relações dos sujeitos nos processos de escolarização, os distanciamentos, as potencialidades, as fragilidades, as incongruências e convergências no âmbito das artes das cenas, principalmente, como formas de nos fortalecer enquanto seres planetários que somos.



PRA PEQUENA MENINA PRETA DOS OLHOS DE JABOTICABA... FLORES E ESPINHOS

Querida pequena Lu,

Sei que você, nestes seus tempos tão difíceis, sonha. Sonha com a beleza e o encantamento que somente olhos tão esperançosos, como os seus, são capazes de sonhar. Sonha com a esperança de que somente as pessoas como você, mesmo em horas desesperançadas, são capazes de ter. Sonha em viver as melhores coisas que a vida pode nos oferecer. E como estou no seu futuro, eu sei que muitas coisas você terá. Sei que você viverá muito da beleza que espera viver. Mas eu sei também que nem tudo, em sua vida, minha pequena sonhadora, serão as flores e os encantamentos. Você também viverá muitas horas difíceis. Você verá que talvez a vida não vá ser mesmo um conto de fadas. E verá também que talvez você não seja mesmo a Cinderela. Você vai ter que enfrentar momentos muito difíceis. Muitos. De todas as formas e em diversos lugares, com muitas pessoas. Mas talvez o mais difícil que você irá enfrentar ao longo de muitos anos será um grande mal que muitas meninas sonhadoras como você enfrentam: a depressão! Essa doença pode te ensinar muito, se você estiver atenta a si mesma, de olhos, ouvidos e peito bem aberto para aceitar o que vem e agradecer. São inúmeros os aprendizados!

A depressão te ensina que é preciso respirar, a fim de fazer chegar oxigênio as suas células. Mas a respiração pede pausa, pede calma do corpo e da alma, pede um “sentir” do tempo, do espaço, do som, da (falta de) luz. Você precisará parar, simplesmente, este seu “querer saber” sobre tudo o que virá, ter o controle. Apenas reaprenda a respirar e esperar.

Ela também te faz entender sobre “o todo e a parte”. Quando você expuser sua ansiedade, 155

medo e insegurança, alguém sábio vai te dizer: “Isso não é toda a sua vida, é só parte dela”. Entoe esse mantra e compartilhe-o com os seus.

Ela contribui para o despertar da compreensão da amplitude da vida. Habitue-se a olhar para o céu e a voar, mesmo sem asas. Tudo bem em esperar ser abduzida. Mas quando precisar de coragem para ir para longe da estranheza de ser você, tão sempre fora de lugar, não tenha. Perceba que o espaço que você ocupa é seu também e cabem nele o azul do céu, os pássaros, o vento, as nuvens, o verde das folhas das árvores em movimento, o barulho dos carros passando, enfim, basta fechar seus olhos e respirar. Deite na grama, pés descalços e abrace e converse com uma planta ou árvore. Sempre respondem com afeto e generosidade.

A depressão traz a percepção de outras formas para seu corpo pleno que pulsará ao ver o que ama, se expandirá imaginando, explodirá em gozo quando for tocado. Um corpo que chora, que ri, que afeta, que cabe exatamente na alma que habita e, principalmente, que se gosta e se aceita como é.

Ela vai proporcionar o encontro de sentido em meio ao caos pelo entendimento da função da dor na sua vida, do medo como ameaça real, da tristeza como insatisfação com o mundo, da culpa como falha consigo mesma e com o Outro e da “evitação” experiencial como tática que vai te dificultar a interação. Em processo, aceite as emoções que te mobilizam, se comprometa e, respire.

A depressão vai contribuir para manter a sua essência, apesar do diagnóstico. Portanto, continue a ver rostos por onde olha, a conversar com a espiritualidade e com as presenças misteriosas que te rondam, a escutar sua intuição, a sonhar sonhos de aviso e de significados, a orar pelo Sagrado que está em você, a sentir *Yeshua* protetor ao seu lado o tempo todo, a presenciar aparições, magias e milagres, a olhar para o mundo com esperança, a encantar-se e reencantar-se na crença do poder do amor e da humanidade.

E finalmente, ela vai te dar coragem para prosseguir nos desafios. No seu caminho, menininha, você encontrará os melhores companheiros. Ainda resistirão os medos, muitos, a insegurança, a sensação de incapacidade, inadequação e inferioridade. Entretanto, a vontade de seguir, reconhecendo merecimento e privilégio em cada luta travada, te retroalimentará e te colocará em “lugares” de estranhamentos, atravessamentos, fricções, transgressões e desconstruções. Tenha sempre o que dizer, o que compartilhar e a quem honrar e reverenciar. Lembra das suas brincadeiras de escolinha, quando você sempre era a diretora ou a professora de teatro? Você já gostava de compartilhar histórias!

Desde aquela época, você compreendia como a potência das narrativas se “presentifica” como resistência aos movimentos que subalternizam, diminuem e enfraquecem o ser. Assim, quando oportuno, ouça aqueles que não falam e a quem nunca se escuta. Aqueles que não têm o discurso oficial e não tem seu nome como referência. Aquela que lava a roupa no tanque, que dá de mamar no peito, que apanha do marido e que corre atrás de sustento. Ouça aqueles que vivem debaixo da ponte, que pedem por caridade, que contam histórias. Ouça os que não têm preferência na matrícula ou na fila. Deixe-os falarem, escute. São estas as histórias que verdadeiramente importam, pois tratam do “sentir” de pessoas que pertencem à vida, Vida, VIDA. Deveria haver uma letra além da maiúscula para uma palavra tão linda!

É, Lulu, aprenda que é sempre melhor jogar com a verdade e, quando a depressão vier, que ela seja a sua verdade. Que você possa dormir sem Rivotril, mas com chá de Mulungu; que o Ocitalopram tente te acalmar, já que não é de ferro e, se a questão são as alterações químicas nos neurotransmissores, a falta da serotonina, noradrenalina ou dopamina, reconheça, humildemente, a necessidade de ajuda. Tenha sempre o exemplo da régua da vida e nunca se compare ao dez. Seja cinco, seis, com a maior satisfação de estar viva. E, principalmente, saiba que para atravessar, basta amor e nunca chicote. Açoite não vai funcionar contigo, menina, justamente, porque você é da esfera do Sensível, da gratidão pela Vida, da liberdade poética, do encantamento.

Mas não se iluda, criança! Reafirmo que para ti nada será fácil. Você encontrará pessoas e espaços que sinalizam possibilidades, que te seduzem com discursos decoloniais, que te comovem quando afirmam que você pode ser e escrever o que o seu coração diz, mas não é verdade. E encontrará pessoas amorosas e verdadeiras, como também pessoas horríveis que, constantemente, tentarão te manipular para que você seja o que elas esperam! Saiba que sempre há tempo de abrir os olhos! Ao mesmo tempo, é possível que as dores e as tristezas te tragam inspiração! Muitas vezes você terá vontade de desistir de seus projetos e sonhos, numa desanimação e saudade de um tempo que você nem sabe qual. E terá que ter paciência para seguir convivendo com a diversidade das pessoas, de religiões, times e correntes políticas distintas que, muitas vezes, não estarão pelo bem coletivo, pelo bem comum. O mundo vai virar uma chatice sem fim, tamanho “umbiliguismo”, egoísmo e desamor. Em horas aflitas, o melhor é tentar distrair-se, tentar buscar certa leveza. Assista séries, desenhos, ou não assista nada. Viva o ócio.

Não perca a oportunidade de refletir sobre assuntos que te importam. Pense, por exemplo, na mulher preta que lê sobre racismo na rede social: “ao indivíduo negro é imposto um modelo de identidade branca [...] o racismo atinge o psicológico da pessoa preta de forma violenta, molda personalidade e comportamento, nos reduz a uma casca, a uma sombra do branco”. Coloque-se no lugar dela. Então, pense em você, menina, que também é preta, ouvindo, desde muito cedo que não está adequada aos padrões aceitos e validados. Então você cresce tentando ser e parecer com o branco. Nega sua negritude e adquire um padrão auto exigente para “provar” a si mesma que pode ser tão boa quanto os de pele clara com quem convive. Mas você nunca será branca e, diante da constatação, processualmente, vai perdendo a autoestima e vivenciando sentimentos de inferioridade, de insegurança, de autodesvalorização, de submissão.

Nessa ótica, seu pretense “objeto amoroso” poderá vir a ser, inevitavelmente, um parceiro branco, na busca insana pela aproximação através da “intimidade afetivo-sexual” com a

branquitude. E a ele, provavelmente, você permitirá o direito aos abusos e agressões de toda ordem, incapacitada de reagir pela “percepção” histórica, e socialmente legitimada, de que é “menor” e “pior” que seu algoz e, portanto, merecedora. Muito triste e adoecedor, não é mesmo?

Então, Lulu, caso aconteça contigo, busque questionar sobre suas escolhas quanto a permanecer no “cativeiro” ou a ser “pássaro livre”. Pergunte a si mesmo como agir diferente. E quando escutar alguma outra menina preta dizer que “a conscientização é um processo, não é uma exigência. É um caminho de muitas perguntas, e não um caminho moral, mas de responsabilidade política. É o reconhecimento de algo: o que é que eu faço com o que sei, agora que sei”, sempre reflita. Será algo importante para seu processo de crescimento, mesmo que demore um pouco mais. Afinal, querida, o que é o tempo senão um espasmo, um soluço, uma fenda imaginária longe da nossa compreensão?

E, menina, sempre que precisar, faça poemas sobre si. Eles te ajudam muito a compreender o sentido de tudo e são como a água morna que te cai no corpo e te acolhe no banho, ou a brisa leve que te roça o rosto e sussurra em seu ouvido o silêncio do ser só. Escreva-te. Tenha certeza que a melhor pessoa para estar contigo é você mesma.

Lembra de quando, já aos cinco anos, alfabetizada, ficava isolada na biblioteca da casa grande lendo sobre mitologia greco-romana? Lembra do seu fascínio ao já compreender que os deuses e deusas eram os mesmos, embora tivessem seus nomes diferenciados nas duas versões, e que eram eles que te faziam companhia? Desde aquele tempo você sonhava muito. Foi nessa época também que você começou a desenvolver sua sexualidade, a partir da descoberta do seu corpo, genitália exposta, tocada. Sozinha. Claro que depois deram-te nos aniversários mil livros sobre como nascem os bebês. E foi assim que você, leitora sabida, era quem falava a respeito do assunto com as coleguinhas da sua idade. Até quando chegou aquela vizinha da rua, mais velha e mais sabida...!

Lembra daquele quarto de fundos que durante muitos anos na infância foi seu castelo? Lembra do medo que você tinha de ser despejada ou expulsa dele quando via sua mãe se rebelar diante de maldades as quais era submetida? Ainda tão pequena você tinha medo de perder o seu teto e oscilava entre torcer pela reação da sua mãe-herói ou pela “quietitude” dela. E você aprendeu que era melhor aceitar, adaptar-se. Será importante que, no futuro, Lulu, você compreenda e acolha a sua mãe, por tudo o que ela pôde e soube fazer por ti. Quem sabe você possa reconstruir a história e a memória das mulheres ancestrais da sua família? Você verá o quanto é forte através da força e resiliência delas.

É, menina, será importante ter memória, pois lembrar é ressignificar. Mas não se recorde somente do que não te fez feliz. Lembra do campeonato feminino de handball da quinta série no Colégio Frei Orlando? Lembra de como foram divididos os times? Você, menina, nunca poderia mesmo fazer parte do time das “loiras” da escola. Seus óculos “fundo de garrafa”, suas longas pernas finas, suas costas arqueadas para esconder os seios, sua negritude, sua timidez e sua inteligência te catapultavam para o grupo das “nerds” que, pelo achismo da maioria, nunca poderiam ganhar uma partida sequer. Mas acontece que, por ironia ou presente do destino, o time desacreditado chegou a final e venceu o campeonato, mesmo que as loiras comentassem, aos quatro cantos da escola, como havia sido possível que as “feias” fossem vitoriosas. Parece uma história boba, mas naquele ano, vocês passaram a caminhar “bonitas” e de cabeça erguida na escola, pela força e resistência que demonstraram em quadra e, certamente, que demonstram na vida. Depois deste fato, a menina Lu corajosa, apresentou seu genuíno projeto na aula da disciplina Moral e Cívica, que se intitulava “Como seria se fosse”, no qual narrava os vários contextos culturais em que as pessoas seriam negras e não brancas. Com a sua direção, lembra do quanto foi criativa a apresentação da Xuxa preta e de outros personagens pretos representados pelos seus colegas? Um sucesso, apesar das críticas das meninas que se sentiram excluídas por serem brancas. Hein?

Saiba, Lulu, que estes fragmentos de histórias podem ser importantes para você quando decidir se conhecer melhor. Repare no quanto eles podem ser educativos, considerando que são narrativas de representação da vida e de recriação da memória pelo ato de narrar a alguém com o compromisso da escuta sensível. Você se recorda de todas as vezes, quando criança, que precisou falar ou ser ouvida pelo adulto, na escola ou na vida cotidiana? Então, se desejar enveredar por esse caminho, pesquisar a respeito, tenha estas narrativas orais como poéticas que emergem de pessoas comuns, de suas próprias vidas e histórias, oportunize revisitá-las a partir de seus próprios “corpos perceptos-afectados”. Esses corpos memoriais que carregam em si sua própria teoria de linguagem comunicativa, orgânica e subjetiva.

Entenda que você precisará ler muito e deverá priorizar aqueles que falam com paixão e pela experiência. Vou te sugerir seres mágicos, menina, tal como Walter Benjamin que define a narrativa como “forma artesanal de comunicação [...] que mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. Enxergue poesia nessa fala, compreendendo a tal coisa como o “cognoscere” de cada um, compartilhado com o outro, tornado “interconhecimento”. E sim, dê a devida importância a esse “outro”, a audiência da narrativa performada, comunicada, que também se transforma quando escuta, quando partilha.

Persista no que acredita, mesmo quando estiver em meio ao academicismo que poderá, de algum modo, reforçar seu sentimento de inadequação pela exigência maior da razão que a emoção; pela imposição de padrões de escrita, de leitura, de pesquisa. Quanto a isso, não se preocupe, o universo vai te favorecer colocando em seu caminho alguém generoso o bastante para te orientar. Mas, talvez, você tenha que convencê-lo da importância de tratar daquelas narrativas como memórias de experiências, num campo fértil, inventivo e humanizado que te permitirá produzir uma identidade pessoal, de ligação dos seus eus que existiram desde sua concepção até o momento presente.

Ah! É provável que você tenha muita dificuldade em ter uma base de sustentação, um núcleo comum, um porto seguro, tanto na vida cotidiana, quanto na vida acadêmica. Considerando a sua história de vida, você terá que lutar contra a insegurança em todos os espaços nos quais você se atrever a ocupar. Desaprenda muito, reveja sentidos e significados fixos e engessados. Flexibilize-se. Não seja tão ingênua. Grite também. Defenda-se. Aceite as suas loucuras, as suas dores, mas te perceba, também, forte. Estenda esta potência também para o campo acadêmico, pois será necessário. Se resolver virar pesquisadora, você terá que perder o medo de falar em público, se pronunciar, defender as suas ideias. Mande à merda. Seja ácida, na mesma medida que é doce. Se for da tua vontade, divulgue mesmo, como prática educativa potente, este movimento narrativo retrospectivo temporal, de retomada das histórias do passado, considerando o momento presente, de forma a construir entendimentos sobre as experiências vividas e o prospectivo, de reviver as experiências no presente, agora ressignificadas. Crie vínculos, no amadurecimento do emergir destas intervenções performato-narrativas ou narrativo-performativas no seu campo de atuação que, desconfio, será a Educação. Lá, crie seus próprios conceitos, mesmo aqueles paridos intuitivamente.

Pense, Lulu, em virar uma pesquisadora da memória para o entendimento do seu caminho teórico-metodológico. Memória está relacionada a ancestralidade, a experiências ancestrais compartilhadas, a des-cobrimentos: uma pesquisa narrativa descobrindo identidades, sobre o que já fomos, o que somos e o que estamos nos tornando. Essa perspectiva pessoal-temporal é formativa, na medida em que se dão tais descobrimentos em coletividade. Quando se conta a história de si, automaticamente, se conta a história de outros. Somos todos protagonistas, coadjuvantes, habitantes de um mesmo ecossistema. Talvez seja exatamente disto que você precise: de celebrar suas ancestrais, seu passado, como fonte geradora de saberes para sua existência terrena no presente. Talvez assim você consiga quebrar esta trava que te impede de falar dos episódios de racismos cotidianos que te

feriram tanto. Falar deles é difícil porque, tal qual a mulher que apanha e se culpa, você também se culpa por sentir-se, assim, tão inadequada e tão não pertencente ao mundo.

De fato, certas histórias vão te acompanhar para a vida, menina. E como elas pesam. No futuro, psicólogos e terapeutas talvez recomendem que esqueça o passado e cresça, seja uma mulher adulta em franca superação. Mas que tal se, como provável educadora que será, você ampliasse o seu pensar para a compreensão de uma prática artística que te aproximasse das crianças em franca parecença contigo, para investigar e ouvir delas as respostas para uma série de questões: Como é ser uma criança preta na escola? Como pensar numa prática artístico-educativa a partir das narrativas dessas crianças? O que elas teriam para contar? Por quê contar histórias vividas através de performances narrativas? Em que medida essas performances narrativas tornam-se espaços de consciência ou de resistência? E tantas outras questões, Lulu, faça delas um devir pessoal potente. Uma pesquisa para ir de encontro a este ambiente mantenedor de mecanismos de opressão que é a Escola. Dialogue, afetivamente, com autoras pretas, principalmente, buscando estabelecer relações de identificação das narrativas pessoais como prática situada. São autoras que travam suas lutas contra os racismos institucionais e cotidianos. Não deixe de expor as suas tentativas de branqueamento como estratégia de sobrevivência. Investigue as narrativas que se contrapõem ao corpo “dócil”, “submetido”, “subalternizado” e as formas de ação da branquitude crítica e acrítica.

Em seu caminho, menina, uma autora te provocará afetos, identificações, reverberações, “tapas” de chamamento para a não “glorificação da história colonial”. Ela contará sobre as dificuldades pelas quais passou em espaços onde a tratavam como se ela estivesse “fora de lugar”. Compartilhará sua trajetória de enfrentamentos, de resistência ao “processo político ativo de desumanização” que a tornava a “outra”, escravizada, subalternizada, à margem. Falará com propriedade da fome coletiva do povo negro de “ganhar a voz”, ter a escuta, “escrever como ato político em oposição absoluta ao que o projeto colonial

determinou” para que “os sujeitos tenham o direito de definir suas próprias realidades, identidades e histórias”. Seu nome é Grada Kilomba e, certamente, as narrativas dela te transformarão.

E, claro, Lulu, saiba que, decidindo por este caminho como pesquisadora, deverá esclarecer o que quer dizer com as terminologias que emprega. Optando pelas narrativas, se encontrará no campo da performance a partir do exame da vida cotidiana. Richard Schechner poderá te amparar a partir da definição de performance como prática provisória, processual, lúdica, na qual gênero, raça e identidade pessoal são potências a serem alçadas. Nesse sentido, valerá a pena inspirar-se, também, em Gilberto Icle que, poeticamente, reforça que “Performance e Educação se fazem no corpo, com o corpo e para o corpo, com o olhar do outro, em corpo compartilhado, partilhado na ação de fazer e olhar, interagir e reagir”. E, claro, você terá toda a sorte de diálogos com Pneaus, Zunthors, Candinins, Santos, enfim, uma infinidade de gente grande e sensível.

Ainda assim, é provável que você, menina, tente sabotar a si mesma. Mesmo que pense que a narração é a experiência do encontro e, assim, por si só, pedagógica, te causará estranhamento esta lógica utilitarista que te cabe tratar como futura pesquisadora. Ora, para quem queria falar da essencialidade da partilha, da escuta e do afeto da experiência do contar, internamente, será complexa a compreensão da questão estrutural do racismo como tema e você sentirá que não vai dar conta. Solucione-se partindo do entremeio, da encruzilhada, da inércia, do inútil e deixe rolar, acontecer, fluir. Deixe as narrativas te habitarem e, depois, te desabitarem. Onde quer que se chegue ou não se chegue, a certeza será a beleza do encontro.

É, Lulu, te escrevo agora falando do seu futuro, como uma premonição dos seus caminhos. Sorte a sua ter alguém como eu para te alertar. Ou azar. Talvez fosse melhor perpassar por tudo no escuro. O mundo seria bem mais interessante se vivêssemos sob a perspectiva fluida do aceitar o que vem, como uma benção. Ser pesquisadora é uma benção, se você

considerar que poderá viver num País cujos representantes não darão o menor valor para a Educação, para a Ciência, para a Pesquisa. É assustador, não é mesmo? Então lute, mesmo que a sua vontade seja sucumbir. Volto a afirmar que sua Vida nunca foi nem será fácil para ti. Você nasceu para provar que existem outras Cinderelas, outros encantamentos. E que os desencantamentos são tão importantes quanto.

Para finalizar, querida Lu, te peço paciência, pois o que está ruim, poderá, sim, piorar. E conhecendo bem você, imagino que não será possível alienar-se disso. Falo sobre uma pandemia por um tal vírus chamado de Covid-19. Você terá que ser forte para compreender que não se trata da cura do corpo físico, mas da cura interior através da caridade e da humildade no entendimento de que somos seres planetários e precisamos, sim, uns dos outros. Será um momento de reflexão e de transformação íntima, profunda. A doença será terrível e provocará desencarnes coletivos súbitos. E mesmo que apareçam vacinas para combatê-la, elas só funcionarão se o corpo estiver preparado para recebê-las, em vibração de amor e fé. Você, menina, não terá dificuldade em não interagir com as pessoas, mas sentirá na pele a dor de quem precisa, vitalmente, dessa interação para sobreviver. Perceberá o quanto sofrem aqueles que são obrigados ao isolamento. Então, sentirá compaixão diante da situação ao se colocar no lugar deles. A experiência vai te trazer, sobretudo, aprendizados. Estará, também, aflita por respostas e condicionada a se relacionar virtualmente para não se infectar, nem infectar o outro. Terá que lidar com a sua falta de habilidades com as novas tecnologias e com a impaciência de conviver com pessoas que vão negar a relevância, a gravidade e a necessidade de responsabilidade social diante da crise mundial.

Diante desse quadro, a sua vida será transformada, assim como tudo o que se propuser a fazer neste momento. Não há como ser diferente. Evidentemente, o Universo ainda vai te presentear com algumas surpresas, positivas e negativas. Não quero assustar-te, criança, mas será tudo para o seu crescimento. Aprenda a enxergar tudo como benção, até mesmo

aqueles momentos mais dolorosos. Perceberá o quanto você é privilegiada por ter saúde, que é o que mais vai importar quando tudo acontecer. Seu corpo será como uma fortaleza e, por maiores que sejam as somatizações, ele evidenciará, em poeticidade própria, sua forma de estar no mundo.

Beijos,

Luciana aos 47.

P.S.:

Não ando bem para dar conselhos a você, pequena Lu. Aliás, ando bem mal, bem ácida, bem desesperançosa.

Esta coisa de 94 mortes por dia; 288 pessoas a espera de um leito de UTI; de mortes, mortes e mortes por falta de oxigênio, de remédio, de assistência médica; de crianças, adultos e velhos morrendo, mulheres e homens, pessoas; de terceira, quarta e quinta onda, tsunamis; de cepas de Manaus, do Rio, de Áfricas, da Europa, de Marte; de vacinas dadas, não dadas, fraudadas e em falta; da politização da doença, das políticas doentes, dos políticos dementes;

De brigas familiares; pai e filho rompendo, mesmo depois de vivenciarem a experiência de terem COVID e se recuperarem; mãe como meio e fim;

Da memória que não lembra de nada que lê;

De remédios que não funcionam, do choro que vem, da dor e do peso que carrega o ombro, deslocado, endurecido, travado;

Da improdutividade;

Da inércia;

Do cansaço do corpo, sem energia, sem dia, sem libido, sem luz, insone, em transe;

Do res-piro, oxi-gênio; inspira e expira, puxa pelo nariz, enche o peito, solta pela boca, rôta;

Do sentimento de menos-valia quando vejo que a maioria das pessoas segue a vida, mesmo em pandemia, no caos social, na depressão, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença;

Do brilho do outro, que invejo, que não alcanço, que não pareço, que não aguento só;

Do que espero, do que esperam de mim, da comparação, da espera minha por ir, nem que seja por um segundo, longe, num sopro, numa nave;

Da falta da poesia certa, da poética exata, da escrita romantizada, da emoção prevista, lida, computada, pensada, preparada, ensacada, delimitada, profanada, inapropriada;

Da obrigatoriedade de rescrever uma carta que nasceu com um objetivo e o perdeu no meio do caminho, pelo menos, para mim, já que era para falar do que se vivia naquele momento da disciplina, sem regra de fala, sem regra de escrita, sem padronizações, sem razão, sem nada;

Apenas fruição; Deleite;

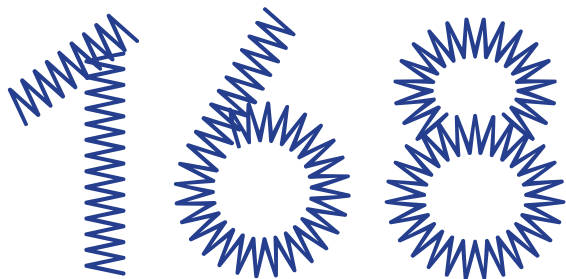
Estou exausta.

Se houvesse uma escola de Ensino Fundamental aberta agora, eu ia correndo para junto dos meus lá, das crianças, dos bichos.

MARIA OLIVEIRA VILLAR DE QUEIROZ



Arquiteta, Figurinista de formação, Cenógrafa, Figurinista e Bonequeira por paixão! Formada em arquitetura e urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ (2004), projetou em sua diplomação uma Roça de Candomblé, e mais tarde teve a honra de ter os primeiros projetos aprovados para três candomblés urbanos na grande Belo Horizonte (2008). Escreveu sua dissertação de tese sobre os espaços de cozinhar no Brasil colônia Batuque na Cozinha, ainda na FAU-UnB (2009) ao mesmo tempo em que vira brincante do grupo candango Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro. Depois de sete anos de terreiro vira mãe de Luzia (2013) e passa a trabalhar cenografia e indumentária com outros grupos e cias de teatro e dança de Brasília, quando aprofunda ainda mais sua amizade com mamulengueiros do DF (2015). Com a estreita relação entre as soluções evidenciadas entre dispositivos em pensar a cena e a cenografia, pouco a pouco torna-se bonequeira. Hoje é uma das interlocutoras do bem material de Teatro de Bonecos Populares do Nordeste no DF (2019), junto a mamulengueiras e mamulengueiros onde aprende muito e contribui no que é possível para a preservação e continuidade desse bem inventariado pelo IPHAN. Também leciona Cenografia, Indumentária e Caracterização na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes.



ENQUANTO NÃO ÓCIO

Brasília, dezembro de 2020

A MARIO DE ANDRADE

*Mestre querido.
Nas muitas horas breves que me fizestes ganhar
a vosso lado dizíeis da vossa confiança pela arte
livre e sincera... Não de mim, mas de vossa
experiência recebi a coragem da minha Verdade
e o orgulho do meu Ideal.
Permiti-me que ora vos oferte êste livro que
de vós me veio. Prouvera Deus! nunca vos
perturbe a dúvida feroz de Adriano Sixte...
Mas não sei, Mestre, si me perdoareis a distância
mediada entre estes poemas e vossas altíssimas
lições... Recebei no vosso perdão o esforço
do escolhido por vós para único discípulo;
daquele que nêste momento de martírio muito
a medo inda vos chama o seu Guia, o seu Mestre,
o seu Senhor.*

Mario de Andrade

*14 de DEZEMBRO de 1921 - S. PAULO
(In Pauliceia Desvairada, 1922)*

Querida Maria,

Como me sugeriu Luzia, começo dizendo: eu também sou Maria Villar. Escrevo uma carta para mim, mas ao contrário do Mestre Mario, não consigo escrever esta que segue me tratando por você.

Neste ano de 2020, próximo dois mil e desgraça mais vinte, tenho em mãos e cabeça a continuidade da pesquisa em cenografia; indumentária e caracterização; espaço e território; escalas e proporções de cenas na perspectiva da materialidade de brinquedos e de objetos fortes como a Tolda, a Roda e o Estandarte. Continuo acreditando na potência de análise espacial dos territórios criados para a brincadeira pela presença destes objetos construídos e agora constructos de ideias, conceitos e léxico para pensar outros territórios e outras teatralidades.

Confesso ter a impressão de trabalho de Sísifo, não o da pesquisa, mas o de sobreviver e me pensar na cultura ainda à imagem do golpe de 2016, e em plena pandemia do novo vírus em 2020. Sob a imagem funesta de um presidente protofascista, cuja sombra cobre *miles* de mortos, a pesquisa deveria ser colocada de lado e a vida ser vivida à indignação. Mas, talvez, ir ao fim do que me propus em 2019 ao iniciar a pós-graduação, seja minha parcela de resistência diante da onda conservadora neoliberal que vence tantos pelo cansaço, doença e desistência de sonhos.

No entanto, o desafio é incerto, a dedicação confinada e confiar na pesquisa se faz necessário para a desistência não ser o próximo demônio. Assim, me apego na admiração pelo vasto e interdisciplinar fazer das manifestações populares, no meu afeto pela percepção promissora para investigar de maneira combinada cenografia, figurino, adereços e objetos de cena, ações geralmente amalgamadas em folguedos e manifestações espetaculares tradicionais, exemplos do que chamo por cenografia e indumentária no entendimento da completude identitária para uma cena. Foi princípio percebido e intencionado para escrever o pré-projeto, para iniciar este momento na pesquisa e agora, por sua continuidade.

Assim, de início em análises espaciais livres e sinceras, coloquei no projeto para o ingresso na pós, a potencialidade (não) exata de três escalas proporcionais de cena: a proporção do Mamulengo, da roda de Cavalinho e de um cortejo de Maracatu de Baque Solto.

Logo, a proporção do que é visto como cena possibilitando a ocupação e conquista menor ou maior de territórios cotidianos, urbanos ou fora do edifício teatral, ou, simplesmente nas ruas.

Também no projeto, evidenciei os objetos-fortes e centralizadores de análise: a barraca ou Tolda, a evocada Roda e a agigantada bandeira, o Estandarte, respectivos ao Mamulengo, ao Cavalo e ao Maracatu. Hoje, percebo ter dado uma atenção maior a um conceito apreendido por mim em leituras a fim de legitimar minha percepção livre como completude identitária, a *Tarefa Material*, afirmação cunhada por Eduard Gordon Craig como o ofício de execução dos cenários e da indumentária. Apesar de nomear de maneira simples, porém absoluta sobre a tal completude, no decorrer da pesquisa o conceito está adormecido.

O fascínio pela *Tarefa Material*, pois assim o foi ao encontrar Fausto Viana reverenciando Gordon Craig em *O figurino Teatral e as Renovações do séc. XX* (2010); precisei que poderia usá-lo como conceito definidor e significante. Compreensão semelhante, porém, substituta a ideia de direção de arte, essa mais usada no cinema que nos estudos teatrais, talvez tenha sido a procura por legitimação de alguém de fora das cênicas. Passado um ano de disciplinas na pós, os conceitos surgem relacionados às práticas e aos pensamentos juntos a exercícios criativos próprios de criação e construção em arquitetura, cenário, figurino e bonecaria.

Desapegar ao mote aconteceu naturalmente por admiração aos objetos e à afirmação dos totens: a Tolda, estrutura – palco – empanada é principalmente foco e percepção do espaço do brinquedo; a Roda, é espaço construído por público e espetáculo, centro do território deste brinquedo e, naquele momento, centro daquele universo em sua totalidade; o Estandarte, farol no cortejo não está preso a rochedo, mas é símbolo dominante de continente, na nação brincante, onde é símbolo de território.

Trata-se de uma questão espacial, dimensional, perpassando pelas soluções praticadas por artistas sobre desses três objetos, mas percebo que pensar estes objetos é pensar o brinquedo todo e inicialmente, penso em suas constâncias. Por exemplo, os três brinquedos possuem o protagonismo dos oprimidos, a participação do público, a invenção de vocabulário, o hibridismo poético, o improvisado na cena, a paisagem sonora peculiar,

a complexidade e totalidade de seu universo, o interstício aberto no cotidiano quando presentes, o borrão nas fronteiras do imaginário trazido pela brincadeira, criando, ocupando novos territórios, e, Mateus.

Os três brinquedos possuem uma figura de mesmo nome. E essa figura, me parece, tem um significado além brincadeira. No Mamulengo, o Mateus se comporta como uma espécie de “mestre de cerimônias”, ele puxa as músicas, conversa com os bonecos, traduz corruptelas incompreensíveis e conclui falas. No entanto, há tempos não usa mais indumentária específica, nem pintura no rosto. No Cavalo Marinho e no Maracatu são figuras mesmas, iguais em indumentária e comportamento, porém com diferentes funções. No Cavalo, o Mateus geralmente abre a roda com seu parceiro Bastião e está todo o tempo negociando a empreitada, é figura palhaça e mantém a assistência “acesa” na longa brincadeira de uma noite. No Maracatu Rural, abre alas junto aos melados, Caçador com Burra e Catirina, além de passar o chapéu.

Mateus é negociador de empreitadas, retrato do passado rural nas usinas de cana, negocia seu trabalho e seu papel. Em territórios ocupados negocia a percepção da brincadeira com a plateia, faculdade a ser transferida aos objetos da pesquisa, negociação feita entre: artista e objeto, plateia e objeto e da construção do objeto e sua função. Percebo nesta figura um ineditismo, ao mesmo tempo que provavelmente se repete em várias outras personagens com função de intermediar com plateias, e me fascina por ser figura lascada e, de algum modo, detentora da situação. É um destes arquétipos perfeitamente passível de símbolo de persona brasileiríssima, malandra e palhaça ao qual pensamos: e agora, o que mais negociar?

O que mais negociar? Nem sei, eu distante da forja de Mateus não sei como negociar. É só trabalho e morte “nos tempos de então”. Maria, mulher, mãe, dona de casa, branca, professora e pesquisadora, não tenho negociado, tenho pensado o outro lado do bordado... O lado feio, o avesso, o não aparente. Na atualidade o visto tem forma definida, o retangular das telas e a vida se resumem a reuniões remotas enquadradas em uma realidade congelada nessa geometria. Ninguém fica para trás diz o slogan, mas ninguém vê as dores do outro, só as estatísticas, tão geométricas quanto as reuniões. Estamos indiferentes? Não acho. Mas está estranho, está crescendo uma dor no estômago, não sei se é gastrite ou tristeza, ou os dois.

E por pensar no não visto, conversando com os colegas pesquisadores do doutorado e principalmente com as mães, acabei por dar a tônica da pesquisa neste semestre pandêmico, remoto, isolado, pensando a respeito do Visto e do Não Visto. Se o outro lado do bordado não é bonito, o resultado é comemorado. Mas o caos está presente, é só virar ao revés. E pretender o não visto na metáfora do bordado me leva ao ato. O ato de bordar.

Um avesso e o ato, me leva ao antes, o não visto reverberando em objetos construídos, costurados, vestidos e brincados nas ruas e nos palcos. O que seria avesso e ato?

A parte não vista dos “meus” três objetos Tolda, Roda e Estandarte podem ser muitas. Seriam as memoráveis e repetidas por aqueles que mantêm fazeres ou ofícios passados por gerações de artesãos; os mitos, superstições e religiosidades envolvidas, além das tradições que costuram a lida e plástica destes objetos? Como o lado contrário de um bordado, as revelações são daqueles que o fazem, mas certamente envolvem tradição e comunidade.

Parte do ofício destes objetos, envolve costura e fazeres de outros como os mencionados acima, e nem sempre chamados por nós pesquisadores de brincantes. Por exemplo, a participação das mulheres. Presentes no Cavalo Marinho, fora das rodas, são essenciais para execução de diversas partes das indumentárias, da costura e de outras atividades. Por outro lado, estão recentes e pouco a pouco inseridas na roda Baianas, Pastorinhas junto aos Galantes, recitando versos, participando na dança dos arcos e não mais tão raro, botando figura.

Outros saberes como o corte do mulungu para a escultura dos bonecos no Mamulengo, como o trato das bexigas de boi secas e transformadas em objetos cênicos no Cavalo Marinho e a construção de chapéus e bicharia no Maracatu de Baque Solto, parecem mais palpáveis para descrever a totalidade a qual persigo. Analisar certas constâncias de cenas por meio de ofícios criadores e fazedores nominado por cenografias e indumentárias, ou como o meu bentinho constructo, o bordado. Pois o que se analisa e apresenta é algo pensado, feito, antes aprendido ou autodidata, mas possui outro lado o avesso, geralmente não mostrado, provocador de certo mistério e de perguntas: não é só o como é feito, mas por que é assim?

E então a imagem do Estandarte, como síntese de uma teatralidade, também é o de análise de objetos de mesmo significado e ação, torna-se material e as perguntas são sobre o avesso ou o não visto, no caso, quem são as pessoas que o fizeram, como o fazem, como o usam, como o enxergam e como espera que os outros o enxerguem. Tratar do objeto-estandarte em si, relacionado aos conceitos da cenografia e da indumentária sem perder a oportunidade de contextualizar ante a tradição e a historiografia.

Como usam o objeto, como o enxergam e o que esperam que os outros enxerguem. Intenciono essas percepções relacionadas aos inúmeros objetos, trajes e adereços feitos para serem vistos, a imagem do estandarte me serve como caminho a percorrer na pesquisa ou a finalizar. Sim penso ser esta a questão, o bordado e o avesso do bordado me levaram ao visto e o não visto e os meus objetos-estandarte Tolda, Roda e Estandarte me levam ao fim da pesquisa. Na verdade, me levam a uma outra metáfora, a do *Entoto*.

No desenvolvimento do pré-projeto para seleção do doutorado, pensava principalmente em como falar sobre tamanhos/escalas/proporções de teatralidades, no caso na rua, sobre ser visto, ocupando território/espço menor ou maior, mas, segundo a cenografia e a indumentária. O fato de pensar a proporção de teatralidades na rua através destas materialidades parece passível de ser dissolvida em cenas de poéticas outras que não brinquedos, ou folguedos populares. No entanto gosto de pensar em iniciar a pesquisa assim, com estes objetos fortes, significantes, a ponto de poder defini-los como estandartes de uma identidade, de um brinquedo. Construir e desconstruir estes objetos e criar um léxico interessante à cenografia e indumentária na rua e por fim, da potência apreendida do constructo destas materialidades, torná-las *Entoto*.

Entoto nos candomblés de nação Angola é um retângulo cavado no piso, recebendo fundamentos dentro, localiza-se no centro do Barracão e é feito na fundação da casa. Posteriormente é fechado como piso onde dançam os *Inkisis*, ou os orixás na nação Angola. Está marcado no chão, mas remete a uma coluna de ligação entre as entranhas da terra e o *Orum* o mundo das divindades, dos orixás, oposição ao *Aiê*, o mundo físico. Em alguns candomblés *Jêje* esta coluna é física, o *Ixé*, em candomblés *Ketu* é um pilão dedicado a Xangô. No meio do terreiro, o umbigo do mundo, daquele mundo.

O conceito de *Entoto* e por sequência do *Ixé*, traz aos três objetos a potência que definem brinquedo e capacidade de centralizar território para brincadeira ou para uma certa teatralidade. Tolda, Roda e Estandarte me remetem ao *Entoto* quando representam a presença, por essência e imposição de conquista ou da abertura de interstício do imaginário, do simbólico, em locais onde são implementados. Para a pesquisa é um conceito extraordinário por possibilitar as características potentes nos três objetos apreendidos para explicar e analisar proporção e escala de teatralidades outras que não as de brinquedo ou tradição, sem a presença dos mesmos.

Me pergunto como seria a presença ou fundamento destes símbolos quando ausentes?

Inicialmente, creio, encontrando as mesmas características proporcionais, e quais capacidades definidoras do alcance do território ou da teatralidade, me questiono se seria a paisagem sonora ou o número de artistas, a formatação do espaço entre público e artista(s), se seria a indumentária distinta tornando uma certa pessoa com qualidades de standarte, ou ainda, a negociação de objetos ou pessoas com a percepção do espaço?

Por enquanto, estou percebendo quais as constâncias percebidas nos brinquedos, relacionar quais as novas; como se dá o comportamento do público em frontalidade, de roda, de cardume, de cortejo, ou híbridas; como é o jogo das poéticas usadas como auxílio para reunião da assistência, e se há paisagem sonora e qual seu alcance; como são as fronteiras do uso primeiro ou comum e em mesmo instante borradas por público e teatralidade; se há uma espécie de Mateus pessoa ou objeto, negociando a atenção e território e perceber se cumpre a proporção de Tolda, Roda ou Estandarte e assim definir escala, e a partir do território criado para teatralidade elegendo a presença da centralidade ou radiação desta proporção como uma coluna do *Entoto*, finalizando a qualidade de Tolda, Roda ou Estandarte.

Reconheço, me animei com a possibilidade de bordar entontos, como antes bordei standartes, mas agora standarte também é proporção e território portanto, o fundamento quadrangular das casas de Angola, a coluna de ligação entre terra e firmamento e este, incerto urdimento nos folguedos e poéticas outras nas ruas, análise de cenografia e figurino que me encanta. Também me alivia ter um fim ou caminho já que percebi a pesquisa como algo em transformação. Tenho prazer também por utilizar um conceito

ligado a outro momento da vida, doutra feita, guardado como descoberta arquitetônica. *Entoto* também define espaço, já estive nesse espaço.

Pois que, por enquanto, dividir o espaço com outros é risco a vida, sigo pensando espaços como lugar de receber cena e o que a compõe na pesquisa e na prática, portanto o futuro. Mas é danado... Pensar o reencontro em circunstâncias sombrias em que todos se encontram. Estou acostumada ao trabalho precarizado ou mal pago, situação distinta do ineditismo de então. Não sei muito bem como projetar o futuro. Às vezes me pergunto por que fazemos planos em montar um laboratório, fazer uma roda de mulheres, o projeto de um curso de extensão ou uma viagem? Sei lá. Por que é necessário para seguir? Não sei, mas é fato, a burocracia não mudou diante da devastação pandêmica. A formalidade ou as normas, ou o um quarto de bolsa que me foi de direito, me obrigam a não deixar a “peteca cair”.

E nem quero que caia. Mas penso que como sociedade estamos em um fim de mundo e início de outro, e se o porvir for a hegemonia do estado mínimo, do neofascismo e de outros retrocessos ilícitos? E junto a todas essas angústias impossíveis de serem ignoradas, ir de encontro aos conceitos que me abrem picada para seguir é num esforço de facção, leituras, encontros remotos em disciplinas, grupos de estudos e de repente, um lampejo! Uma ideia e a necessidade imensa de responder às demandas acadêmicas ilustrando uma ideia com um bordado. E texto e bordado vão se embaralhando à realidade e não se soltam mais.

Com esforço me vejo defendendo - além da continuidade da pesquisa - a pausa para agulha, linha e desenho no pano. Tenho pensado o avesso, bordo, viro diversas vezes, vejo desenho e revés aparecerem juntos, me canso. Porque atualmente em uníssono, nascimento e morte, vida doméstica e trabalho, academia e corpo estafado, pós-graduação e alfabetização, tornam-se realidade.

Percebo mais uma vez o manifesto: a necessidade do fazer, desta feita o bordado, é parte da minha pesquisa. O fazer é a pesquisa. Valei-me Mateus, que a negociação é dura e quando se faz negócio, não é o ócio que se inicia. Saudades do ócio.

Enquanto não ócio, vou da materialidade provinda de objetos segundo percepções como Tolda e Estandarte, o visto, e da própria faculdade da Roda objeto evocado, abrir picada

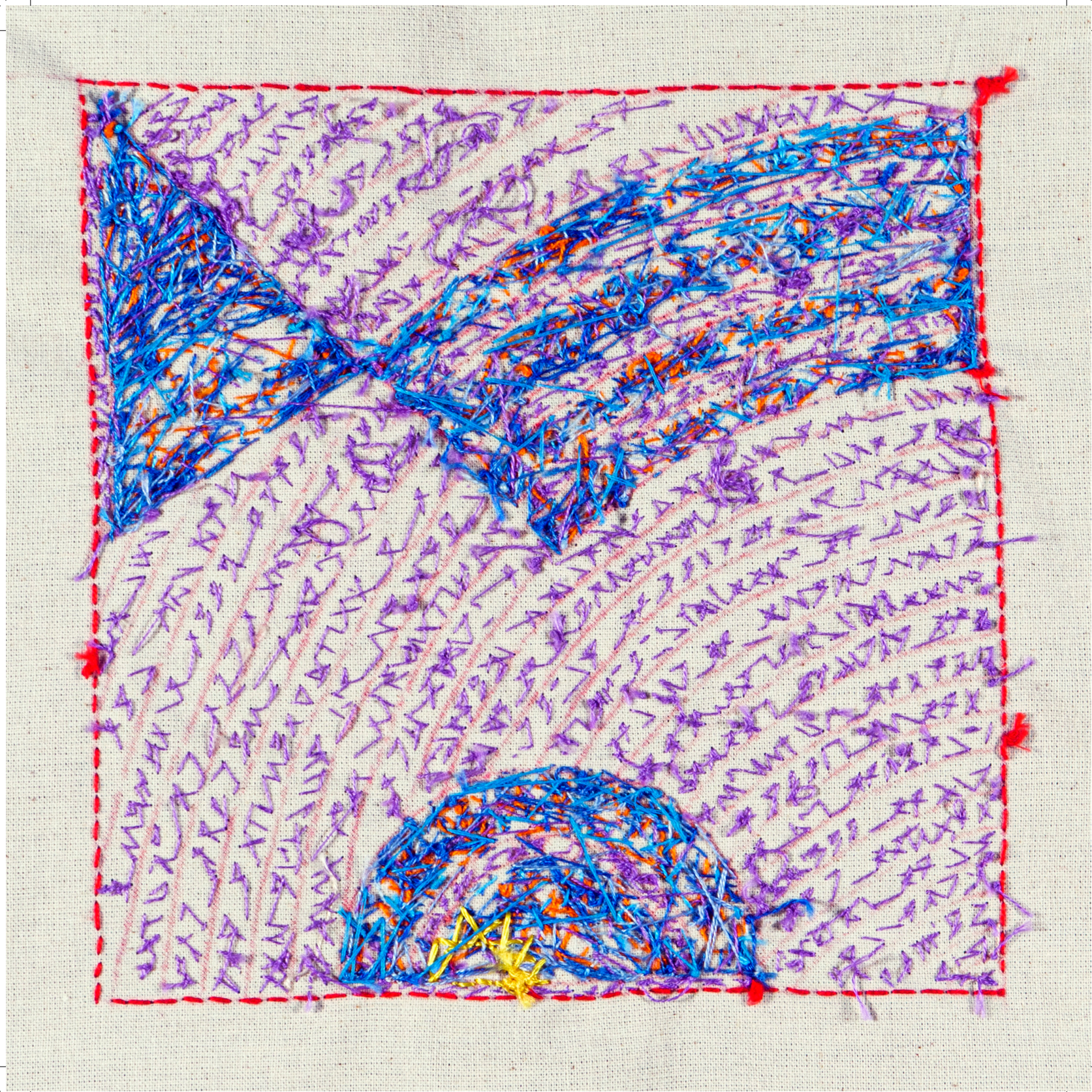
para o não visto e finalizar em novas searas possibilitadas pelo Entoto. Mas também vou de bordado, fingindo ócio, homenageando amigos presentes e outros que infelizmente partiram.

Espero que eu goste,

Maria Villar.

Dedico esta carta escrita para mim ao Corpo-Altar *Alberto Roberto Costa*.





AUTORES E AUTORAS

Graça Veloso

Ada Luana Rodrigues de Almeida

Adailson Costa dos Santos

Adriana Ferreira Coelho Lodi

Barbara Duarte Benatti

Belister Rocha Paulino

Danilo Henrique Faria Mota

Débora Cristina Sales da Cruz Vieira

Gabriel Coelho Mendonça

kleber damaso bueno

Liubliana Silva Moreira Siqueira

Luciana Maria Rodrigues Gresta

Maria Oliveira Villar de Queiroz



Este livro foi patrocinado pela Chamada Simplificada 02/2020 de Apoio à produção, revisão, tradução, editoração, confecção e publicação de conteúdos científico-acadêmicos e de divulgação das atividades desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

ADA LUANA RODRIGUES DE ALMEIDA - ADRIANA FERREIRA COELHO LODI - BARBARA

MARIA VILLAR DE QUEIROZ

LUCIANA MARIA RODRIGUES GRESTA

DUARTE BENATTI - BELISTER ROCHA PAULINO - DANILLO HENRIQUE FARIA MOTA

GABRIEL MENDONÇA - KLEBER DAMASO BUENO

DEBORA C



ISBN: 978-65-88507-12-4



CDL

6 9786588507124